



NIA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA

5

***A**PONTAMENTOS*

de Arqueologia e Património

JAN 2010

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **Núcleo de Investigação Arqueológica – NIA**

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Janeiro de 2010**

Capa: excerto de fotografia de António Valera

(escavações no sítio neolítico do Palácio dos Lumiares,
Bairro Alto, Lisboa)

Contactos

e envio de originais: nia@era-arqueologia.pt

Os originais deverão ter um máximo de oito a dez páginas A4, dactilografadas a um espaço e meio (letra Arial, tamanho 10), incluindo referências bibliográficas. Imagens são entregues à parte, juntamente com resumo em inglês (ou português se a língua do texto for outra – inglês, francês ou castelhano).

Revista Electrónica Trimestral

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.



ÍNDICE

EDITORIAL	05
-----------------	----

António Carlos Valera, Tiago Nunes e Cláudia Costa ENTERRAMENTOS DE CANÍDEOS NO NEOLÍTICO: A FOSSA 5 DE CORÇA 1 (BRINCHES, SERPA)	07
---	----

António Carlos Valera CONSTRUÇÃO DA TEMPORALIDADE DOS PERDIGÕES: CONTEXTOS NEOLÍTICOS DA ÁREA CENTRAL	19
---	----

Nelson Cabaço RESTOS FAUNÍSTICOS EM CONTEXTOS DO NEOLÍTICO FINAL DO SECTOR Q DO RECINTO DOS PERDIGÕES (REGUENGOS DE MONSARAZ)	27
--	----

António Carlos Valera MARFIM NO RECINTO CALCOLÍTICO DOS PERDIGÕES (1): “LÚNULAS”, FRAGMENTAÇÃO E ONTOLOGIA DOS ARTEFACTOS	31
---	----

Ana Maria Silva, António Carlos Valera Cláudia Costa e Maria Isabel Dias A NEW RESEARCH PROJECT ON FUNERARY PRACTICES AT PERDIGÕES ENCLOSURE	43
---	----

António Carlos Valera e Victor Filipe
OUTEIRO ALTO 2 (BRINCHES, SERPA): NOTA PRELIMINAR
SOBRE UM ESPAÇO FUNERÁRIO E DE SOCIALIZAÇÃO
DO NEOLÍTICO FINAL À IDADE DO BRONZE 49

António Carlos Valera
GESTÃO DA MORTE NO 3º MILÉNIO AC
NO PORTO TORRÃO (FERREIRA DO ALENTEJO):
UM PRIMEIRO CONTRIBUTO PARA A SUA ESPACIALIDADE 57

Iola Filipe, Inês Simão Ricardo Godinho
e Sandra Brazuna
TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS REALIZADOS NO
PARQUE DA CIDADE: NOVOS CONTRIBUTOS PARA
A HISTÓRIA DE LAGOS EM ÉPOCA MODERNA. 63

Luís Lobato de Faria e Eunice Alfaiate Gomes
ARQUEOLOGIA DE SALVAMENTO NA IRLANDA:
UMA PERSPECTIVA PORTUGUESA NO TERRENO69



EDITORIAL

Neste número a Pré-História Recente volta a ser predominante. Em grande medida, a razão de ser desta circunstância prende-se com a importância relativa que dois grandes projectos têm vindo a assumir na actividade da Era Arqueologia, um há mais tempo, outro durante o último ano.

O primeiro caso corresponde ao incremento da investigação no Complexo Arqueológico dos Perdigões, cujo Programa Global (Valera, Jorge e Lago, 2008) tem vindo a sofrer um significativo desenvolvimento. Quatro dos nove textos publicados dizem-lhe respeito, divulgando os resultados das escavações de 2009 e as suas implicações no conhecimento da temporalidade do sítio, reflectindo sobre um conjunto de artefactos em marfim e apresentando um novo projecto financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

O segundo, relaciona-se com a participação da ERA no mega projecto de minimização do empreendimento da rede de rega de Alqueva, trabalhos onde a componente da Pré-História Recente tem surgido com preponderância e com resultados científicos mais relevantes, os quais, em muitos aspectos, se articulam com as problemáticas dos Perdigões. De entre as muitas e importantes novidades, são apresentados preliminarmente os contextos funerários em torno ao Porto Torrão, o notável contexto do Outeiro Alto 2 e uma fossa neolítica que serve de pretexto a uma primeira abordagem à deposição de canídeos em Portugal neste período.

Fogem a esta temática geral os dois últimos textos, um dedicado a uma intervenção num contexto moderno em Lagos e outro que nos revela o testemunho de dois arqueólogos portugueses sobre a sua experiência na Arqueologia Empresarial Irlandesa.

No seu conjunto, estes textos fornecem informação de recente produção que, em certas temáticas, está em perfeita consonância com os “ecos” do momento. A sua rápida divulgação (cumprindo um dos objectivos da Apontamentos), certamente será útil para quem, como nós, gosta de trabalhar numa Arqueologia com consequência científica e social.

António Carlos Valera

Referência Bibliográfica:

VALERA, A.C., JORGE, P. e LAGO, M. (2008), “O complexo arqueológico dos Perdigões. Breve percurso de uma Arqueologia de minimização a uma Arqueologia em construção e em sociedade”, *Almadan*, II série, 16, p.115-123.

ENTERRAMENTOS DE CANÍDEOS NO NEOLÍTICO: A FOSSA 5 DE CORÇA 1 (BRINCHES, SERPA).

António Carlos Valera¹
Tiago Nunes¹
Cláudia Costa²

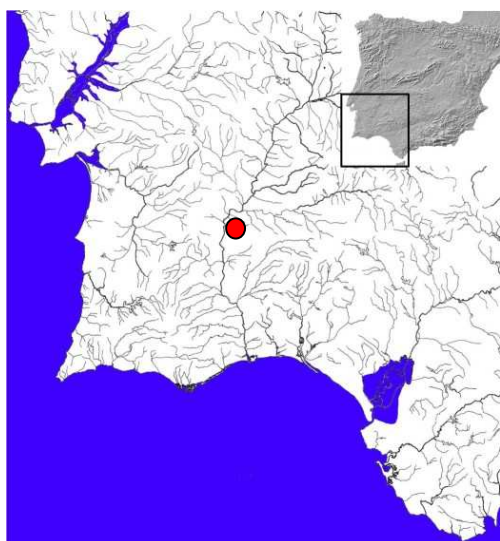


Figura 1 – Localização do sítio de Corça 1 na Península Ibérica.

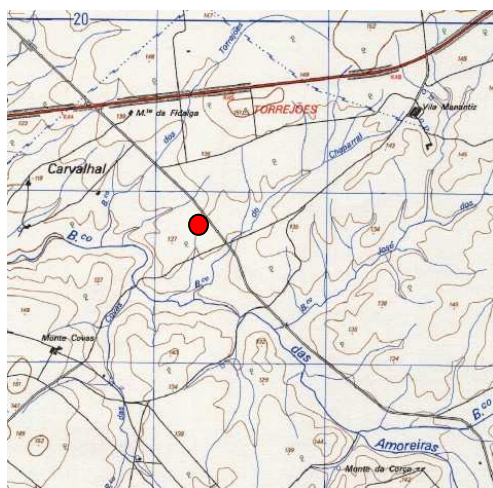


Figura 2 – Localização na CMP, 1:25000, fl.512.

1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos no sítio de Corça 1 foram realizados pela ERA Arqueologia S.A. no âmbito da minimização de impactes sobre o património cultural decorrente das obras promovidas pela EDIA, S.A. para implementação do Bloco de Rega de Orada – Amoreira (Fase prévia à obra).

O local situa-se na margem direita da Ribeira das Amoreiras, subsidiária do Guadiana (margem esquerda), implantando-se a meio da vertente ocidental da elevação suave onde se encontra o marco geodésico de Torrejões (151m). Trata-se de uma vertente de inclinação pouco acentuada, cortada por algumas linhas de água que a drenam para a referida Ribeira das Amoreiras.

Do ponto de vista geológico, o local implanta-se numa estreita faixa de calcários que bordeja o encaixe da ribeira, não longe de uma série de terraços do Guadiana.

O sítio encontrava-se classificado como um casal de cronologia romana, sendo visível uma dispersão de materiais à superfície (fragmentos de cerâmica comum e de construção, escória e fragmentos de *opus signinum*) que se estendem pelo cerro e pela vertente voltada para a Ribeira das Amoreiras.

As intervenções³, realizadas ao longo da área afectada pela conduta nas zonas em que se detectaram possíveis ocorrências de interesse arqueológico, permitiram identificar um conjunto de estruturas negativas em fossa que se encontravam preenchidas por depósitos contendo materiais romanos. Todavia, entre essas estruturas foi detectada e escavada uma outra fossa (Fossa 5) que correspondia a um contexto Pré-Histórico, com uma cronologia atribuível ao Neolítico Final. É exclusivamente essa fossa que o presente texto aborda.

2. A Fossa 5: morfologia e estratigrafia.

Trata-se de uma fossa de planta circular (algo irregular na boca) e um perfil grosseiramente troncocónico, com paredes igualmente irregulares e um estreitamento junto à boca (nos primeiros 30 cm). Tem uma profundidade que ronda os 2,30 m, uma base aplanada com um diâmetro máximo de

¹ Era Arqueologia S.A.

² Bolseira de Doutoramento FCT – Universidade do Algarve

³ Dirigidas por Tiago Nunes e coordenadas por Sandra Brazuna.



Figura 3 – Sequência da escavação da Fossa 5.

cerca de 2,70 m, sendo o diâmetro da boca um pouco superior a 1,7 m. O seu volume aproximado é de 11m³.

De acordo com o relatório de escavação, esta fossa era preenchida por quatro depósitos relativamente espessos, com uma sedimentação tendencialmente horizontal. Descrevendo-os do topo para a base, o primeiro era constituído por um sedimento areno-argiloso castanho escuro [UE804], tendo cerca de 50 cm de espessura, que forneceu fragmentos de cerâmica manual e fauna.

Seguia-se um outro depósito de características areno-argilosas e de cor castanha [805], com uma espessura máxima de cerca de 90 cm, contendo vários fragmentos de cerâmica, restos de pedra polida e fauna.

Após a remoção da unidade [805] ficou exposto um sedimento argiloso castanho claro e compacto [806], contendo algumas pedras de médias dimensões e onde também se verificou a presença de cerâmica manual e alguns elementos líticos, destacando-se um fragmento de machado, uma lasca de quartzito e alguns seixos rolados. No interior deste depósito registou-se a deposição de um cão, cujo esqueleto se encontrava em conexão anatómica [807], entre outros restos faunísticos.

O último enchimento [808] era constituído por um sedimento areno-argiloso de tonalidade castanho claro/bege com inclusões de caliços, contendo o mesmo tipo de materiais cerâmicos e faunísticos do depósito anterior, acrescidos de dois fragmentos de dormentes de mó de granito.

3. Os enterramentos de canídeos

De acordo com o registo de campo, a deposição de um canídeo, cujo esqueleto preservado se encontraria em conexão anatómica, ocorreu num momento de formação do depósito [806], quando a fossa já se encontrava preenchida em cerca de 70 cm. Os sedimentos que lhe eram subjacentes e os que os cobriam não eram distinguíveis, pelo que apenas o animal serve como marco diferenciador de um plano no interior do depósito [806], cuja horizontalidade é, assim, definida artificialmente.

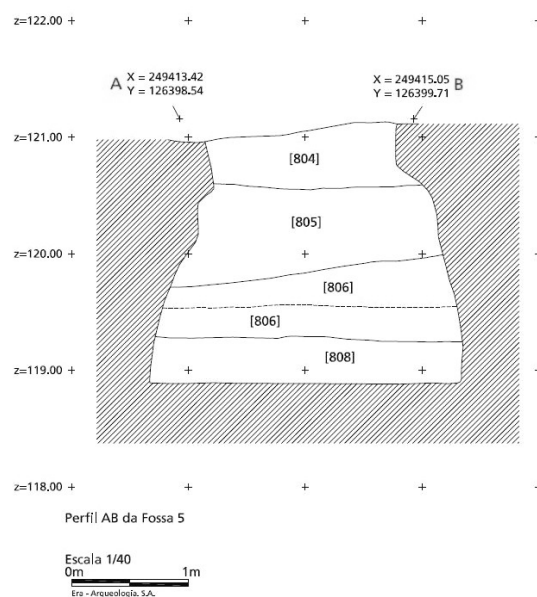


Figura 4 – Corte da Fossa 5. A linha separadora no interior da [806] marca o plano de deposição do animal.

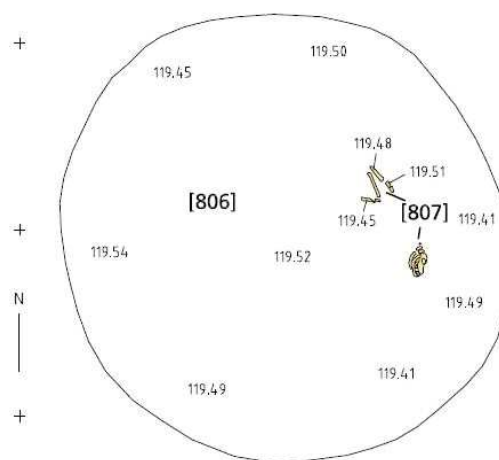


Figura 5 – Restos de esqueleto de canídeo depositado na Fossa 5.



Figura 6 – Plano da deposição do canídeo e pormenor do crânio.

O animal encontrava-se depositado num espaço lateralizado da fossa, no seu lado Este, com a cabeça orientada a Sul.

O esqueleto já se encontrava parcialmente incompleto, resultado de processos de natureza tafonómica, tendo sido, contudo, e dada a sua fragilidade, algo afectado durante a escavação arqueológica. Preservaram-se essencialmente a cabeça e arranque da coluna e os quartos traseiros, conforme estudo arqueozoológico apresentado adiante.

Aparentemente, não existiam materiais arqueológicos passíveis de serem interpretados como directamente associados ao animal, sendo os materiais contidos no depósito (sempre muito fracturados) em tudo idênticos aos contidos nos restantes depósitos.

Já no depósito que cobria a UE806, a UE805, registou-se um conjunto de ossos de pata canídeo, os quais, embora não tenha sido detectada em escavação qualquer conexão anatómica, poderão corresponder a uma única pata (que, a ser assim, seria dianteira – cf. Ponto 5).

4. Materiais arqueológicos e cronologia relativa

O conjunto de materiais arqueológicos recolhido no interior da fossa é claramente dominado pelos materiais cerâmicos, sempre muito fragmentados e com raras remontagens, que nunca atingem grandes percentagens das peças.

A análise tipológica das morfologias cerâmicas (quadro 1) revela um conjunto claramente dominado pela taça carenada (domínio reforçado pelo número de fragmentos de carena sem bordo), estando presentes as variantes de acordo com a altura da carena e morfologia do colo.

Recipientes cerâmicos						
Tipos / UEs	804	805	806	808	Totais	%
Taças			2	1	3	3,7
Taças Carenadas	2	4	13	19	38	46,9
Carena alta e colo rombóide			1	1		
Carena baixa e colo troncocónico	1	1	2	5		
Carena média e colo troncocónico	1		1	2		
Carena baixa e colo hiperbolóide		3	9	11		
Vaso carenado				1	1	1,2
Tigelas		1	1	2	4	4,9
Tigelas abertas			1	2		
Tigelas fechadas		1				
Esféricos		3	3	3	9	11,1
Globulares		6	13	5	24	29,6
Globulares simples		5	3	3		
Globulares c/ pega		1	9	1		
Globulares com colo			1	1		
Tipo "em saco"				2	2	2,5
Totais formas	2	14	32	33	81	
Indeterminados	5	3	13	24	45	
Bojos	213	215	220	64	712	
Bojo c/ pega			6	2	8	
Frag. Carenas de taças	4	8	9	22	43	
Totais de fragmentos	224	240	280	145	889	

Quadro 1 – Classificação dos recipientes cerâmicos. Totais e por unidade estratigráfica.

Em termos da sequência estratigráfica, verifica-se um aumento do número de fragmentos em profundidade, sem que se registem alterações significantes do ponto de vista das morfologias.

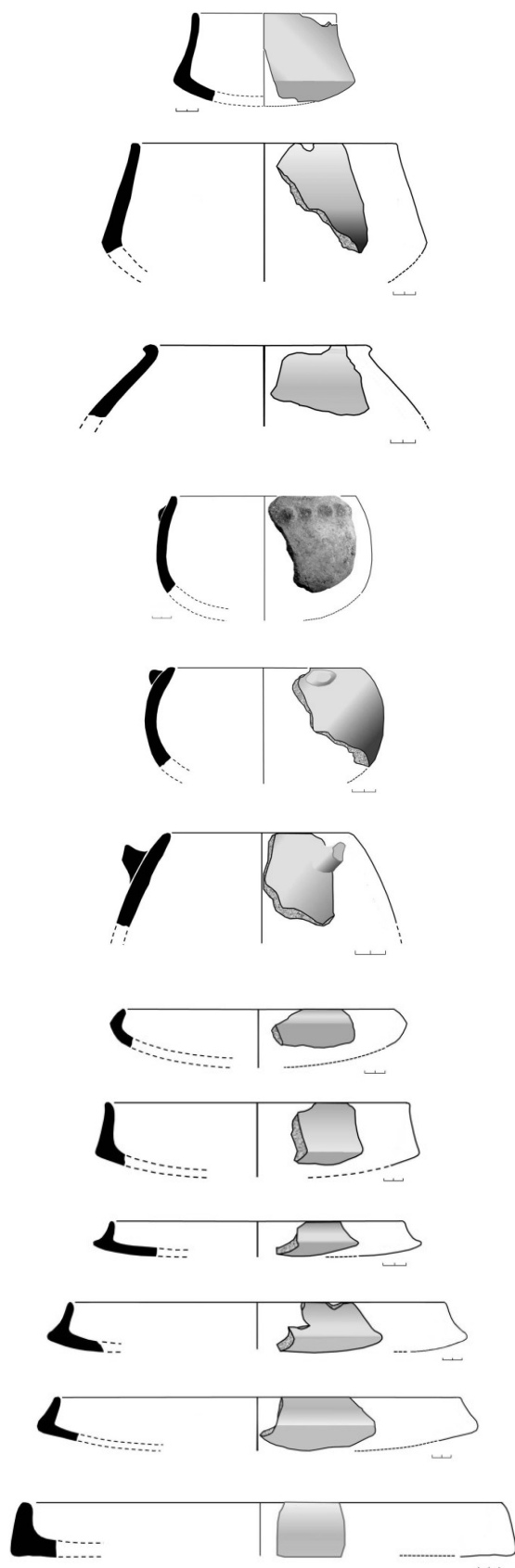


Figura 7 – Morfologias dos recipientes cerâmicos presentes na fossa (escalas de 2 cm).

A decoração é rara, existindo apenas uma peça com decoração através de uma banda de mamilos múltiplos junto ao bordo e três peças almagradas (uma delas correspondente a um bordo de globular).

Ainda em cerâmica, registou-se um cabo de uma grande colher.

Quanto aos materiais líticos, estes são relativamente escassos, resumindo-se a dois fragmentos de gumes de utensílios de pedra polida (machados), uma lasca sobre seixo de quartzito, um seixo rolado com talhe unifacial periférico numa das extremidades (formando um gume), três seixos rolados e três fragmentos de dormentes de mó manual. De notar que todos os elementos de moagem se encontravam abaixo do plano de deposição do canídeo.

Tipos / UEs	Líticos				Totais
	804	805	806	808	
Frag. de machado		1	1		2
Lasca de quartzito			1		1
Seixo rolado talhado			1		1
Seixo rolado			3		3
Dormentes			1	2	3

Quadro 2 – Materiais líticos registados.

Com base na componente artefactual, sobretudo no que concerne à componente cerâmica, este contexto pode ser atribuído ao final do Neolítico, enquadrável na 2ª metade do 4º milénio AC.

5. Análise zooarqueológica

No que diz respeito à fauna, foram recuperados 97 restos de vertebrados, exclusivamente mamíferos, e um fragmento de bivalve unionáceo, distribuídos pelas unidades estratigráficas detectadas em escavação.

A identificação específica dos mamíferos foi realizada com recurso à colecção de referência do IGESPAR. A falta de elementos de diagnose não permitiu a determinação dos elementos de *Sus* sp. e *Ovis/Capra*, pelo que serão classificados apenas ao nível do género, no primeiro caso, e pela designação de grupo morfológico no segundo.

As espécies identificadas são o cão, o veado, o boi doméstico além de suínos não determinados e dos ovinos/caprinos, cuja representação anatómica e distribuição estratigráfica se encontra expressa nos quadros 2, 3 e 4.

Apesar de se verificar que o cão é o *taxon* melhor representado em número de restos (*vide infra*), em número de indivíduos partilha o primeiro lugar da lista com o grupo dos suínos, reportando-se cada um a dois indivíduos. Os suínos estão representados por apenas dois elementos, uma

mandíbula com o M3 ainda incluso e um úmero imaturo não fundido à epífise distal, pertencentes a dois indivíduos em fases etárias distintas: o úmero pertencerá a um animal infantil a mandíbula a um sub adulto, com idade superior a um ano (Silver, 1969, Bridault *et al*, 2000).

O veado está representado por um fragmento de haste e um fragmento de metacarpo; o boi doméstico apenas por dois restos dentários além de um fragmento de haste classificado como *Bos* sp.; os ovinos/caprinos estão representados por uma mandíbula e um molar solto, remetendo para a presença de apenas um único indivíduo.

Os restos de cão estão repartidos por duas unidades estratigráficas, como se poderá observar no Quadro 5. A unidade 805 revelou uma ulna direita e quatro fragmentos distais de metápodos, além de um fragmento de costela de animal de tamanho compatível interpretada como pertencente ao mesmo *taxon* (tendo sido a única fauna recolhida nesta unidade).

Um segundo indivíduo foi recolhido na unidade 806, composto por 42 elementos. Trata-se, segundo informações da intervenção de campo, de um enterramento de um único indivíduo, possivelmente ainda em articulação quase completa. Os ossos encontram-se, no geral, com a superfície bem preservada, embora com um elevado grau de fragmentação devido à manipulação durante a escavação arqueológica. Não apresenta marcas *post-mortem* de origem antrópica ou animal.

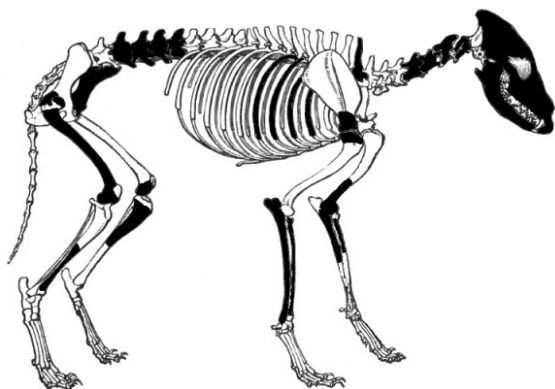


Figura 8 – Distribuição anatómica dos restos de *Canis familiaris* da UE 806.

O estado de maturação dos ossos revela um indivíduo jovem. Segundo Silver 1969 (p. 252-253), a idade deste cão situar-se-á entre os 6 meses e o 11/12 meses de idade, pois escápula e pélvis apresentam-se completamente ossificados, mas não o úmero distal e os rádios.

Quanto ao fragmento de bivalve da UE 808, não reunia condições que possibilitassem a classificação ao nível da espécie. Foi, no entanto integrado na Superfamília dos Unionáceos, animais que povoam ambientes fluviais.

Espécies	NTR	MNI
<i>Cervus elaphus</i> (veado)	2	1
<i>Bos taurus</i> (boi doméstico)	2	1
<i>Bos</i> sp. (auroque/boi doméstico)	1	1
<i>Ovis/Capra</i> (ovelha/cabra)	2	1
<i>Sus</i> sp. (javali/porco)	2	1
<i>Canis familiaris</i> (cão)	38	2

Quadro 3 – Lista de espécies representadas.

UE 804	<i>Cervus elaphus</i>	<i>Bos</i> sp.	<i>Bos taurus</i>	<i>Ovis/ Capra</i>	<i>Sus</i> sp.	M. grande porte	M. médio porte
Dentes soltos			1	1			
Haste		1					
Mandíbula				1			
Costela						1	1
Escápula							1
Úmero					1		
Metacarpo	1						
Ossos longos							9
Total	1	1	1	2	1	1	11

Quadro 4 – Lista taxonómica da UE804.

UE 806	<i>Cervus elaphus</i>	<i>Bos taurus</i>	<i>Sus</i> sp.	<i>Canis familiaris</i>	M. grande porte	M. médio porte
Dentes soltos		1				
Haste	1					
Crânio				1		
Mandíbula				2	1	
Vértebras				12		
Costela				1		
Escápula				10		
Úmero				2		
Rádio				2		
Ulna				2		
Metacarpo V				1		
Metacarpo				1		
Pélvis				2		
Fémur				2		
Tíbia				1		
Fíbula				1		
Metapodos indeterminados				1		
Ossos longos					2	2
Fragmentos indeterminados					2	3
Total	1	1	1	42	5	5

Quadro 5 – Lista taxonómica da UE806.

UE 808	M. grande porte	M. médio porte	M. não identificado	Bivalve unionáceo
Fragmento de concha				1
Costela		3		
Ossos longos	3	1		
Fragmentos indeterminados			4	
Total	3	4	4	1

Quadro 6 – Lista taxonómica da UE808.

	805	806
Crânio		1
Mandíbula esquerda		1
Mandíbula direita		1
Atlas		1
Áxis		1
Vértebras cervicais		2
Vértebras torácicas		1
Vértebras lombares		4
Vértebras indiferenciadas		2
Sacro		1
Costelas	1	10
Escápula direita		1
Úmero esquerdo		1
Úmero direito		1
Rádio esquerdo		1
Rádio direito		1
Ulna esquerda		1
Ulna direita	1	1
Metacarpo V esquerdo		1
Pélvis esquerdo		1
Pélvis direito		1
Fémur esquerdo		1
Fémur direito		1
Tíbia esquerda		1
Tíbia direita		1
Fíbula esquerda		1
Metapodo não identificado	4	1
Total	6	42

Quadro 7 – Distribuição de restos de *Canis familiaris* pelas Unidades Estratigráficas.

6. Discussão. Abordagem preliminar ao tratamento funerário de cães: “Is it ritual or rubbish?” (Hill, 1996)

A valorização desta fossa está, antes de tudo mais, limitada pela natureza restrita da intervenção, a qual não permite perceber o contexto em que a mesma se insere, nomeadamente se se trata de uma estrutura isolada ou integrada num conjunto mais vasto deste ou outro tipo de estruturas negativas e/ou positivas.

Contudo, e apesar de se tratar apenas de uma fossa, o contexto de Corça 1 ganha particular relevância pela presença de uma deposição primária de um canídeo e, possivelmente, de uma pata de outro.

Até há relativamente pouco tempo, a presença de esqueletos inteiros e articulados de animais em contextos da Pré-História Portuguesa era relativamente escassa. Essa escassez ficava a dever-se, sobretudo, ao reduzido número de contextos de fossas e fossos escavados em território nacional, contextos onde essas deposições se verificam com mais frequência.

A última década, contudo, graças a alguns projectos de investigação e valorização (como são os casos dos Perdigueiros ou de Alcalar) e a vários projectos de minimização de impactes (de que se destacam os da rede de rega de Alqueva), inúmeros contextos de fossos e de fossas têm sido intervencionados, o que tem vindo a mudar o panorama arqueológico da Pré-História Recente no sul de Portugal.

Praticamente desconhecidos até há bem pouco tempo, os tradicionalmente designados “campos de silos” (tão comuns na vizinha Andaluzia e nas Mesetas), constituídos por aglomerações de fossas que podem ir de algumas unidades ou dezenas a várias centenas destas estruturas, começam a povoar o registo arqueológico alentejano. Paralelamente, e como acontece por toda a Europa, agrupamentos de fossas surgem associadas a recintos de fossos, cujo número tem igualmente vindo a aumentar no Sul de Portugal (veja-se, por exemplo, Valera e Filipe, neste volume).

Esta circunstância tem possibilitado que determinadas problemáticas relativas a este tipo de contextos arqueológicos, há muito em debate no palco europeu, tenham já começado (ou estejam a começar) a ser trabalhadas igualmente em Portugal.

É o caso das deposições de canídeos do Neolítico e Calcolítico, em cuja problemática o contexto de Corça 1 se constitui como uma das primeiras evidências de enterramento separado (não associado a restos osteológicos humanos) em fossa documentado para o Neolítico do actual território português.

Esta situação remete-nos para o já clássico problema, sintetizado pela pergunta de Hill no título deste ponto, da identificação de enterramentos ritualizados de cães *versus* o simples descarte da carcaça de um animal morto. Trata-se, naturalmente, de uma versão do problema mais amplo relativo à identificação e interpretação da *intenção* em Arqueologia (sobretudo na Pré-histórica) e do debate em torno do que tem vindo a ser designado por “deposições estruturadas” (Hill, 1996; Márquez Romero, 2006).

Esta designação tem sido utilizada para preencher um certo vazio semântico resultante da crítica à aplicação da noção de lixo e de descarte desvalorizado, a que se dá pouca ou nenhuma importância (Hill, 2000). A crítica reside na percepção de que “aquilo que é hoje dessacralizado e entendido como desperdício, a que não se atribui valor e do qual nos despojamos em actos mecânicos e praticamente destituídos de significado, poderia, em contextos sociais distintos, corresponder a acções imbuídas de profundo sentido, resultando em deposições estruturadas e não simples acumulações desordenadas e caóticas de detritos” (Valera, 2006:160).

“Deposição estruturada” surge, assim, como uma designação que nos salvaguarda da projecção precipitada de práticas e referenciais modernos sobre comunidades passadas, permitindo contemplar a possibilidade de intenções e sentidos relevantes nessas práticas e a construção de uma Arqueologia, no dizer de Hill, mais

contrastante relativamente a concepções mais próprias do presente. Porém, como sublinha Olsen (2000), a designação em si não oferece quaisquer explicações ou interpretações sobre a natureza dessas deposições. A pergunta, portanto, mantém-se: que significa a deposição de um canídeo, e possivelmente de mais uma pata igualmente de canídeo, numa fossa? Será um enterramento ritualizado e envolvido por simbolismos e crenças, ou simples descarte?

Neste texto são enunciados apenas alguns problemas relacionados com esta questão, já que estão em preparação duas outras publicações de análise mais detalhada relativas ao tratamento funerário de cães neste período e à deposição de patas de animais em contextos funerários da Pré-História Recente (por ACV e CC).

As evidências da prática de enterramento de cães são quase tão antigas como a sua domesticação (Benecke, 1987; Tchernov e Valla, 1997; Dayan e Galili, 2000) no próximo oriente, onde aparecem associados a enterramentos humanos. Na Europa Ocidental continental, o cão doméstico (*Canis familiaris*) está atestado desde o final do Paleolítico na região Alpina (Arbogast *et al.*, 2005) e, depois, no Epipaleolítico tardio em França (Chaix, 2000) e no Mesolítico nos países nórdicos, aqui em contextos de verdadeiro enterramento funerário (Larsson, 1990), ou na Suíça (Arbogast *et al.*, 2005). Na Península Ibérica estará já presente no Magdalenense (Altuna e Mariezkuarena, 1985). Por outro lado, em termos indirectos, e apesar das disputas interpretativas e cronológicas que podem suscitar, o cão aparece já bem representado na arte levantina (Jiménez Lorente e Ayala Juan, 2006). Contudo, independentemente da discussão sobre a sua antiguidade, e com a informação disponível de momento, o problema do enterramento deliberado de cães na Península Ibérica parece iniciar-se somente a partir do Neolítico.

Durante o Neolítico e o Calcolítico, são frequentes os enterramentos de cães, sobretudo em fossas e fossos. Poderemos sintetizar as situações da seguinte maneira (sem a pretensão de sermos exaustivos):

a) deposição de um cão inteiro isolado, associado ou não a restos de outros animais, como será o caso da deposição da UE806 da fossa de Corça 1, de várias situações no Camino de las Yeseras (Concepción Blasco e Rios, 2005-2006; Liesau *e tal.*, 2008), Polideportivo de Martos (Cámara Serrano *et al.*, 2008), Pijotilla (Hurtado, 1991) ou no Cerro de la Cervera (Asquerino, 1979);

b) deposição de vários cães inteiros, associados ou não a restos de outros animais. São disso exemplo a fossa 62 de Los Cascajos (Navarra) com dois canídeos (García Gazoláz e Sesma Sesma, 2007), ou a estrutura XII do Polideportivo de Martos (Andaluzia), onde foram depositados 5 cães em torno à cabeça de um Javali – Cámara Serrano *et al.*, 2008) ou ainda da estrutura E3 em Dolores Quintanilla de Carmona (Márquez Romero, 2006).

c) deposição de partes anatómicas desarticuladas de cães, nomeadamente partes cranianas ou patas, isoladas ou em

associação a outros restos de animais. Aqui, os exemplos são igualmente variados, dos quais salientamos os 8 crânios (com as respectivas primeiras vértebras cervicais) numa grande fossa do Camino de las Yeseras (Concepción Blasco e Rios, 2005-2006; Liesau *e tal.*, 2008), os crânios no interior de fossos nos Perdigões (Valera, 2008a) ou um esqueleto parcial na Gruta de Marizulo (Altuna, 1994).

d) Deposições de cães ou restos desarticulados (normalmente partes cranianas) associados a enterramentos humanos, situação que, em Portugal, pode ser exemplificada por uma fossa do Monte das Covas 3, São Matias – Beja, (Miguel e Godinho, 2009) onde parte de um esqueleto de canídeo se associava a restos de vários indivíduos (em número mínimo de 16) e alguns outros restos de fauna, ou ainda as patas depositadas na Anta 3 de Santa Margarida, em Reguengos de Monsaraz (Moreno García, 2003). Contudo, a evidência mais significativa será a, recentemente noticiada, descoberta dos enterramentos do sítio de Camino del Molino, Murcia, datados da segunda metade do 3º milénio (contexto campaniforme), onde restos de mais de 1300 indivíduos são acompanhados por cinquenta esqueletos completos de cães (Lomba Maurandi, *e t al.*, 2009).

Estas situações revelam, antes de mais, uma significativa diversidade do tratamento dos restos de canídeos, mas, simultaneamente, algumas recorrências que levantam um conjunto de questões importantes, não só para a questão de Hill, mas também para o problema (situado a montante daquela) do estatuto dos cães e dos animais em geral durante a Pré-História Recente.

Começamos pela questão do consumo de cão, situação que tem sido assumida para várias zonas da Europa no período considerado (Sanchis e Sarrión, 2004; Arbogast *et al.*, 2005). Em termos peninsulares as evidências de consumo, com níveis aceitáveis de sustentabilidade, são relativamente raras antes da Idade do Bronze. Para a área valenciana é afirmado que “hasta el tercer milenio a.C. no contamos con pruebas de la posible utilización de estos cánidos con fines alimenticios” (*idem*, 2004: 162). Esta observação reside no facto de as marcas de desarticulação e descarte ocorrerem no sítio de Les Jovales, considerada, para aquela região, a evidência mais antiga relacionável com o consumo de cão. Pelo contrário, essas evidências tornam-se bastante mais frequentes para a Idade do Bronze, tanto na região valenciana como na Meseta Sul ou na área argárica (Driesch e Boessneck, 1980; Sanchis e Sarrión, 2004). No Ocidente peninsular, contudo, não existem conhecidas quaisquer ocorrências passíveis de serem consistentemente relacionadas com o consumo destes animais durante o Neolítico e o Calcolítico. Diríamos, pois, e até que nova informação surja em contrário, que, ao inverso de outras espécies domésticas e selvagens, o consumo de cão não parece ser uma prática corrente.

Pelo contrário, desde o Neolítico Inicial, como demonstram os exemplos da Gruta de Marizulo ou a fossa de Los Cascajos, o cão recebe um tratamento de enterramento, que no primeiro caso acompanha restos humanos e, no segundo, pouco se distingue do concedido aos humanos no mesmo

sítio. Aliás, para estes períodos, vários paralelismos entre os tratamentos concedidos a restos humanos e a restos de animais têm vindo a ser sublinhados por diversos investigadores. E se é certo que o cão não é o único animal a ser enterrado inteiro (individualmente ou em associações), é sem dúvida um dos mais frequentes.

Para avançar, contudo, talvez seja útil definir o que se entende por enterramento numa perspectiva basicamente arqueográfica, isto é, ainda sem um sentido interpretativo associado. Grant define-o da seguinte forma: "... is a group of bonés, certainly or very probably found in articulation representing a whole animal or at least a substantial part of a single animal, and usually showing no evidence of having been butchered." (Grant, 1984). Não significa isto que um conjunto de ossos desarticulados de um mesmo animal e até com marcas de desmembramento não possa, sob certas circunstâncias, ser um enterramento, mas deixaremos essa problemática fora deste texto.

Naturalmente, o enterro do animal inteiro implica uma circunstância de não consumo e poderá traduzir uma significativa diversidade de situações, cujas inferências dependem, entre outras coisas, de informação sobre os restos (que nem sempre está disponível) e, naturalmente do contexto (considerado a várias escalas). Os impulsos mais funcionalistas ou pragmatistas poderão tender a ler nestas situações o simples despojo da carcaça de um animal que morreu naturalmente ou devido a acidente, em contextos que frequentemente são interpretados como lixeiras, ou, como foi proposto para explicar a presença de vários indivíduos jovens (idades inferiores a 6 meses) em contextos habitacionais na Suíça, a descortinar estratégias de controlo populacional (Arbogast *et al.*, 2005). Todavia, a recorrência e a variedade de situações observada evidenciam a maior complexidade deste problema, a qual reside em grande medida na intenção que preside ao enterramento.

Para enterramentos isolados de cães (como poderá ser o caso da Corça 1), foi sugerido que poderiam simbolizar o enterramento dos seus donos desaparecidos em expedições de caça (Larsson, 1990). Em situações como a do Polideportivo de Martos (entre outras possibilidades de que adiante se falará) aventam-se possibilidades como a morte dos animais em expedições de caça ou na defesa de rebanhos.

Contudo, outro tipo de interpretações é sugerido por situações de deposição múltipla e estruturada onde, em vários casos, os cães são cobertos com empedrados: casos de Martos (Cámara Serrano *et al.*, 2008), na Pijotilla (Hurtado, 1991), Dolores Quintanilla de Carmona (Márquez Romero, 2006).

Para o Polideportivo de Martos, nomeadamente para a estrutura XIIB que apresentava o enterramento de cinco cães associados a uma cabeça de javali (numa fossa circular interpretada como fundo de cabana) e cobertos por um nível de pedra e terra, a situação é interpretada como um ritual de fundação. Apesar da já referida hipótese de uma morte conjunta numa expedição de caça ou no pastoreio,

considera-se também a possibilidade sacrificial ainda que associada com o papel "funcional" do cão naquelas actividades).

De facto a questão sacrificial, nem sempre facilmente detectável arqueologicamente, é uma das possibilidades de práticas associadas a estes enterramentos, o que levanta o problema de saber se o carácter ritual e sagrado se situa a montante, isto é, exclusivamente no acto sacrificial, ou se se estende também ao acto de enterrar e ao espaço de enterramento, o que lhe conferiria estatuto de verdadeira sepultura. A situação evidenciada no Camino de las Yeseras, com os já referidos 8 crânios com as respectivas primeiras vértebras cervicais que se encontravam depositados numa grande fossa, demonstra não só o acto de decapitação intencional de um conjunto de animais, como a deposição cuidada e organizada só das cabeças, sugerido que a própria deposição (e possivelmente também o local em que ocorre) são elementos significantes. Neste sentido, Corça 1 poderia ser entendido como uma sepultura (com o simbolismo que a expressão acarreta).

Por outro lado, o notável contexto de Las Yeseras é exemplo de uma outra circunstância recorrente e demonstrativa da complexidade que envolve a manipulação de corpos nestes períodos: a já referida deposição de partes anatómicas de cães, de que a fossa de Corça 1 parece também ser exemplo.

No que respeita a "partes", o crânio e as partes apendiculares do esqueleto (mais as patas e menos as caudas) parecem ser os elementos mais recorrentes, com claro predomínio do primeiro. De facto, começam a ser vários os exemplos da deposição de crânios de cães destacados do corpo, numa prática que se estende até à Eurásia, onde o carácter cerimonial da mesma tem sido assumido (Olsen, 2000). Na Península Ibérica, e para além do já citado caso do Camino de las Yeseras, os crânios de cães surgem isolados no Fosso 3 do Sector I dos Perdigueiros (Valera, 2008a). Noutros sítios, embora raramente salientado, a presença de elementos parciais de cães corresponde frequentemente a restos da cabeça (fragmentos de crânio, mandíbulas, dentes): nos Perdigueiros, para além dos dois crânios já referidos, surgem mais duas mandíbulas no Fosso 3 e outra no Fosso 4; na necrópole de San Juan Ante Portam Latinam ocorrem 4 fragmentos de crânios, duas mandíbulas e cinco primeiras vértebras (Altuna, J. e Mariezkurrena, K., 2007); na província de Barcelona, em Mas d'en Bixos aparecem dois dentes, em Pou Nou 3 uma mandíbula e em Pou Nou 2 um dente; em Marroquíes Bajos (Jaén) um enterramento de cão completo e mandíbulas de outros cães (Burgos, Pérez e Lizcano, 2001); em Picarcho (Valência), um fragmento maxilar (Sanchis e Sarrión, 2004); Hipogeu 3 da Quinta do Anjo com uma mandíbula (Soares, 2003) ou Alcalar 7, com uma mandíbula e um dente (Riquelme Cantal, 2004).

Quando não se trata de elementos cranianos, são elementos de patas isolados (para os quais há inúmeros exemplos) ou patas em conexão anatómica, como é o caso dos enterramentos tardios (finais do 3º milénio) da Anta 3 de

Santa Margarida (Moreno García, 2003) e, possivelmente, agora também o Corça 1 (mas sem associação a restos humanos).

A segmentação do corpo e a manipulação de determinadas partes é algo, uma vez mais, paralelizável com evidências que se conhecem para o tratamento do corpo humano, embora nem sempre reconhecidas como tal. A sua abordagem terá que ser feita num mesmo quadro mental que preside ao problema da segmentação em geral e ao seu papel estruturante nestas comunidades, a qual vai da segmentação comunitária como estratégia social, à segmentação de objectos como estratégia de memória e identidade (ver Valera, neste volume).

Finalmente, a questão da associação de cães a enterramentos humanos. São várias as situações conhecidas, de que se destaca a já referida notícia que recentemente nos chegou de Múrcia. Contudo, estes tipos de contextos são ainda escassos em Portugal: as já referidas ocorrências da fossa funerária do Monte das Covas, os enterramentos tardios da Anta 3 da Santa Margarida, Alcalar 7, a que se podem acrescentar as grutas de Goldra (Faro) e Casa da Moura (Óbidos) (Weiss-Krejci, 2006) ou os Hipogeus 1 e 3 da Quinta do Anjo (Soares, 2003). Na vizinha Andaluzia situações semelhantes ocorrem em fossas em Valencina (Ruiz, 1999) e em Úbeda (Cámara Serrano *e tal.*, 2008). Porém, num recente levantamento (ainda que já bastante incompleto face ao avolumar de recentes evidências) de restos de animais em contextos funerários ibéricos neolíticos e calcolíticos, verifica-se que dos 37 contextos inventariados (*idem*: tabela 1), apenas 6 apresentam vestígios de cão. Para a região valenciana, essa mesma raridade das associações funerárias entre humanos e cães foi igualmente sublinhada. Neste contexto, volta a destacar-se a situação de Múrcia, contexto datado da segunda metade do 3º milénio e com campaniforme. Não deixa de ser interessante registar o facto de também o contexto da Anta de Santa Margarida estar datado do final do 3º milénio e de no Monte das Covas (embora não directamente associado à fossa com enterramentos e restos de cão, a qual tinha apenas cerâmica manual inclassificável) ocorrer também um fragmento de campaniforme. Um momento em que esta associação funerária se torna mais vulgar?

Para o Ocidente Peninsular é possível que nos próximos tempos, com a publicação dos resultados das muitas intervenções realizadas no âmbito do empreendimento de Alqueva, a base empírica se veja substancialmente alterada, permitindo a emergência de alguns padrões susceptíveis de permitirem abordagens mais sustentadas ao problema da diversidade que parece caracterizar a relação entre o Homem e o cão, ainda que num mesmo quadro geral estruturante das relações Homem / Animal no Neolítico e Calcolítico.

De facto, nos últimos anos, tem sido sublinhada a necessidade de que esta “proliferación de animales en depósitos y recintos de sanjas debe ser abordada, holísticamente, dentro de episodios deposicionales de maior

envergadura, donde también, los restos humanos y los enseres participan relacionamente” (Márquez Romero, 2006). Contudo, se esta abordagem holística, de larga escala temporal e espacial, proporciona uma espécie de *zeitgeist*, ou espírito dos tempos, no que respeita à relação homem / animal e a eventuais proximidades de estatuto ontológico (Márquez Romero, 2006; Valera, 2008b; Valera, em preparação) e fornece um quadro mental estrutural e genérico de referência para estas práticas, a mesma é insuficiente para dar conta da diversidade de situações que necessitam de ser explicadas e compreendidas.

A questão da deposição de animais é indissociável do papel e estatuto que lhes é conferido na vida e na morte, ou seja, antes e depois da deposição. No caso dos cães, como Olsen (2000) sublinha, raramente existe um único tipo de relação homem/cão numa dada sociedade e a deposição final do corpo (ou de partes) destes animais apenas revelará uma parte dos papéis que o animal desempenhou em vida e na morte. Na realidade, a complexidade interpretativa resulta, em grande medida, da variedade de papéis que o cão, ao contrário de muitos outros animais, terá desempenhado entre estas comunidades e das relações específicas, próximas e múltiplas que se estabeleceram entre ele e o Homem, as quais foram responsáveis pela diversidade contextual em que o cão aparece (ou em que está ausente).

E como acima já se referiu, na Pré-História Recente o tratamento concedido aos cães (mas também a outros animais) aproxima-se frequentemente do concedido aos restos humanos. Por isso, a interpretação contextual deve basear-se em processos de escavação que lhe dediquem cuidados semelhantes aos que são dedicados os contextos sepulcrais humanos (Olsen, 2000), atendendo a questões como orientação do animal, posição do corpo, partes representadas, natureza da articulação dessas partes, evidências de manipulação, atributos dos indivíduos (idade, sexo, tamanho, morfologia, patologias) e, naturalmente, associações contextuais e processos tafonómicos. O alargamento do número de contextos registados e analisados detalhadamente poderá, então, evidenciar padrões regionais que permitam dar maior consistência às inferências produzidas.

Como em todas as vertentes da Pré-História, a complexidade histórica de uma situação advém da relação recursiva que se estabelece entre os dados e o questionário, redundando, quase sempre, na necessidade de processos de investigação de campo igualmente mais complexos. Uma realidade pouco compatível com a “Arqueologia apressada” que o nosso contexto social nos vai impondo e nós vamos impotentemente (?) aceitando.

Referências bibliográficas

- ALTUNA, J. (1994), “El perro en los yacimientos arqueológicos del norte de la Península Ibérica”, *Homenaje al Dr. J. González-Echegaray*, Museo y Centro de Investigación de Altamira, Monografías 17, Madrid, p.159-162.
- ALTUNA, J. e MARIEKURREANA, K. (1985), “Bases de subsistencia de los pobladores de Erralla: macro-mamíferos”,

- Cazadores magdalenenses en Erralla (Cestona, País Vasco), Munibe, Antropología-Arqueología, 37, San Sebastián, p.87-111.
- ALTUNA, J. e MARIEKURREANA, K. (2007), "Restos de macromamíferos de SJAPL", San Juan ante Portam Latinam: una inhumación colectiva prehistórica en el Valle Medio del Ebro, Memorias de yacimientos Alaveses, 12, Álava, Diputación Foral de Álava, p.91-97
- ARBOGAST, R.-M.; DESCHLER-ERB, S.; MARTI-GRÄDEL, E., PLÜSS, P., HÜSTER-PLOGMANN, H. e SCHIBLER, J. (2005), "Du loup au 'chien des tourbières'. Les restes de canidés sur les sites lacustres entre Alpes et Jura", *Revue de Paléobiologie*, Vol. Spéc. 10, Genève, p.171-183.
- ASQUERINO, M^a D. (1979), "Fondos de cabaña del Cerro de la Cervera (Mejorada del Campo, Madrid)", *Trabajos de Prehistoria*, 36, Madrid, p.119-150.
- BENECKE, N. (1987), "Studies of early dog remains from Northern Europe", *Journal of Archaeological Science*, 14, p.31-39.
- BRIDAULT, A. *et al*, 2000 – "Wild boar – Age at death estimates: The relevance of new modern data for archaeological skeletal material. 1. Presentation of the corpus. Dental and epiphyseal fusion ages", *Anthropozoologica*, 31, pp. 11-18.
- BULLIET, Richard W. (2005), *Hunters, Herders and Hamburgers. The past and future of human-animal relationships*, Columbia University Press, New York.
- BURGOS, A.; PÉREZ, C. e LIZCANO, R. (2001), "Actuación arqueológica realizada en la piscina comunitaria de los bloques A1, A2, A3, A6, A7 y A8 del sector UA-23 de Marroquíes Bajos de Jaén", *Anuario Arqueológico de Andalucía*, III, 1, 1998, p.402-413
- CÁMARA SERRANO, J.A.; LIZCANO PRESTEL, R.; PÉREZ BAREAS, C. E GÓMEZ DEL TORO, E. (2008), "Apropiación, sacrificio, consumo y exhibición ritual de los animales en el Polideportivo de Martos. Sus implicaciones en los orígenes de la desigualdad social", *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología*, 18, Granada, p.55-90.
- CHAIX, Louis (2000), "A preboreal dog from the Northern Alps (Savoie, France)", (Crockford, S. ed.), *Dogs through time: an archaeological perspective*, Bar International Series, Oxford, p.49-59.
- CONCEPCIÓN BLASCO, M^a e RIOS, P. (2005-2006), "Acerca de la diversidad de enterramientos en poblados calcolíticos de estructuras negativas. El ejemplo de Camino de Las Yeseras (San Fernando de Henares, Madrid)", *Kalathos*, 24-25, Terruel, SAET, p.105-118.
- CROCKFORD, Susan Janet ed. (2000), *Dogs through time: an archaeological perspective*, Proceedings of the 1st ICAZ Symposium on the History of the Domestic Dog, 1998, BAR, International Series, Oxford.
- DAYAN, T. e GALILI, E. (2000), "A preliminary look at some new domesticated dogs from submerged Neolithic sites off the Carmel Coast", (Crockford, S.J. ed.), *Dogs Through time: an archaeological perspective*, BAR, International Series, 889, Oxford, p.29-33.
- DRIESCH, A. e BOESSNECK, J., 1980, "Die Motillas von Azuer und Los Palacios (Prov. Ciudad Real). Untersuchung der Tierknochenfunde", *Studien über frühe Tierknochenfunde von der Iberischen Halbinsel*, 7, p.84-121.
- GARCIA GAZÓLAZ, J. e SESMA SESMA, J. (2007), "Enterramientos en el poblado neolítico de Los Cascajos (Los Arcos)", *La tierra te sea leve. Arqueología de la muerte en Navarra*, Pamplona, Gobierno de Navarra, p.52-58.
- GRÄSLUND, Anne-Sofie, (2004), "Dogs in graves - a question of symbolism?", *PECUS.Man and animal in antiquity. Proceedings of the conference at the Swedish Institute in Rome*, September 2002, Rome, Barbro Santillo Frizell, p.167-176.
- GRANT, A. (1984), "Ritual behavior: the special bone deposits" (B. Cunliffe, ed.) *Danebury: an Iron Age Hillfort in Hampshire*, Vol. 2, The excavations 1969-1978, Council for British Archaeology Research Report, 52, p.533-543.
- HILL, James D. (1996), "The identification of ritual deposits of animals: a general perspective from a specific study of 'special animal deposits' from the Southern English Iron Age", (S.Anderson e K. Boyle, Eds.) *Ritual treatment of human and animal remains*, Oxford, Oxbow Books, p.17-32.
- HILL, James D. (2000), "Can we recognise a different European past? A contrastive archaeology of Later Prehistoric Settlements in Southern England", *Interpretive Archaeology. A reader.*, (J. Thomas ed.), London, Leicester University Press, p.431-444.
- HURTADO, V. (1991), "Informe de las excavaciones de urgencia en La Pijotilla. Campaña de 1990", *Extremadura Arqueológica*, 2, p.45-67.
- JIMÉNEZ LORENTE, Sacramento e AYALA JUAN, M^a Manuela (2006), "Avance al estudio de la representación del canis familiares en la pintura rupestre postpaleolítica", *Cuadernos de arte rupestre*, n^o 3, Marotalla, p.161-184.
- JONES, Andrew e Richards, Colin (2003), "Animals into ancestors: domestication, food and identity in Late Neolithic Orkney", (M.P. Pearson ed.) *Food, culture and identity in the Neolithic and Early Bronze Age*, Bar International Series, 1117, Oxford, p.45-51.
- LARSON, L. (1990), "Dogs in fraction. Symbols in action", (Vermeersch, P.M. e Peer, P.V. Eds.) *Contributions to the Mesolithic in Europe*, Leuven University Press, Leuven, p.153-160.
- LIESAU, C., BLASCO, C., RIOS, P., VEGA, J., MENDUÑA, R., FRANCISCO BLASCO, J., BAENA, J., HERRERA, T., PETRI, A. e GÓMEZ, J. L. (2008), "Un espacio compartido por vivos y muertos: el poblado calcolítico de fosos de Camino de las Yeseras (San Fernando de Henares, Madrid)", *Complutum*, 19(1), Madrid, p:97-120.
- LOMBA MAURANDI, J., LÓPEZ MARTÍNEZ, M., RAMOS MARTÍNEZ, F. e AVILÉS FERNÁNDEZ, A. (2009), "El enterramiento múltiple, calcolítico, de Camino del Molino (Caravaca, Murcia). Metodología y primeros resultados de un yacimiento excepcional", *Trabajos de Prehistoria*, Vol. 66 (2), Madrid, p.143-159.
- MÁRQUEZ ROMERO, J. E. (2006), "Sobre los depósitos estructurados de animales en yacimientos de fosos del Sur de la Península Ibérica", (Weiss-Krejci, E. e Duarte, C., coord.) *Animais na Pré-História e Arqueologia da Península Ibérica*, Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Promontoria Monográfica, 3, Braga, Universidade do Algarve, p.15-25.
- MIGUEL, L. E GODINHO, R. (2009), "Notícia do sítio arqueológico do Monte das Covas 3 (Beja)", *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 4, Lisboa, NIA-ERA Arqueologia, p.23-24.
- MORENO GARCÍA, M. (2003), "Estudos dos restos faunísticos da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)", *STAM3. A anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Trabalhos de Arqueologia, 32, Lisboa, p.433-439.
- OLSEN, Sandra L. (2000), "The secular and sacred roles of dogs at Botai, North Kazakhstan", (Crockford, S. ed.), *Dogs through time: an archaeological perspective*, Bar International Series, Oxford, p.71-92.
- RIQUELME CANTAL, J.A. (2004), "Os restos recuperados nas escavações: estudo da fauna", (Morán, E. e Parreira, R. Coord.), *Alcalar 7. Estudo e reabilitação de um monumento megalítico*, Cadernos, 6, IPPAR, p.225-229.
- RUIZ, M.T. (1999), "Excavación arqueológica de urgencia en la urbanización 'El Mirador de Itálica', Valencia de la Concepción, Sevilla", *Anuario Arqueológico de Andalucía*, III, p.511-516.
- SANCHIS, A. e SARRIÓN, I. (2004), "Restos de cánidos (*Canis familiaris* ssp.) en yacimientos valencianos de la Edad de Bronce", *Archivo de Prehistoria Levantina*, Vol.XXV, València, p.161-198.
- SILVER, I. A. (1969), "The ageing of domestic animals", In, D. R. Brothwell & E. Higgs (eds), *Science in Archaeology*, 2^a edição, London, pp. 250-268.
- SOARES, Joaquina (2003), Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico, Setúbal, MAEDS.

TCHERNOV, E. e VALLA, F. (1997), "Two new dogs, and other Natufian dogs, from the Southern Levant", *Journal of Archaeological Science*, 24, p.69-95.

VALERA, António Carlos, (2006), "A margem esquerda do Guadiana (região de Mourão), dos finais do 4º aos inícios do 2º milénio AC", *Era Arqueologia*, 7, Lisboa, *Era Arqueologia / Colibri*, p.136-210.

VALERA, António Carlos (2008a), "O recinto calcolítico dos Perdigões: fossos e fossas do Sector I.", *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 3, Lisboa, NIA-ERA, p.19-27.

VALERA, António Carlos (2008b), "Animalidade e ontologia humana no 3º milénio AC: necessidade de uma reconceptualização teórica da relação homem-animal na Pré-História Recente?", comunicação apresentada ao 1º Congresso Português de Arqueologia Empresarial, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (Novembro, 2008).

VALERA, António Carlos (Neste Volume), "Marfim no recinto calcolítico dos Perdigões (1): 'lúnulas', fragmentação e ontologia dos artefactos", *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 5, NIA-ERA Arqueologia, Lisboa, p.31-42.

VALERA, António Carlos (Em preparação), "A 'vaca de Almada' e o problema das relações Homem-Animal na Pré-História Recente".

VALERA, A. C. E FILIPE, V. (Neste Volume), "Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa): nota preliminar sobre um espaço funerário e de socialização do Neolítico Final à Idade do Bronze", *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 5, NIA-ERA Arqueologia, Lisboa, p.49-56.

WEISS-KREJCI, Estella (2006), "Animals in mortuary contexts of Neolithic and Chalcolithic Iberia", *Animais na Pré-História e Arqueologia da Península Ibérica*, Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Promontoria Monográfica, 3, Braga, Universidade do Algarve, p.35-45.

Abstract

Neolithic dog burials: pit 5 from Corça 1 (Brinches, Serpa)

The paper presents a pit dated from the Late Neolithic (second half of the 4th millennium BC). The pit was filled with several deposits, where pottery fragments, some lithic materials and faunal remains were collected.

Amongst the faunal remains a dog deposition, in a lower layer, and several bones of a paw of another dog (that possibly was deposited in anatomical connexion), in an upper layer, were identified.

It is the first Neolithic deposition of a dog excavated in South Portugal to this period. Based on this context, dog deposition practices are briefly analysed, concerning the diversity of dog funerary manipulations (in terms of the whole animal or its parts) and de diversity of depositional contexts in Neolithic and Chalcolithic Iberia.

CONSTRUÇÃO DA TEMPORALIDADE DOS PERDIGÕES: CONTEXTOS NEOLÍTICOS NA ÁREA CENTRAL.

António Carlos Valera¹

1. Introdução

Na campanha de 2009 iniciou-se a escavação de um novo sector (Sector Q), localizado na área central do complexo de recintos dos Perdigões, intervenção essa que foi orientada pelas observações proporcionadas pela fotografia aérea e pelos resultados obtidos nos trabalhos de prospecção geofísica iniciados em Junho de 2009.

Desde o início que a espectacularidade da imagem aérea dos Perdigões assumiu um papel central na valorização do sítio, nas abordagens interpretativas que foram sendo feitas e na consciência da sua complexidade estrutural. Essa imagem, associada à estruturação topográfica e paisagística que foi sendo entrevista, permitiu o desenvolvimento de discursos interpretativos que exploraram aspectos astronómicos e cosmológicos da organização espacial do sítio (Valera, 2008a). Paralelamente, contudo, existiu sempre a consciência de que essa imagem aérea conjugaria estruturas que se distribuiriam no tempo de forma diversa, que existiriam “vários” Perdigões ao longo da vida do sítio (Valera *et. al.*, 2007; Valera, 2008a e 2008b), assim como se percebia que apenas uma parte da complexidade estrutural era perceptível nessa imagem (Valera *et. al.*, 2000; Valera, 2008b). Ao mesmo tempo que se construíam interpretações que orientavam a investigação, alertava-se para a necessidade de manter a “consciência de estarmos a tratar de uma realidade que foi dinâmica, diversificada, arritmada e complexa a partir de um registo fossilizado que se oferece como um palimpsesto estático, homogeneizante, parcelar e ainda mal conhecido” (Valera *et. al.*, 2007). A concretização do programa de prospecções geofísicas em 2009² veio naturalmente confirmar e aprofundar estas preocupações.

Assim, o crescimento do Programa de Investigação Arqueológica dos Perdigões e a sua diversificação (Valera, Lago e Caldeira, 2008) tem por base um objectivo permanente e que informa todos os projectos que sejam desenvolvidos no sítio pelas várias instituições e investigadores participantes: o progressivo estabelecimento das suas temporalidades.

Nesse sentido, e após algumas intervenções em locais mais periféricos (fosso exterior, fossos intermédios, necrópole), a área central surgia como um espaço fulcral para o conhecimento da dinâmica temporal dos Perdigões. A conjugação da informação proporcionada por ambas as imagens (aérea e geofísica) permitia perceber a existência de um fosso e, pelo seu interior, de linhas de possíveis

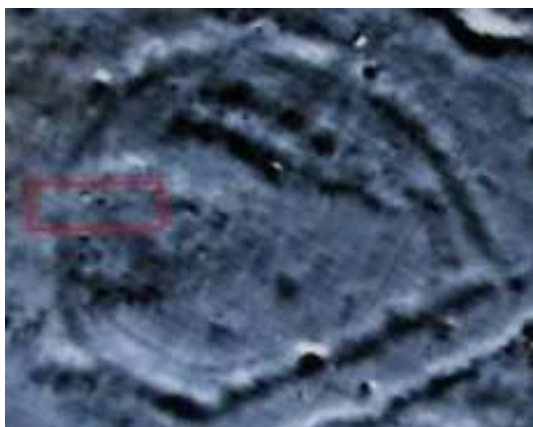


Figura 1 – Localização da área intervencionada na foto aérea e num extracto da imagem da prospecção geofísica.

¹ Coordenador do Programa Global de Investigação Arqueológica dos Perdigões ; NIA-ERA Arqueologia S.A.; antoniovalera@era-arqueologia.pt

² Trabalho realizado por Helmut Becker com o apoio de equipas da ERA Arqueologia S.A. e Universidade de Málaga. Financiado pela Conselheria da Cultura da Junta da Andaluzia (no âmbito do projecto da UMA), complementado com apoio financeiro / logístico da ERA Arqueologia S.A e Esporão S.A. (Márquez Romero *et al.*, no prelo).

implantações de paliçadas e uma grande mancha circular (englobando uma outra mais pequena), que se apresentava descentrada relativamente ao fosso, fazendo-lhe uma tangente ultrapassada no seu lado Oeste.

A sondagem, com 4 x 14m², foi assim implantada de modo a abranger o fosso e as manchas concêntricas. Os resultados confirmaram a presença, na metade Oeste da sondagem, de um fosso e de mais um conjunto de outras estruturas cuja cronologia remete para o final do Neolítico, enquanto que na metade Este da sondagem as manchas circulares revelaram contextos mais tardios, atribuíveis a momentos plenos e finais do Calcolítico.

No presente texto será feita uma primeira apresentação dos contextos neolíticos identificados. A sua escavação está ainda longe de terminar. Contudo, a importância de que se revestem para a construção da temporalidade do sítio justifica a apresentação preliminar dos dados proporcionados pela campanha de 2009 e o enunciar dos problemas que levantam.

2. Os contextos neolíticos do Sector Q

A sondagem realizada abrangeu, na sua metade Oeste, um troço de fosso, o qual corresponde, de acordo com os dados actualmente disponíveis, ao fosso mais interior do conjunto de recintos que compõem os Perdigões. Trata-se de um fosso com um lado SE recto, desenvolvendo-se o resto em círculo, apresentando uma entrada orientada a Este (Figura 1). A sondagem abrange o fosso precisamente no seu trajecto circular do lado Oeste.

Nessa área, a parede Este do fosso foi parcialmente obliterada, num momento já de cronologia Calcolítica, pela abertura de uma grande depressão (cuja tipologia é ainda impossível de estabelecer), a qual corresponde genericamente à grande mancha central circular observada na fotografia aérea, e que neste ponto estabelece uma tangente ligeiramente ultrapassada relativamente ao fosso. Assim, só do lado Norte da sondagem, entrando pelo corte, foi possível definir o que parece ser o resto do limite Este do fosso, permitindo perceber que o mesmo tem uma largura de cerca de 4 metros na boca.

Este corte abrangeu também parte dos depósitos que preenchem o fosso (não sabemos ainda até que profundidade), os quais foram depois encostados e mesmo parcialmente sobrepostos por depósitos formados durante o Calcolítico. Contudo, a metade Oeste do fosso estava preservada, permitindo observar que os depósitos que preenchem o seu topo são atribuíveis ao Neolítico Final (cronologia relativa).

Desse mesmo lado, foi identificada uma série de estruturas anteriores e/ou posteriores ao fosso, as quais são igualmente de cronologia neolítica. Essas estruturas serão agora apresentadas segundo uma leitura de sequência de construção ainda preliminar e sujeita a eventuais revisões em função dos resultados proporcionados pela continuação da escavação.

2.1. Fossa 1

Trata-se aparentemente da estrutura mais antiga. Corresponde a uma fossa escavada no substrato geológico, possivelmente circular, que foi cortada pela Vala 1, restando apenas um segmento do lado sudoeste. Apresenta uma profundidade reduzida (cerca de 15 cm), mas a sua parte superior foi afectada pela surribo. Contudo, a profundidade original não seria muito maior. Era preenchida por um único depósito (UE 30), muito heterogéneo e com calços do geológico, que apenas forneceu alguns restos de fauna.

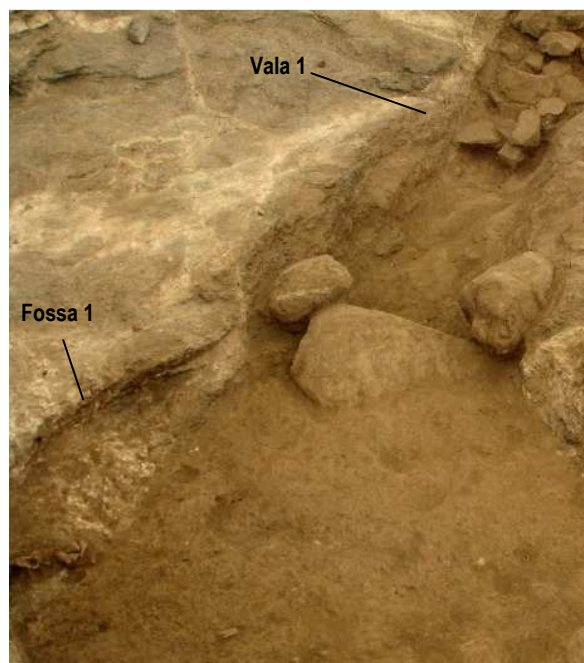


Figura 2 – Segmento da Fossa 1 (primeiro plano à esquerda), a qual foi cortada pela Vala 1.

2.2. Vala 1 (Paliçada?)

Igualmente escavada no geológico, esta vala tem uma largura máxima de 80 cm no lado Sul e mínima de 36 cm do lado norte, apresentando uma orientação sensivelmente SSE – NNO. Ao contrário da sua largura, a cota da sua base vai-se reduzindo ligeiramente de Norte para Sul, mas não a sua profundidade, a qual se mantém em média em torno aos 33-34 cm, acompanhando a ligeira pendente do geológico.

Se a Norte esta vala entra pelo corte, a Sul ela parece ser cortada pelo fosso, aspecto a esclarecer em definitivo com o futuro aprofundamento da escavação dos depósitos de preenchimento do mesmo.

Esta vala foi escavada integralmente na área abrangida pela sondagem, excepto no que respeita a dois depósitos mais profundos na área de contacto com o fosso, onde o aprofundamento terá que ser feito em paralelo com a escavação daquele, de modo a esclarecer as relações estratigráficas entre os respectivos enchimentos.

Assim, a metade Norte da vala era preenchida por um depósito (UE33) composto por um aglomerado de pedras de médias dimensões, numa matriz de terras castanhas. Este depósito diluía-se para Sul, até desaparecer sensivelmente a meio do troço escavado, sendo sobreposto por um depósito de sedimentos castanhos claros (UE18), quase sem pedra, que, na metade Sul, preenchia a vala até à base e encostava a uma estrutura de encerramento (UE66) construída junto à zona em que a vala foi cortada pelo fosso. Esta estrutura apresentava uma grande pedra central, ladeada por outras duas mais pequenas e que com uma disposição perpendicular à vala a encerrava. Sob estas pedras, a base da vala apresentava um aprofundamento subcircular, preenchido por um depósito mais arenoso (UE55) o qual se prolongava até ser cortado pelo fosso.

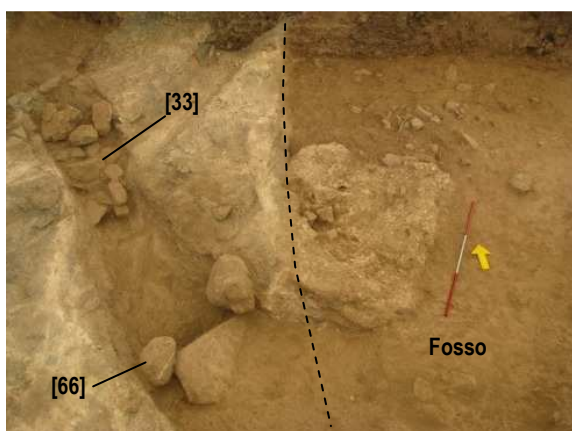


Figura 3 – Aspectos da escavação da Vala 1.

A interpretação da funcionalidade desta vala está ainda condicionada pelo aprofundamento da escavação na sua zona de contacto com o fosso e pela percepção do seu desenvolvimento em planta. Contudo, o possível alinhamento que parece apresentar com valas identificadas na prospeção geofísica sugere a possibilidade de se tratar de uma fundação de paliçada, função que se articula bem com as suas dimensões.

2.3. Fosso e estruturas no seu interior

Trata-se de um troço de fosso que cruza a sondagem no sentido Norte – Sul e que aparece bem identificado na prospeção geofísica. Apesar de se apresentar ligeiramente cortado do lado Este por uma depressão (?) realizada num momento já calcolítico, foi possível determinar a sua largura na boca junto ao corte Norte, a qual atinge os 4 metros.

A escavação do seu preenchimento está ainda restrita aos dois depósitos de topo (UEs 21 e 40), o primeiro dos quais era composto por terras castanhas, relativamente pouco compactas, apresentando ainda marcas do riper da surriba. Forneceu abundante cerâmica e fauna. Após a sua remoção verificou-se que, encostadas à parede Oeste do fosso, se encontravam duas estruturas em argamassa branca, as quais poderão corresponder a fornos (e que serão assim designadas, ainda que esta interpretação não seja inquestionável).

O Forno 1, localizado ao centro, era o que se apresentava melhor preservado. Encostando ao topo da parede do fosso, apresentava a sua base preservada, assim como a zona da abertura, o arranque das paredes laterais e um derrube de parte das mesmas para o interior. Sob esse derrube forneceu alguma cerâmica (que também aparecia pontualmente integrada na argamassa), entre a qual um pequeno recipiente quase inteiro, e alguma fauna. Não existiam restos de carvão.

Na zona da boca existiam alinhamentos de orifícios verticais e diagonais regulares e que terminavam em bico. Apresentavam-se alinhados junto à boca da estrutura, mas na periferia formam conjuntos dispersos e irregulares. A maioria está realizada na argamassa, mas também se registavam alguns nos sedimentos do depósito periférico ao forno.

A sua regularidade, quer das paredes internas quer dos alinhamentos, revela o seu carácter antrópico intencional, podendo corresponder a paus que estiveram espetados na vertical ou na diagonal, eventualmente para sustentar no ar determinados produtos.

Esta estrutura sobrepunha-se a um depósito argiloso e com abundante pedra (UE41), que se apresentava inclinado de Norte para Sul e que na extremidade norte cobria os restos da base do Forno 2. Desta estrutura quase que só restava uma base de argamassa branca encostada à parede do Forno (e que entra pelo corte Norte), sobre a qual se aglomeravam pedras e nódulos de argamassa, com bastante fauna e alguma cerâmica.

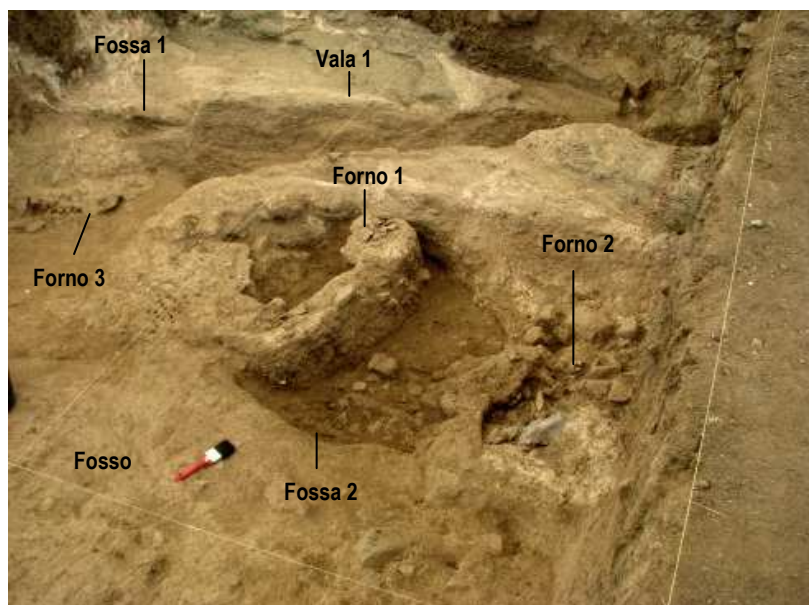


Figura 4 – Vista conjunta das estruturas descritas.

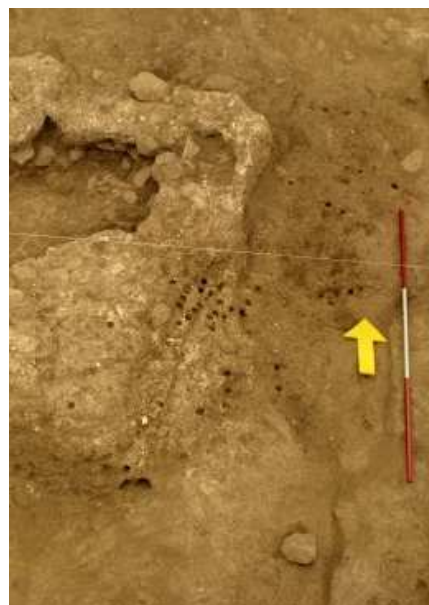


Figura 5 – Perfurações verticais e diagonais na área da abertura do Forno 1.

No extremo Sul, na zona de contacto entre o Fosso e a Vala 1, identificaram-se restos de argamassa correspondentes a um possível terceiro forno (Forno 3), que se apresentava mais destruído que os restantes e a uma cota ligeiramente mais baixa. Na argamassa e envólveia também se identificaram perfurações verticais, algumas das quais com madeira carbonizada no interior.

Finalmente, sob o Forno 1 e sob o depósito [41] que correspondia à desestruturação do Fosso 2, foi identificada uma fossa de planta ovalada escavada nos depósitos de preenchimento do Fosso 5. Esta fossa estava encostada uma vez mais à parede Oeste do fosso (a qual foi inclusivamente ligeiramente desbastada no processo de escavação da fossa) e os seus limites Norte coincidiam com os limites da base argamassada do Forno 2, tendo o depósito de desagregação desta estrutura coberto parcialmente o topo da fossa.

A identificação desta estrutura quase no final da campanha impediu a sua escavação integral e, naturalmente, o aprofundamento da escavação dos enchimentos do fosso nos quais ela se encontra aberta, trabalhos que decorrerão na próxima campanha. Assim, da Fossa 2 apenas se escavaram quatro depósitos do topo do seu enchimento, os quais forneceram alguma cerâmica e fauna.

2.4 Em síntese...

... observou-se a seguinte sequência de estruturas na metade Oeste da sondagem: abertura da Fossa 1; abertura da Vala 1 que cortou a fossa anterior; abertura do Fosso que cortou a vala anterior; enchimento do fosso e na fase final desse enchimento a abertura da Fossa 2 no seu interior; ainda na fase final desse enchimento construção de três possíveis fornos encostados à parede Oeste do fosso; sedimentação do último depósito de enchimento do fosso.



Figura 6 – Forno 1.



Figura 7 – Fossa 2 aberta nos depósitos de enchimento do Fosso (sob o Forno 1).

3. Materiais e cronologia relativa

Em termos sistemáticos, ainda só foi realizada a análise e a classificação dos materiais provenientes da Vala 1, assim como da respectiva fauna. Foi igualmente realizada uma primeira caracterização genérica dos materiais presentes nos depósitos de enchimento de topo dos Fosso 5. Estes conjuntos cobrem a quase totalidade da sequência de construções descritas: a Vala 1 corresponde ao segundo momento construtivo, enquanto que o depósitos [21] e [40] correspondem aos últimos enchimentos do Fosso, sendo o [21] posterior a todas as estruturas identificadas no interior desse fosso (fornos e Fossa 2). De fora fica apenas a Fossa 1, a estrutura aparentemente mais antiga e cujo conteúdo apenas forneceu fauna.

Assim, os depósitos relacionados com a Vala 1 forneceram um total de 23 formas cerâmicas reconstituíveis (Figura 8), das quais 11 (48%) correspondem a taças carenadas (às quais há ainda que juntar seis fragmentos de carenas), distribuindo-se as restantes morfologias por recipientes fechados de colo troncocónico (1 exemplar), taças simples (5 exemplares) e fechadas (1 exemplar), tigelas fechadas (1 exemplar), esféricos (2 exemplares), um “mini” vaso esferóide achatado e recipientes globulares com pegas (1 exemplar, mais dois bordos inclassificáveis igualmente com pegas). Para além dos recipientes, foi recolhida uma metade de um “Ídolo de Cornos” com vestígios de perfuração na base, um disco em cerâmica e, em termos de indústria lítica, um segmento de lâmina de sílex retocada, um percutor e alguns restos de quartzo inclassificáveis.

Já no que respeita ao depósito [21], o material cerâmico é bastante mais abundante. 109 bordos são inclassificáveis e 90 permitem atribuição formal. Desses, 17 (20% das peças classificadas) são taças carenadas (existindo mais 9 carenas, tendo uma mamilo), 21 são globulares / esféricos, dos quais 8 apresentam pegas/mamilos (existindo mais 7 bordos com pega e 6 fragmentos de bojo com pega). As taças simples são em número de 15, as fechadas 2 e as de bordo espessado 6. As tigelas são 6, sendo 2 fechadas e uma funda. Existem, com expressão mais residual, um “mini” vaso taça, um recipiente de colo alto estrangulado e um possível coador. A este conjunto juntam-se 17 fragmentos de pratos (um de bordo simples e os restantes de bordo espessado) e um fragmento de vaso possivelmente acampanulado liso. Para além dos recipientes, foi recolhido um fragmento de disco em xisto e outro em cerâmica, um fragmento de possível “ídolo de cornos”, dois fragmentos de seixos talhados, dezoito fragmentos de quartzo inclassificáveis, uma lasca de quartzo

Quanto à [40], sob a [21], não foi integralmente escavada, sendo o volume de materiais mais reduzido, proporcionando 24 bordos inclassificáveis e 46 com morfologia atribuível. As taças carenadas destacam-se com 15 exemplares (representando 34% das peças classificadas, a que se juntam mais 5 carenas), seguindo-se os globulares esféricos com 17, dos quais 10 com pegas (mais dois bordos e dois bojós com pegas). As taças, com 6 exemplares (um de bordo exvertido) e as tigelas, com 3 (um com dois mamilos)

têm pouca expressão, assim como os pratos, com apenas 5 registos. Uma única peça apresenta decoração, tratando-se de um bojo com decoração plástica à base de cordões. Os líticos continuam raros, existindo 10 fragmentos de quartzo inclassificáveis, uma lamela e uma lasca, ambas de quartzo.

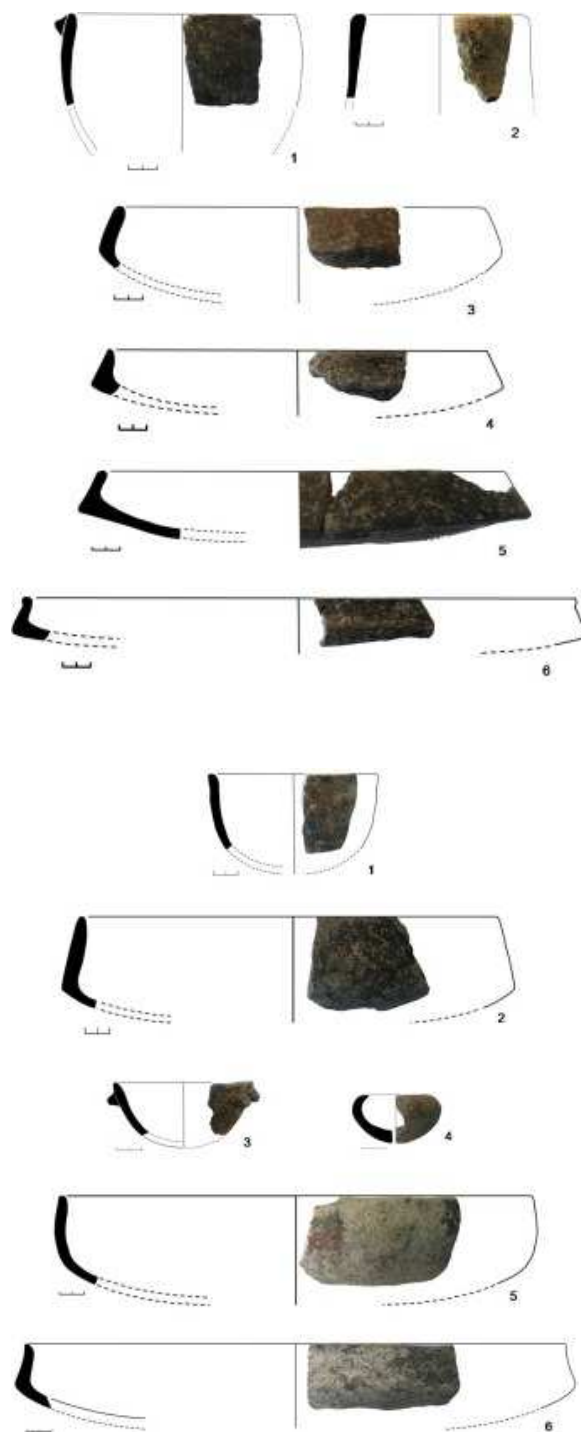


Figura 8 – Recipientes cerâmicos provenientes dos depósitos de preenchimento da Vala 1 (escalas de 2cm).



Figura 9 – “Idolo de Cornos” (setas indicam negativos de perfuração vertical a partir da base) e disco em cerâmica provenientes da Vala 1 (escalas de 2 cm).

Em face destes conjuntos e do seu contexto, podem ser avançadas as seguintes considerações:

a) O conjunto proveniente dos depósitos da Vala 1, dominado pelas taças carenadas e recipientes globulares/esféricos com pegas e total ausência de pratos, parece indicar uma cronologia dentro da segunda metade do 4º milénio AC, no que tradicionalmente se designa por Neolítico Final.

b) Nos depósitos do topo do Fosso (que, lembramos, será posterior à Vala 1) os conjuntos apresentam a mesma predominância de taças carenadas e vasos globulares/esféricos com pegas, mas estão presentes pratos de bordo espessado. Mais no nível de topo [21], onde ocorrem com uma percentagem idêntica às taças carenadas; menos no nível inferior [40], onde são quase vestigiais.

Esta circunstância poderá ser interpretada de duas formas. Uma poderia considerar que estaríamos em presença de uma progressiva adição da morfologia prato ao complexo cerâmico de tradição neolítica. Contudo, é possível verificar que a quase totalidade dos fragmentos de bordos de pratos, para além de apresentarem pastas mais grosseiras e compactas, foram recolhidos na área de contacto com os depósitos que estão associados ao corte da parede Este do Fosso em época calcolítica. Acresce que nas estruturas de argamassa encostada à parede Oeste do fosso não ocorrem pratos e para Este da zona de corte da parede do Fosso, os conjuntos cerâmicos são claramente dominados pelos pratos, surgem evidências de metalurgia e a taça carenada e potes mamilados estão quase ausentes. O contraste é bastante nítido.

Por outro lado, todas as estruturas encostadas à parede Oeste do fosso, sob a [21] se enquadram na mesma imagem de conjunto dos materiais do Neolítico Final. Assim, penso que a integração de alguns fragmentos de pratos nos depósitos [21] e [40] terá decorrido como consequência das ocupações mais recentes, e que o Fosso terá sido aberto e colmatado quase na totalidade durante o Neolítico. Naturalmente, esta interpretação será confirmada com a continuidade de escavação desta estrutura em profundidade.

4. Avançando na temporalidade dos Perdígões

Em face dos dados disponibilizados pelas escavações realizadas pela ERA nos últimos anos, é possível começar a ensaiar a decomposição da imagem dos Perdígões no tempo.

O fosso mais central será de cronologia neolítica, assim como a Vala 1 (possivelmente para implantação de uma paliçada) e as estruturas de combustão construídas quando o fosso estava preenchido quase na totalidade. Teríamos, desta forma, um pequeno recinto na área mais central do anfiteatro natural ocupado pelos Perdígões. Os dados da intervenção de 2009 sugerem que o recinto da paliçada será mais antigo, uma vez que terá sido cortado pela abertura do Fosso. É possível que estas primeiras estruturas sejam contemporâneas da construção do recinto de menires, que se situa cerca de 300 metros para Este, na ligação com a superfície plana do vale.

De momento, não temos qualquer indicação sobre a existência de outras estruturas negativas ou positivas que possam ser reportadas a este momento neolítico. Contudo, nada nos permite descartar a possibilidade de alguns dos restantes fossos poderem igualmente remontar a este período, o mesmo se passando relativamente a fossas e a outro tipo de estruturas negativas. Ou seja, os “Perdígões neolíticos” apenas agora começam a ser definidos e a imagem ainda é bastante difusa.

Como resultado dos trabalhos de 2007/08, sabemos que um dos recintos intermédios definido por uma linha de fosso duplo ondulante é já de um momento pleno do Calcolítico regional, na medida em que ambos os fossos escavados até à base revelaram conjuntos artefactuais integráveis neste período, o mesmo acontecendo com várias das fossas escavadas pelo lado interior desse recinto (Valera, 2008b), algumas das quais foram utilizadas como sepulturas (Valera, 2008b; Godinho, 2008). O campaniforme, porém, está totalmente ausente nas áreas escavadas neste sector e o enchimento dos fossos, pelo menos dos troços escavados, terá sido concluído claramente dentro do 3º milénio AC, possivelmente ainda dentro de sua primeira metade.

Por sua vez, os trabalhos realizados na necrópole e no fosso exterior (Lago *et al.* 1998; Valera *et al.*, 2000 e 2007; Evangelista e Jacinto, 2008;) revelaram contextos atribuíveis ao Calcolítico pleno e final. A presença de campaniforme inciso dentro do fosso mais externo (Fosso 1) ou a presença de ouro e de um botão de marfim com perfuração em V no Sepulcro 2 da necrópole, indicam que estas estruturas

continuavam activas em períodos avançados do 3º milénio, possivelmente próximos do momento de abandono final do complexo.

Os dois sepulcros já escavados enquadram-se em tipologias que genericamente poderemos designar de tipo *tholos*, as quais estão datadas da primeira metade do 3º milénio no vizinho Olival da Pega 2 (Gonçalves, 1999). Quanto aos fossos exteriores, ainda não se escavou nenhum deles até à base. Contudo, a composição estrutural da área da necrópole efectuada pelo desenho em semi-círculo que os fossos exteriores (Fossos 1 e 2) realizam a Este parece sugerir que a abertura dos mesmos e a construção dos sepulcros poderá ser próxima no tempo. Naturalmente, os monumentos funerários poderão ser um pouco mais antigos e terem sido abrangidos na composição espacial que se formou com a escavação dos referidos fossos. Mas a geometria estabelecida indicia clara planificação e é provável que a construção daquele espaço como necrópole seja simultânea com a construção do grande recinto definido por aqueles fossos e entradas, possivelmente na 1ª metade / meados do 3º milénio AC.

Entretanto, na zona central, durante o 3º milénio o fosso Neolítico é parcialmente cortado por uma depressão circular, algumas fossas são abertas e estruturas em pedra (possíveis cabanas) são construídas. Finalmente, nessa mesma área e com uma localização concêntrica relativamente aos grandes fossos exteriores, é construída a grande estrutura em pedra (que começou a revelar-se nesta campanha de 2009), aparentemente circular, e com a qual aparece associada cerâmica campaniforme incisa e uma morfologia tardia, já mais própria da Idade do Bronze (Figura 10). Esta estrutura corresponde a parte da grande mancha escura central que se observa na fotografia aérea.

Este primeiro ensaio é, naturalmente, frágil e consiste essencialmente numa organização provisória da informação disponível para orientação da investigação. Muitas são as estruturas para as quais ainda não temos informação. Os espaços que definem estão por caracterizar, assim como as funções para que serviram. Contudo, permite evidenciar a complexidade de que se reveste a abordagem a estes grandes complexos e às imagens (aéreas ou de geofísica) que deles se obtêm. Os Perdígões têm, hoje, pelo menos cerca de 1500 anos de funcionamento (independentemente do seu eventual prolongamento simbólico para além do abandono final), ao longo dos quais terão passado por diferentes dimensões, morfologias, organizações espaciais, etc. O quadro traçado parece sugerir uma certa tendência de crescimento progressivo da área inicialmente cercada, associada a uma complexificação da organização simbólica e funcional do espaço, que teria atingindo o seu apogeu com a construção do duplo fosso exterior e da área de necrópole, não sendo claro, ainda, a forma como o fenómeno campaniforme se enquadra neste contexto. Contudo, esta tendência não está de forma alguma demonstrada e terá que ser confirmada pela progressiva datação (absoluta ou relativa) das diferentes estruturas e espaços.

Por outro lado, a observância destas dinâmicas construtivas e organizativas dos Perdígões terá que ter o seu reflexo nos discursos interpretativos, os quais terão que dar conta dos papéis que, em cada momento, os Perdígões assumiram à escala local e regional e explicar as razões dessa mesma dinâmica. Os níveis generalizantes que permitem compreender fenómenos de escala “global”, onde este tipo de sítios se integra, fornecem-nos os contextos gerais para enquadrar trajetórias específicas. Sem perder esse enquadramento de vista, é nestas últimas que agora mais temos que trabalhar.



Figura 10 – Recipiente cerâmico, de tendência troncocônica e possível base plana (escala de 2 cm). Estava depositado sobre pedras do derrube da estrutura pétreo circular central. Encontrava-se partido em duas metades, estando uma em cima da outra, mas invertidas (o bordo de uma metade orientado para o lado da base da outra), o que revela intencionalidade. A sua forma sugere uma cronologia tardia, dos finais do 3º / inícios do 2º milénio AC, correspondendo eventualmente ao momento de abandono final dos Perdígões.



Figura 11 – Ensaio de temporalidade para algumas das estruturas e espaços já intervencionados nos Perdígões.

Referências Bibliográficas

- EVANGELISTA, Lucy S. e JACINTO, M^a João (2008), "Deposições intencionais ou naturais? Análise estratigráfica e material do fosso exterior do recinto dos Perdigões", *Actas do III Encontro de Arqueologia do SW* (Aljustrel, 2006), Vipasca, n^o2, 2^a Série, p.122-127.
- GODINHO, Ricardo (2008), "Deposições funerárias em fossa nos Perdigões: dados antropológicos do Sector I", *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 3, Lisboa, NIA-ERA, p.29-34.
- GONÇALVES, Victor (1999), *Reguengos de Monsaraz. Territórios megalíticos*, Lisboa.
- LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F. e CARVALHO, A. (1998) – Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 1 n^o 1, Lisboa, pp. 45-152.
- MÁRQUEZ ROMERA, J., VALERA, A.C., BECKER, H, JIMÉNEZ, V. Y SUÁREZ, (no prelo), "El complejo arqueológico dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal). Prospecciones geofísicas – Campañas 2008-09."
- VALERA, António Carlos (2008a), "Mapeando o Cosmos. Uma abordagem cognitiva aos recintos da Pré-História Recente", *ERA Arqueologia*, 8, Lisboa, *Era Arqueologia / Colibri*, p.112-127.
- VALERA, António Carlos (2008b), "O recinto calcolítico dos Perdigões: fossos e fossas do Sector I.", *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 3, Lisboa, NIA-ERA, p.19-27.
- VALERA, A.C., JORGE, P. e LAGO, M. (2008), "O complexo arqueológico dos Perdigões. Breve percurso de uma Arqueologia de minimização a uma Arqueologia em construção e em sociedade", *Almadán*, II série, 16, p.115-123.
- VALERA, A. C., LAGO, M., DUARTE, C., DIAS, M^a I. e PRUDÊNCIO, M^a I. (2007), "Investigação no complexo arqueológico dos Perdigões: ponto da situação de dados e problemas", *Actas do 4º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Faro, 2004.
- VALERA, A.C., LAGO, M., DUARTE, C. e EVANGELISTA, L.S. (2000), "Ambientes funerários no complexo arqueológico dos Perdigões: uma análise preliminar no contexto das práticas funerárias calcolíticas no Alentejo", *ERA Arqueologia*, 2, Lisboa, *ERA/Colibri*, p.84-105.

Abstract

The construction of temporality of Perdigões: the Neolithic contexts in the central area.

This paper presents part of the results of the 2009 excavation in the central area of the Perdigões enclosure, specially the Late Neolithic contexts (2nd half of the 4th millennium BC), and a first attempt to approach the temporality of the site.

In the surveyed area, a set of Late Neolithic negative structure were intercepting each other. An older pit was cut by a palisade small ditch, which was itself cut by a large 4 meter ditch (ditch 5). Only the top deposits of Ditch 5 were excavated. They revealed another pit opened in the filling sediments of the ditch and three structures made of clay interpreted as ovens.

The south side of the Neolithic Ditch 5 was then cut in Chalcolithic times (3rd millennium BC) and in the Eastern side of the excavated area a part of a large circular stone structure started to be defined. Bell beaker pottery and a probably early Bronze Age pot (Figure 10) were associated to this structure, which corresponds to the black central spot of seen in the aerial photograph.

Since the beginning, the spectacularity of the aerial photograph of Perdigões assumed a central role in the site's interpretations and in the perception of its structural complexity. That image, associated to local topography and geology, allowed some astronomic and cosmological approaches to the sites location and spatial organization (Valera, 2008a).

Nevertheless, there was always the perception that the aerial image conjugated several structures of different times and that establishing their temporality was central to interpret the site's dynamics (Valera *et. al.*, 2000 and 2007; Valera, 2008a e 2008b).

The results of ERA Arqueologia excavations during the last decade are now starting to permit approaching temporality at Perdigões, although in a very preliminary way (Figure 11).

The central enclosure and at list one of the palisades can be dated from the Late Neolithic, probably contemporaneous of the cromlech located 250 m to East. The middle double undulating ditch is from plain Chalcolithic (probably first half of the 3rd millennium BC). The outside ditch and the necropolis could also be structured in the middle 3rd millennium, but were still in use in the late Chalcolithic, by the end of the millennia. During this period a circular stone structure was built in the central area of the enclosure, associated to bell beaker and some probably early Bronze Age pottery.

Naturally, because of the lack of information, many of the structures (enclosures and hundreds of pits) still out of this preliminary sketch for the temporality of Perdigões, and the apparent progressive enlargement of the site though time is yet to be fully demonstrated. Nevertheless, the site seems to be living during at least 1500 years, and future interpretative models have to address and try to understand the dynamics of the site during that large period of time.

RESTOS FAUNÍSTICOS EM CONTEXTOS DO NEOLÍTICO FINAL DO SECTOR Q DO RECINTO DOS PERDIGÕES (REGUENGOS DE MONSARAZ).

Nelson Cabaço¹

1. Introdução

Na intervenção de 2009 realizada no Sector Q do Complexo de Recintos dos Perdigões (Valera, neste volume) foram identificados diversos contextos que cronologicamente se inserem no Neolítico Final, nomeadamente a Vala 1, Fossa 1, Fornos 1 a 3 e um fosso. Nestes contextos foram recuperados restos faunísticos que serão sujeitos a análise no presente trabalho, no qual se realiza um estudo preliminar centrado essencialmente na identificação das espécies animais e na observação da sua manipulação antrópica.

2. Método

Para a análise dos restos faunísticos foi realizada a identificação taxonómica recorrendo à colecção de referência de vertebrados do Laboratório de Arqueozoologia do IGESPAR (Moreno-García et al., 2003).

Durante as identificações foi necessário criar, para os restos de mamíferos, as seguintes categorias gerais: mamíferos de tamanho grande e mamíferos de tamanho médio. Estas categorias foram criadas com objectivo de fazer a separação entre os restos identificados e restos não identificados.

No caso dos restos não identificados, trata-se de restos que não permitiram realizar a sua identificação específica por falta de caracteres diagnósticos. Tratam-se sobretudo de fragmentos de ossos longos, de crânio, costelas, vértebras e outros fragmentos de pequenas dimensões. Nestes casos os restos foram classificados como sendo de mamíferos de tamanho grande ou mamíferos de tamanho médio. Este aspecto irá permitir comparar as suas proporções relativas em relação aos restos identificados a nível específico, sendo deste modo será possível compreender questões tafonómicas, bem como compreender o estado de conservação dos contextos arqueológicos onde estavam inseridos.

Relativamente à identificação de restos de ovelha e cabra, criou-se a categoria de ovicaprinos, devido à dificuldade de diferenciação entre as ovelhas e cabras resultante das muitas semelhanças na morfologia osteológica (Boessneck, 1969; Hatting, 1995). Pelas mesmas razões de semelhanças na morfologia osteológica que nem sempre permitem uma classificação específica (Payne S. & Bull G. 1988; Rowley-Conwy P. 1995), foi necessário criar a categoria de *Sus* no que se refere à diferenciação de porco doméstico e javali.

Na tentativa de determinar a idade de morte foi considerado o estado de ligação das epífises às suas respectivas diáfises (Silver, 1969).

Todos os restos faunísticos, ossos e dentes, foram analisados e quantificados. O método de quantificação que foi utilizado foi a contagem do número total de restos (NTR), número de restos determinados por cada espécie (NRD) e número mínimo de indivíduos (NMI) (Grayson, 1984; Lyman, 2008).

3. Análise arqueozoológica

Nos contextos anteriormente referidos, no total foram recolhidos 431 restos, dos quais 37 são dentes (Tabela 1). Desta amostra apenas foi possível identificar taxonomicamente 97 restos, correspondendo a 22,7% do total da amostra, uma vez que o restante apenas foi possível classificar como Macromamíferos e Mesomamíferos (Tabela 1). Esta baixa percentagem de restos identificados deve-se sobretudo ao elevado grau de fragmentação, que resulta em restos sem caracteres diagnósticos fiáveis, quer ao nível de identificação dos elementos ósseos correspondentes, quer ao nível da identificação taxonómica. Porém, a elevada presença destes pequenos fragmentos reflecte um trabalho cuidado na recolha deste tipo de vestígios arqueológicos.

No que diz respeito aos restos identificados verificou-se que as espécies dominantes são os suínos (*Sus s.p*) representando 6,5% do total da amostra, os ovicaprinos (*Ovis/Capra*) representando 5,1% e o veado (*Cervus elaphus*) representando 4,41%. Como é possível observar, a presença destes três táxones é muito semelhante, o mesmo

¹ NIA / Era Arqueologia S.A.

nelsoncabao@yahoo.com

acontecendo quando comparamos o número mínimo de indivíduos destes táxones, sendo o grupo dos suínos o que tem o valor mais elevado de toda a amostra analisada (Tabela 1). Os táxones menos representados são: os equídeos (*Equus s.p*) com uma representação de 0,7% do total da amostra, o Lince Ibérico (*Lynx pardina*) com uma percentagem 0,46% e o Saca-rabos (*Herpestes ichneumon*) com uma percentagem de 0,23%.

Relativamente à representatividade anatómica destaca-se a predominância de restos pertencente ao esqueleto cranial, devendo sobretudo à presença de dentes (Tabela 2). Tal como já era patente na Tabela 1, observa-se uma vez mais a predominância dos suínos, dos ovicaprinos e do veado. Porém, quando comparamos estes três táxones entre si observamos que as partes anatómicas presentes nos suínos e nos ovicaprinos são semelhantes, predominando em ambos os casos restos pertencentes ao esqueleto cranial, já quando comparamos estes dois táxones com o veado verificamos que neste último predominam partes pertencentes ao esqueleto apendicular, membros superiores e inferiores, (Tabela 2).

Durante a análise dos restos foi possível observar indícios de manipulação antrópica. Esta manipulação foi registada pela presença de restos queimados, polidos e por marcas de corte. No que diz respeito às evidências de sujeição ao fogo registaram-se 8 restos, sendo que apenas foi possível identificar taxonomicamente 2: uma primeira falange de suíno (*Sus s.p*) e um calcâneo de veado (*Cervus elaphus*). Estes restos queimados distribuem-se da seguinte forma entre os diversos contextos:

Vala 1:

- 3 fragmentos de ossos longos de Mesomamífero;
- 1 esterno de Mesomamífero;
- 1 fragmento de falange de Mesomamífero.

Fossa 1:

- 1 fragmento de osso longo de Mesomamífero;
- 1 calcâneo de Veados.

Forno 1:

- 1 primeira falange de suíno (apenas a epífise proximal).

Como foi referido anteriormente, verificou a presença de um resto polido, que se trata de uma segunda falange de suíno inserida na Vala 1. Por fim, quanto à marca de corte registada, esta foi assinalada num rádio de veado inserido no Forno 2. Esta marca de corte localiza-se próxima da epífise proximal. A sua presença parece ser consistente com o processo de esfolar e desmanche do animal.

Relativamente às idades à morte das espécies identificadas, apenas se pode referir que se tratam quase na sua totalidade de animais adultos, pela existência de epífises completamente fusionadas e pelos restos de dentes serem exclusivamente de dentição definitiva.

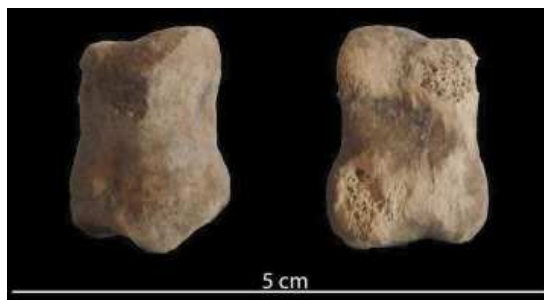


Figura 1 – 2ª falange de Suíno polida (Vala 1).



Figura 2 – 1ª falange de Suíno queimada (Forno 1).



Figura 3 – Calcâneo de Veados queimado (Fossa 1)

4. Análise contextual

Os restos recolhidos distribuem-se de forma diferenciada entre os diversos contextos. Quando observamos a Tabela 1 podemos verificar que é a Vala 1 que mais contribui para a amostra analisada, com uma percentagem de 42% da amostra total. Porém, é esta vala que apresenta uma maior quantidade de restos que não permitiram a sua identificação específica devido ao seu elevado grau de fragmentação. Os restantes contextos surgem com contribuições inferiores: Fossa 1 – 24%; U.E. 41 (fosso) – 19%; Forno 2 – 11% e Forno 1 – 5% (Tabela 1).

Se observamos a presença dos diferentes táxones nos diferentes contextos verificamos que na Vala 1 estão

presentes quase todas as espécies identificadas, com a excepção do Saca-rabos (*Herpestes ichneumon*) que apenas se encontra na U.E.41. Este facto contrasta com os restantes contextos, principalmente com a Fossa 1, Forno 1 e Forno 2. Na Fossa 1 e no Forno 2, estão presentes veado, vaca, ovinos, suínos e coelho.

Podemos ainda observar semelhanças a nível taxonómico e à quantidade de restos não identificados entre a Vala 1 e a U.E.41. Este aspecto poderá estar eventualmente relacionado com a funcionalidade deste espaço e com a sua história tafonómica, podendo parte desta fauna estar relacionada com o funcionamento dos fornos. Esta hipótese é reforçada principalmente pela presença de restos queimados na Vala 1. Há ainda que referir que a U.E.41 formava um plano ligeiramente inclinado, cobrindo os restos Forno 2 e prolongando-se sob o Forno 1 e topo da Fossa 1 (Valera, neste volume). Esta questão terá de ser melhor clarificada futuramente, com a continuação da escavação nesta área e através de análises estratigráficas e tafonómicas mais detalhadas.

5. Conclusões preliminares

Com esta análise preliminar dos restos em causa verificamos a presença de animais selvagens e domésticos. Os animais considerados selvagens são: o cavalo, o veado, os possíveis javalis (existe a possibilidade da existência de javali), o coelho, o lince-ibérico e o saca-rabos. Relativamente aos animais domésticos foram identificados os seguintes táxones: os bovídeos, os suínos e os ovinos.

Quanto à interpretação destes contextos, os dados até ao momento parece sugerir que os restos presentes são resultado de actividades relacionadas com o aproveitamento alimentar destes animais. Esta hipótese assenta essencialmente na presença de restos queimados, nas partes anatómicas presentes e existência de marcas de corte. Porém, o número reduzido da amostra, o facto de alguns dos contextos de proveniência estarem apenas parcialmente escavados e existirem questões de natureza tafonómica a resolver, conferem a esta observação um carácter essencialmente orientador do trabalho em curso.

Referências Bibliográficas

- BARONE, R. (1986) - *Anatomie comparée des mammifères domestiques. Tome 1 Osteologie*. Paris: Vigot Freres (3ª ed.).
- BOESSNECK, J. (1969) - Osteological differences between sheep (*Ovis aries* L.) and goat (*Capra hircus* L.). In D. Brothwell e E.S. Higgs [eds.], *Science in Archaeology*, pps 331-358. Thames and Hudson, London.
- BULL, G., PAYNE, S. 1982. Tooth eruption and epiphyseal fusion in pigs and wild boar. In (Wilson, B.; Grigson, C.; Payne, S., eds) *Ageing and sexing animal bones from archaeological sites*. Oxford: BAR British Series, **109**, p. 55-7
- GRAYSON, D. K. (1984) - *Quantitative zooarchaeology: topics in the analysis of archaeological faunas*. Academic Press, Orlando, Florida, London
- HATTING, T. (1995) - Sex-related characters in the pelvic bone of domestic sheep (*Ovis aries* L.). *Archeofauna*. 4. Madrid, pp. 408-412.

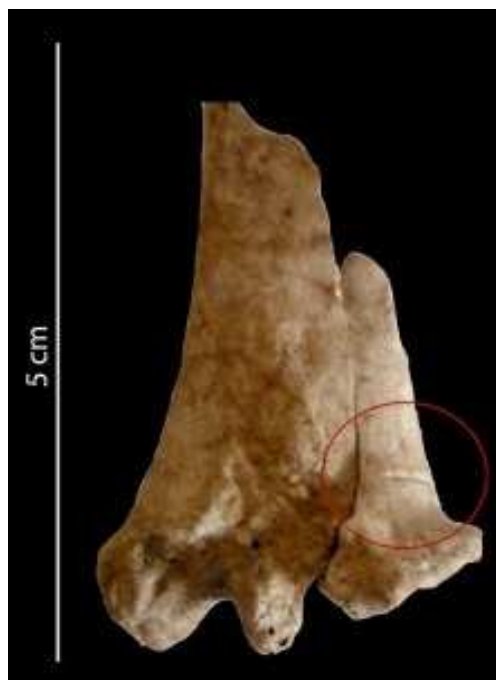


Figura 4 – Rádio direito de Veado com marca de corte (assinalada pelo círculo vermelho) (Forno 2).

- LYMAN, R. L. (2008) – *Quantitative Paleozoology*. Manuals in Archaeology, Cambridge Press.
- MORENO-GARCIA, M., PIMENTA, C. M., DAVIS, S., GABRIEL, S. 2003. A osteoteca: uma ferramenta de trabalho. In (Mateus, J. E.; Moreno-Garcia, M., eds.) *Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura*. Trabalhos de Arqueologia **29**: 235-261. Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.
- PAYNE, S., BULL, G. 1988. Components of variation in measurements of pig bones and teeth, and the use of measurements to distinguish wild from domestic pig remains. *Archaeozoologia*, **2**, p. 27- 65.
- SILVER, I. A. 1969. The ageing of domestic animals. In (D. Brothwell; Higgs, E. S., eds.) *Science in Archaeology*, 283-302. Thames and Hudson, London.
- VALERA, António Carlos (neste volume), "Construção da temporalidade nos Perdígões: contextos neolíticos na área central"

Abstract

Faunal remains from Late Neolithic contexts of Sector Q in Perdígões enclosure (Reguengos de Monsaraz)

The aim of this paper is present the results of the preliminary analysis of the faunal remains of the Late Neolithic period, identified during the archeological works of 2009 in the Sector Q of Perdígões enclosure (Reguengos de Monsaraz). With this analysis it was possible to identify the following species: Horse, *Equus sp.*; Deer, *Cervus elaphus*; Bovids, *Bos taurus*; Sheep, *Ovis/Capra*; Pig/Wild boar *Sus sp.*; Rabbit, *Oryctolagus cuniculus*; Iberian Lynx, *Lynx pardina* and *Herpestes ichneumon*. During the same analysis was possible to observe traces of manipulation by humans, related with food consumption of some species.

Anexos

Caracterização da amostra	Vala 1			Fossa 1			Forno 1			Forno 2	U.E41	Totais	% sobre NTR	NMI
	18	33	55	51	53	54	25	26	34	56				
MAMÍFEROS														
Cavalo, <i>Equus sp.</i>		1							1		1	3	0,7	1
Veado, <i>Cervus elaphus</i>	3 (1)	1		3 (1)	4 (3)	3		1		1	3	19 (5)	4,41	2
Vaca, <i>Bos taurus</i>	2			2							2	6	1,39	1
Ovicaprinos, <i>Ovis/Capra</i>	10 (6)	1				1 (1)				7 (6)	3	22 (13)	5,1	2
Porco/Javali; <i>Sus sp.</i>	8 (5)	1	3			2	7 (4)	1 (1)	2		2	28 (10)	6,5	3
Coelho, <i>Oryctolagus cuniculus</i>	6 (3)		2			1				7 (5)		16 (8)	3,71	2
Carnívoros														
Lince-Ibérico, <i>Lynx pardina</i>			2 (1)									2 (1)	0,46	1
Saca-rabos; <i>Herpestes ichneumon</i>										1		1	0,23	1
Total Mamíferos identificados	29 (15)	4	7 (1)	5 (1)	4 (3)	7 (1)	7 (4)	2 (1)	3	18 (11)	11	97 (37)	22,5	13
Macromífero	1		1	2		2				2	1	9	2,09	
Mesomamífero	106	26	6	18	2	64	3	3	2	27	68	325	75,41	
Total Mamíferos não determinados	107	26	7	20	2	66	3	3	2	29	69	334	77,5	
TOTAL MAMÍFEROS	136 (15)	30	14 (1)	25 (1)	6 (3)	73 (1)	10 (4)	5 (1)	5	47 (11)	80	431 (37)	100	
Percentagem sobre NTR	31,6	6,96	3,25	5,8	1,39	16,9	2,32	1,16	1,16	10,9	18,6	100	100	
Percentagem sobre NTR (por contexto)	42			24			5			11	19	100		

Tabela 1 - Caracterização da amostra (os números entre parêntesis referem-se ao numero de dentes já incluídos no total, ou seja quando temos 431(37) significa 431 restos dos quais 37 são dentes).

Distribuição anatômica	Equus sp.			Cervus elaphus					Bos taurus			Ovis/Capra				Sus sp.					Oryctolagus cuniculus					Lynx pardina					Herpestes ichneumon					Total
	VI	Fr1	U.E41	VI	Fs1	Fr1	Fr2	U.E41	VI	Fs1	U.E41	VI	Fs1	Fr2	U.E41	VI	Fs1	Fr1	Fr2	U.E41	VI	Fs1	Fr1	Fr2	U.E41	VI	Fs1	Fr1	Fr2	U.E41	VI	Fs1	Fr1	Fr2	U.E41	
Cabeça																																				
crânio					1								1					1			1												1	6		
mandíbula													1					1			1				5		1							9		
dentes sup					4								1	1	6		5		3		3												23			
dentes inf					1								5					2							1								9			
E Axial																																				
Atlas																		1															1			
Axis																																				
Vértebras																																				
Costelas																	2		1														3			
Sacro																																				
Membro Anterior																																				
Escápula						1									1	1		1		1	2												7			
Úmero						2							1		2						1															
Rádio			1		1	1		1					1																				6			
Úlna				1							1																							2		
Carpais										2																										
Metacarpo																	2						1											3		
Metacarpo 1																																				
Metacarpo 2																																				
Metacarpo 3																																				
Metacarpo 4																																				
Metacarpo 5																																				
1ª falange																		1															1			
2ª falange						1							1				1			1													4			
3ª falange																	2																2			
Membro Posterior																																				
Pelvis								1			1			1							1												4			
Patella																																				
Fémur																																				
Tíbia		1			2			1																	1								5			
Astrágalo																																				
Calcâneo						1																												1		
Tarsais																																				
Metatarso										1																								1		
Metatarso 1																																				
Metatarso 2																																				
Metatarso 3																	1																1			
Metatarso 4																																				
Metatarso 5																																				
Sesamoides																																				
1ª falange																																				
2ª falange										1																								1		
3ª falange																																				
Total		1	1	1	4	10	1	1	3	2	2	2	11	1	7	3	12	2	10	2	2	8	1	7	2							1	97			

Tabela 2 - Tabela 2 - Distribuição anatômica por contexto. Legenda: V1 - Vala 1; Fs1- Fossa 1; Fr1- Forno 1; Fr2 - Forno2; U.E41- Unidade 41.

MARFIM NO RECINTO CALCOLÍTICO DOS PERDIGÕES (1): “LÚNULAS”, FRAGMENTAÇÃO E ONTOLOGIA DOS ARTEFACTOS.

António Carlos Valera¹

1. Introdução

Entre 1998 e 2006 a ERA Arqueologia S.A. interveio dois sepulcros na necrópole dos Perdigões (Sepulcros 1 e 2) no âmbito de um projecto dedicado aos ambientes funerários (Valera *et al.* 2000 e 2007), cujo estudo monográfico está em curso. Estes sepulcros proporcionaram uma extraordinária quantidade de material osteológico humano e votivo, entre o qual se destaca um numeroso conjunto de artefactos e de fragmentos em marfim². Na totalidade dos dois sepulcros, estão contabilizados para cima de três centenas de registos de peças em marfim, o que torna os Perdigões num dos sítios com mais elementos fabricados nesta matéria-prima conhecidos no Sul de Portugal.

A totalidade dos materiais em marfim, a qual se encontra em fase de estudo, corresponde a uma grande variedade de artefactos (Figura 1), quer estes sejam peças únicas ou elementos de peças compostas: braceletes, alfinetes, cabos e bainhas de punhais ou facas, pendentes, placas decoradas em relevo, pentes, botão, elementos decorados ou lisos de peças compósitas indeterminadas, ídolos antropomórficos, esculturas de animais (bovinos, pássaros, cervídeo e coelho), possíveis caixas, um báculo e um conjunto de peças interpretadas como possíveis “lúnulas”. É sobre este último conjunto que este texto incide.

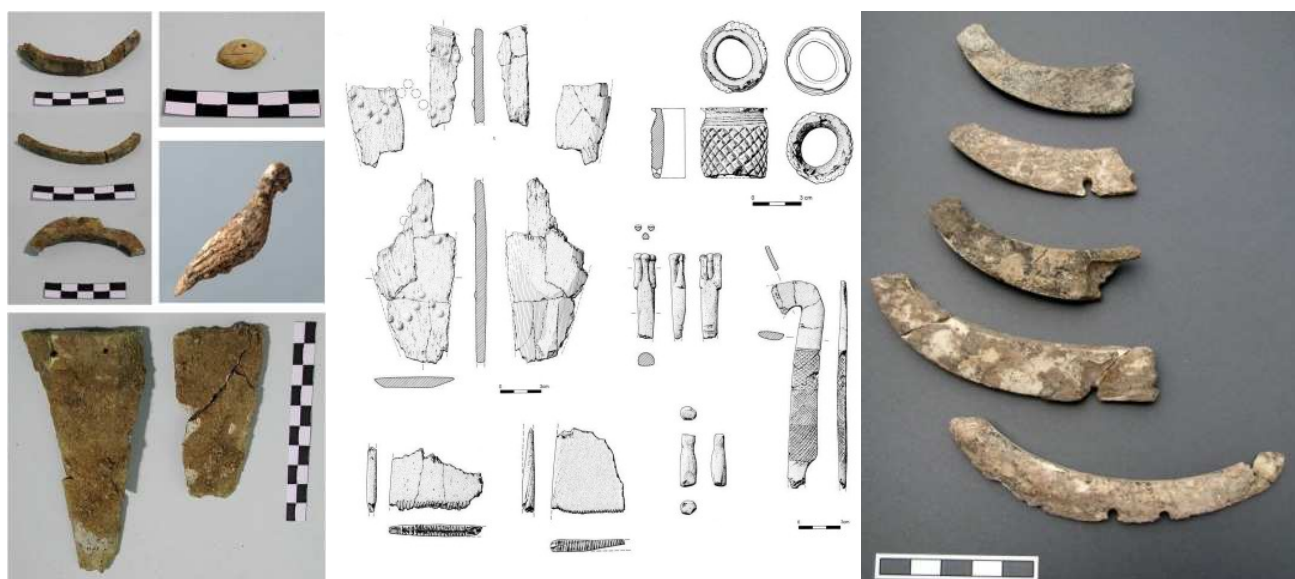


Figura 1 – Exemplificação da variedade de objectos em marfim provenientes dos Sepulcros 1 e 2 da necrópole dos Perdigões: braceletes, botão de perfuração em “V”, pássaro, bainha de punhal, placa com decoração em relevo, “copo” decorado, ídolos antropomórficos, pentes, báculo e “lúnulas”.

¹ Coordenador do Programa Global de Investigação Arqueológica dos Perdigões ; NIA-ERA Arqueologia S.A.; antoniovalera@era-arqueologia.pt

² Material actualmente em análise por Thomas Schuhmacher.

2. As “Lúnulas”

As peças classificadas como lúnulas ou fragmentos de lúnula, todas em marfim (Figura 2), são na íntegra provenientes do Sepulcro 2. O conjunto apresenta uma peça inteira, seis metades e sete fragmentos de menores dimensões, correspondendo a quatro extremidades e três partes mesiais (Figuras 3 e 4), formando um total de catorze unidades.

Genericamente, tratam-se de peças relativamente finas (espessuras que variam entre 2 e 5 mm) e com larguras compreendidas entre 1 e 2 cm. O comprimento da única peça inteira (11752) é de 10,2 cm.

Ostentam uma configuração lunular, podendo apresentar uma curvatura mais aberta (como a peça inteira – 11752) ou mais fechada (como as peças 11227 e 11627). Em termos de perfil, a maioria das peças revela uma curvatura que se vai acentuando da parte mesial para as extremidades, circunstância que se fica a dever à forma como a peça foi recortada, aproveitando a curvatura natural da defesa do animal (Figura 2).

Das catorze peças, oito apresentam perfurações. Estas perfurações localizam-se predominantemente a meio das peças e junto ao seu rebordo inferior (?), apresentando-se como um par (seis das oito peças com perfurações). As excepções são um fragmento de extremidade com perfuração (10275) e uma outra extremidade com um par de perfurações (10213). Entre as peças com perfuração central registam-se duas situações em que a área dos furos se encontra rebaixada em forma de rectângulo (11201 e 7726), podendo existir uma terceira ocorrência (11692). Estes rebaixamentos poderiam funcionar como encaixes, o que significaria que estas lúnulas poderiam fazer parte de artefactos compostos por outros elementos.

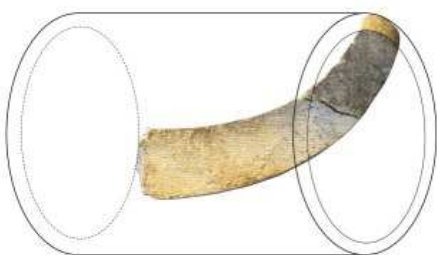


Figura 2 – Pormenor das linhas de Schreger identificadoras do marfim de Proboscidea (elefante africano, asiático e mamute) e esquema do corte das peças aproveitando a curvatura natural das defesas.

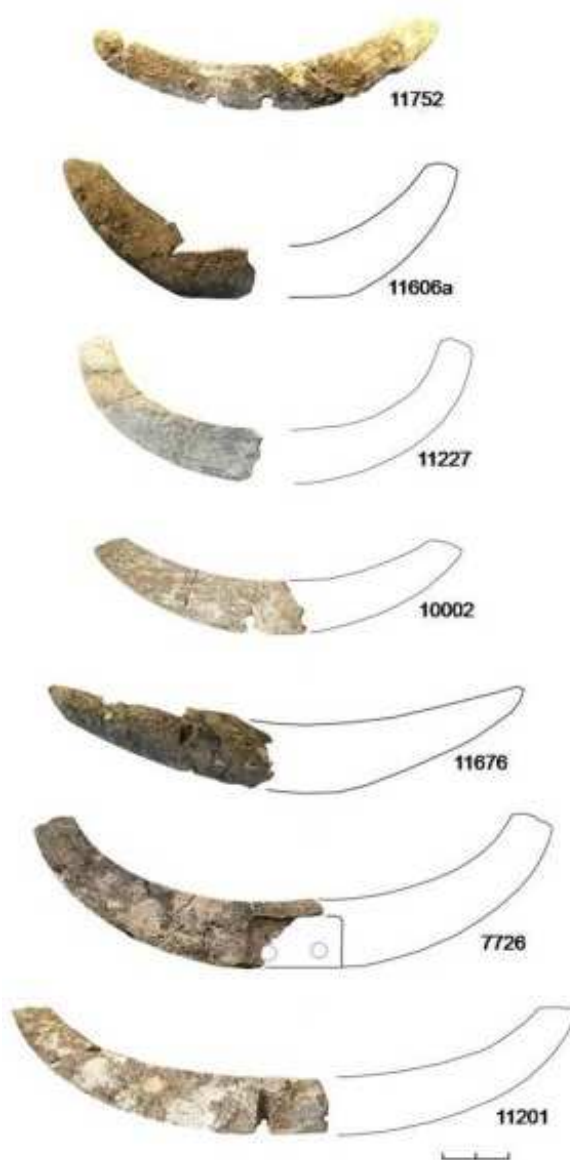


Figura 3 – Lúnula inteira e metades esquerdas.

É ainda de registar a circunstância de, nas peças fragmentadas em metades, ser sempre a metade esquerda (quando olhamos a peça de frente) que está representada (Figura 3), verificando-se a mesma tendência nos fragmentos mais pequenos, onde, quer as extremidades quer os segmentos mesiais correspondem ao lado esquerdo, com excepção de uma extremidade (10213 - Figura 4).

Esta situação, em que entre as peças fragmentadas um dos lados está representado em 92%, não configura uma circunstância de fragmentação aleatória de natureza tafonómica, mas antes um padrão que traduz intencionalidade.

Por último, deve fazer-se referência a uma outra peça que poderemos ou não integrar neste conjunto, mas que apresenta diferenças: quer ao nível da matéria-prima (variável que me parece nesta questão ser significativa), a qual está localmente disponível, quer ao nível da morfologia, quer ainda ao nível da suspensão (lembre-se que apenas um fragmento do conjunto anterior evidencia um furo na extremidade).

Trata-se de uma grande presa de javali proveniente do átrio do Sepulcro 2, cortada longitudinalmente na extremidade proximal (onde foi posteriormente polida), apresentando-se com uma morfologia lunular de convexidade bastante acentuada (Figura 5). Apresenta uma perfuração em cada extremidade, sugerindo que a peça poderia ser usada ao pescoço como gargantilha.

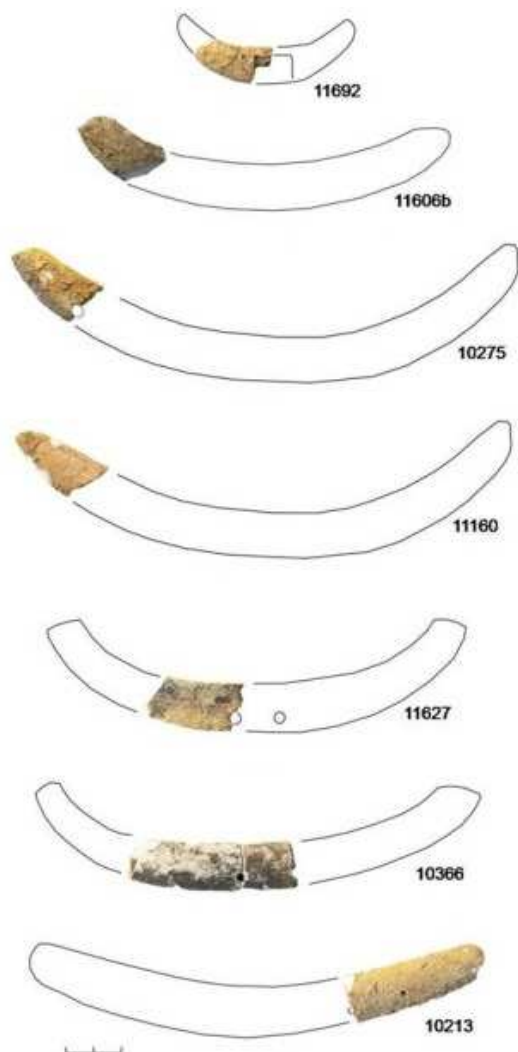


Figura 4 – Fragmentos mesiais e de extremidades.

O recurso a presas de javali como objectos de adorno (a que poderiam estar associados diversos simbolismos e “funções”) é bem conhecido e nos sepulcros dos Perdígões existem outros exemplares mais pequenos, mas sem os furos de suspensão. Estas peças podem ser usadas de diversas maneiras e o aproveitamento da sua configuração natural não tem que ser necessariamente relacionado com a questão das lúnulas, como, por exemplo, é o caso das gargantilhas formadas por duas presas de javali, perfuradas e unidas nas extremidades de Portam Latinam (Figura 6).

Desta forma, sem excluir uma eventual paralelismo de sentido entre esta peça e as anteriores (e por isso sinto a necessidade de aqui a referir e publicar), prefiro não a integrar na discussão que de seguida se desenvolverá.



Figura 5 – Possível gargantilha em presa de javali proveniente do Sepulcro 2 dos Perdígões..



Figura 6 – Presas de javali de San Juan ante Portam Latinam interpretadas como elementos de gargantilha (em cima) e gargantilhas contemporâneas com o mesmo tipo de presas (segundo Vegas Aramburu, 2007).

3. O contexto

Como se referiu acima, estas peças são todas provenientes do Sepulcro 2, tendo sido quatro recolhidas no átrio e as restantes dez na câmara (Figura 7). Tanto um espaço como outro foram alvo de intensa utilização funerária, com deposições de restos humanos (aparentemente exclusivamente secundárias) e de abundante material votivo.

No átrio foram definidos dois grandes momentos de deposições, separados pela queda da laje de encerramento da entrada do corredor. Esta laje tombou para a frente, sobre as deposições e sedimentos já acumulados no átrio e posteriormente foi coberta por novas deposições e sedimentos. Dos quatro fragmentos de lúnulas ali recolhidos, três (correspondentes a fragmentos de extremidades e a um mesial) foram recolhidos no momento mais antigo, prévio à queda da laje, numa zona próxima e frontal à entrada do corredor, enquanto que o quarto (correspondente a uma metade) foi recolhido a meio do átrio e num contexto deposicional posterior à ocorrência da referida queda.

As três peças do momento mais antigo (provenientes da UE232) estavam contextualmente associadas a numerosos objectos ou fragmentos de objectos em marfim (entre os quais uma figura de animal), fragmentos de *Pecten maximus*, contas de colar, alguns fragmentos de cerâmica e de lâminas e ídolos falange.

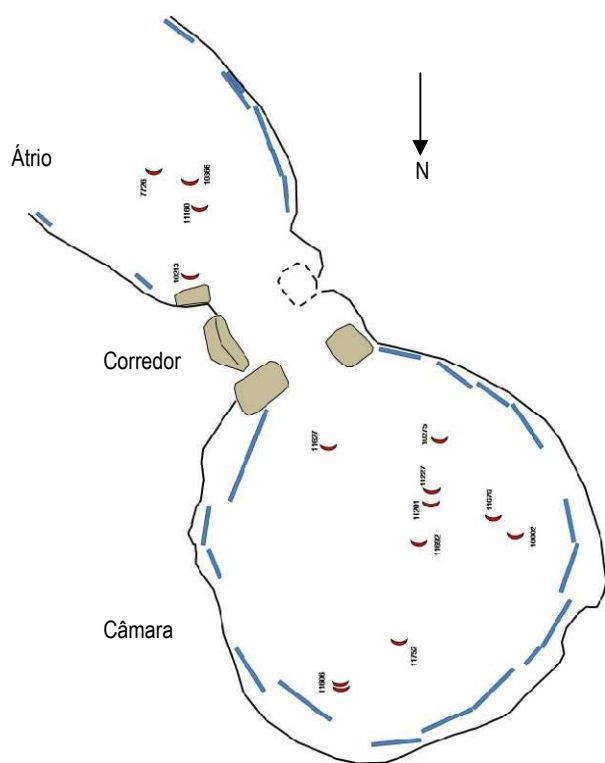


Figura 7 – Distribuição das lúnulas no Sepulcro 2.

Já a peça do segundo momento (proveniente da UE231) estava associada a outros objectos em marfim, a ídolos falange decorados, dois fragmentos de *Pecten maximus*, uma presa de javali, alguns recipientes cerâmicos inteiros, entre os quais um com decoração simbólica abrangente (Valera *et al.*, 2000: 104), várias dezenas de contas de colar, alguns fragmentos de lâmina e ídolos em osso.

Note-se, ainda, que o último depósito que preenchia o átrio (e que se sobrepunha à UE231) forneceu um prato de bordo espessado junto à entrada do corredor e ídolos cilíndricos de calcário e almofarizes igualmente em calcário na entrada do átrio. No seu conjunto, estas associações contextuais revelam uma ambiência plenamente calcolítica.

Quanto às peças recolhidas na câmara, elas apresentam uma distribuição tendencialmente concentrada no lado esquerdo (de quem entra). Contudo, ao contrário do átrio, a câmara do Sepulcro 2 parece ter sido sujeita a reutilizações realizadas numa fase tardia do 3º milénio AC, como parecem sugerir a presença de materiais normalmente associados ao campaniforme, como um botão com perfuração em “v” e pequenas chapas de ouro, que se distribuem por quase toda a sequência estratigráfica da câmara. As associações originais de artefactos foram assim afectadas ainda durante esta reutilização do sepulcro, embora, com excepção do ouro e de alguns objectos em marfim, a maioria dos materiais repita os padrões observados no Sepulcro 1 e no átrio do Sepulcro 2.

Os fragmentos de lúnula aparecem dispersos por diferentes unidades estratigráficas, desde o topo à base da sequência da câmara, podendo tanto corresponder aos momentos iniciais de utilização, como à reutilização mais tardia. Genericamente, trata-se de um contexto integrável no 3º milénio AC, podendo a sua construção e primeira fase de utilização datar da primeira metade do milénio e as reutilizações mais tardias da segunda metade.

4. Sobre a sua interpretação como lúnulas

De momento, não conhecemos no Ocidente Peninsular artefactos em marfim ou osso que inequivocamente se assemelhem a estes objectos do Sepulcro 2 dos Perdighões. A sua interpretação como lúnulas deriva, naturalmente, da morfologia genérica das peças e dos paralelos que podem ser estabelecidos com as peças assim designadas e realizadas em calcário ou com algumas representações iconográficas antropomórficas.

As lúnulas em pedra (calcária), características das Penínsulas de Lisboa e Setúbal, apresentam-se como peças mais largas. Contudo, a configuração genérica é aparentada e sobretudo é de notar o paralelismo da localização das perfurações em muitos dos exemplares estremenhos (Figura 6): ao centro e por vezes em baixo (?), tal como na maioria dos exemplares perfurados dos Perdighões.

Estas peças seriam utilizadas possivelmente sobre o peito, logo abaixo do pescoço, como é sugerido em algumas representações iconográficas interpretadas como lúnulas. É

o caso do betilo proveniente da Folha das Barradas, com uma organização antropomórfica e onde no terço intermédio, correspondente ao tronco, estará representada uma lúnula (Figura 7).

Na região alentejana, embora até agora não se tenham reconhecido este tipo de artefactos, eles parecem estar representados em menires ou estátuas-menir.

Esta situação está documentada em dois menires no cromeleque dos Almendres, em vários outros no Cromeleque da Portela dos Mogos (Gomes, 1997) e em alguns menires do cromeleque de Vale Maria do Meio (Calado, 2000). Nalgumas destas situações (Figura 8: 1 a 3) as possíveis representações de lúnulas, que genericamente parecem reafirmar o uso localizado destas peças no pescoço ou sobre o peito, apresentam configurações mais finas, que se assemelham bastante às morfologias apresentadas pelas peças do Sepulcro 2 dos Perdigões.

Dada a sua morfologia, estas representações têm sido associadas, em termos iconográficos, às lúnulas em calcário, sendo a sua ausência nos conjuntos artefactuais alentejanos explicada com a hipótese de serem realizadas em materiais perecíveis, como madeira ou entramado de fibras vegetais (Gomes, 1997).

A cronologia genericamente assumida para os objectos luniformes em calcário estremenhos é calcolítica. A mesma que, em termos relativos, podemos propor para as peças do Sepulcro 2 dos Perdigões.

Já as referidas representações em estátuas-menires são, para uns, uma transformação aposta a menires realizada numa fase final do Neolítico e na sequência de reformulações tardias da estrutura de alguns cromeleques (Gomes, 1997), enquanto que para outros são integráveis em momentos neolíticos mais iniciais (Calado, 1997). Independentemente da discussão em torno à específica referenciação cronológica destas representações dentro do Neolítico, o que interessa aqui referir é que os objectos luniformes calcolíticos parecem evidenciar, como tantos outros artefactos, representações e arquitecturas, o forte enraizamento neolítico que as comunidades do 3º milénio do Ocidente Peninsular evidenciam conceptualmente, apesar de poderem recorrer a outras matérias-primas ou a variantes técnicas e expressivas. Neste sentido, não deixa de ser significativo a presença, em contexto do 3º milénio no Sepulcro 1 dos Perdigões, de um báculo decorado realizado igualmente em marfim (Figura 1).

Genericamente, são símbolos interpretados como representações lunares e expressão do papel que a Lua teria nos esquemas cosmológicos das comunidades pré-históricas, sublinhando-se, inclusivamente, a possibilidade destas estátuas-menir se enquadrarem em esquemas de antropomorfização do cosmos (Gomes, 1997) ou de alguns cromeleques, onde aquelas estão presentes, poderem ter funcionado como observatórios lunares (Silva, 1993).

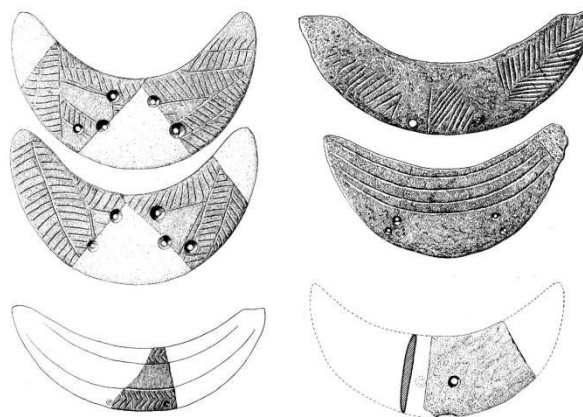


Figura 6 – Algumas das lúnulas estremenhas em calcário com perfurações centrais: 1. Cabeço da Arruda 2; 2. Carenque; 3. Trigache 2; 4. Gruta de Cascais (segundo, Leisner, 1965, adaptado).



Figura 7 – Betilo decorado proveniente do hipogeu da Folha das Barradas (segundo, Leisner, 1965).

Varela Gomes vai mais longe (Gomes, 1997) e estabelece uma relação entre estes objectos e as entidades concretas iconografadas:

“O reconhecimento imediato da representação astral deixa, desde logo, pressupor tratar-se da figuração de divindades conotadas com a lua e com um nível celeste.” (*idem*: 275) ou “(...) que podem figurar entidades sobrenaturais ou de um tempo mítico, como as imagens de antepassados divinizados” (*ibidem*: 277).

Se a ideia de transcendência divina me parece discutível na sua aplicabilidade, sem uma crítica apurada, à Pré-história Recente Peninsular e sobretudo ao Neolítico (assunto que não cabe desenvolver neste texto), já a leitura que vê estas representações antropomórficas como algo mais que simples abstracções ou evocações, mas nelas reconhece também entidades concretas, me parece mais sugestiva.

Ou seja, por quem, quando, onde e como eram “usados” estes objectos lunulares?

Até ao momento estes artefactos só foram registados em contextos funerários. Um primeiro aspecto decorrente desta circunstância é o de que poderia estar favorecida a associação concreta do objecto a certos indivíduos. Infelizmente, nem as lúnulas em calcário, nem os seus eventuais paralelos em marfim recolhidos no Sepulcro 2 dos Perdigueiros, se encontravam directamente associados a restos humanos de indivíduos concretos em conexão anatómica. No caso dos Perdigueiros, relembre-se, ocorrem em contextos de deposições secundárias e de prolongada utilização do monumento durante o 3º milénio A.C.

Uma segunda questão que se coloca a esta aparente “exclusividade funerária” resulta, como acontece com tantos outros objectos, na dúvida de se teriam uma utilização fora desse contexto. Seriam objectos de uso corrente por alguns? Seriam objectos de uso em circunstâncias sociais específicas? Ou o seu contexto de acção seria exclusivamente o funerário?

Se o Sepulcro 2 dos Perdigueiros não possibilita avanços na primeira questão (a da associação objecto/indivíduo concreto), já no que respeita à problemática do contexto de utilização e desempenho social destas peças o conjunto de objectos lunulares analisado permite desenvolver algumas considerações. E estas partem do seu estado de conservação e da sua matéria-prima.



Figura 8 – Algumas estátuas-menir com lúnulas.
A – Cromeleque dos Almendres; B e C Cromeleque da Portela dos Mogos (segundo, Gomes, 1997). Escalas de 50 cm.

5. Fragmentação e ontologia dos objectos

Conforme atrás referido (Ponto 2), o conjunto de lúnulas de marfim do Sepulcro 2 dos Perdigões apresenta uma clara padronização: uma peça surge inteira e, entre os restantes fragmentos, um representa uma extremidade direita e os restantes doze representam metades ou extremidades esquerdas.

Não existindo remontagens (a escavação foi particularmente minuciosa, pelo que a garantia de ausência contextual das restantes partes pode assumir o estatuto de dado), este padrão de fragmentação dificilmente pode ser considerado aleatório ou resultante de processos tafonómicos. Trata-se de um padrão que evidencia intenção, a qual ganha sentido no quadro da abordagem antropológica ao problema da ontologia dos objectos e das visões do mundo não cartesianas.

A questão da fragmentação intencional, portanto significativa, tem tido, na Arqueologia Ibérica da Pré-história Recente, um tratamento essencialmente ao nível da tecnologia e funcionalidade, sendo assunto recorrente, por exemplo, nos estudos de pedra talhada. Contudo, no que respeita à sua componente simbólica, o discurso arqueológico prima pelo silêncio e quando, na fragmentação, não se reconhecem eventuais interesses funcionais ou etapas tecnológicas, a tafonomia é convocada para explicar a situação.

Em Portugal, foi uma vez mais Susana Jorge quem primeiro incorpora na sua leitura de um contexto arqueológico um conjunto de premissas que o pós-processualismo ia desenvolvendo relativamente à problemática do papel activo de fragmentos de objectos, caminhando no sentido de ultrapassar a dicotomia inteiro / parte.

Na sua reinterpretação do sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão, realizada no contexto da crítica (de inequívoca inspiração anglo-saxónica) que desenvolveu relativamente à tradicional interpretação daquele tipo de contextos como “povoados fortificados” (e, por inerência, a aspectos centrais dos modelos sociais que estão por trás dessa designação), os fragmentos de materiais são tratados, não como resíduos descartados, mas como elementos activamente participantes nas actividades rituais. Uma situação exemplificadora é a da interpretação de uma estrutura considerada ritual e descrita como contendo uma sequência de deposições (em três momentos) de ossos humanos e de animais desarticulados ou de ossos humanos articulados, artefactos e fragmentos de artefactos, tudo considerado como elementos integrantes dos procedimentos rituais.

Nessa interpretação afirma-se que “são depositados (simultânea ou alternadamente) dois tipos de elementos rituais que se diferenciam quanto ao grau de integridade física: a) restos humanos em conexão anatómica, um pequeno vaso quase inteiro e pesos de tear inteiros ou quase inteiros; b) restos humanos desconectados, restos de fauna, fragmentos de recipientes cerâmicos e dois fragmentos de pesos de tear” (Jorge *et al.* 1998-99: 46) e mais adiante, “Os fragmentos cerâmicos (pouco mais de 400

fragmentos) constituem um elemento estruturante desta associação. (...) Enquanto que na fase II1 acompanham ritualmente as deposições humanas, na fase III1 funcionam como elementos de “fechamento” da estrutura” (*idem*).

Considera-se, pois, que os elementos fracturados podem integrar, com papéis variáveis e activos, os processos de deposição ritual. Indo mais longe, não se confere um estatuto diferenciado a fragmentos de ossos humanos, de ossos de animais ou de objectos, deixando à intuição do leitor (não é explicitado) a possibilidade de entender que pode existir um estatuto ontológico aparentado entre os elementos destas categorias. Da mesma forma, as realidades inteiras não surgem com um estatuto simbólico diferenciado relativamente às partes.

Contudo, e talvez porque o “combate” em Castelo Velho se centrou mais em torno das arquitecturas, o problema da fragmentação apareceu sempre como acessório, não tendo sido explorado e trabalhado teoricamente.

Já no âmbito da Pré-história Recente europeia, o estudo de J. Chapman (2000), “Fragmentation in Archaeology: people, places and broken objects in the Prehistory of South-Eastern Europe” (recentemente aprofundado em colaboração com B. Gaydarska – 2007), surge como uma referência incontornável. Analisando a articulação que se estabelece entre totalidade e parte, do Mesolítico ao Calcolítico na região balcânica, Chapman desenvolve dois conceitos (“enchainment” e “accumulation”) que se revelam particularmente úteis na abordagem ao problema da fragmentação intencional e à relação parte / todo.

A relação de encadeamento reporta-se à forma como o objecto, seja ele uma peça inteira ou um fragmento, liga pessoas através de relações de troca. A tónica é posta na circulação do objecto e na biografia (e identidade) que o mesmo vai adquirindo ao longo desses trajectos entre diferentes pessoas e situações. É a história do objecto que é valorizada, pois é ela que conecta pessoas, momentos, lugares.

Já na relação de acumulação a tónica é colocada na valorização do objecto, independentemente da sua circulação. Aqui, o essencial é o objecto inteiro (excluindo fragmentos), pois é nele que reside o valor e não nas suas trajectórias.

Na sua área de estudo, Chapman argumenta que existe uma progressiva passagem das relações de encadeamento (existentes no Mesolítico) para as de acumulação e privatização (dominantes no Calcolítico), sublinhando, nestas últimas, a importância conferida a certas matérias-primas, nomeadamente às que implicam trocas a longa distância, reconhecendo-lhes um papel central no que designa por “acumulação de riqueza” (e onde o fragmento, enquanto tal, perde relevância simbólica).

Neste esquema, a ontologia dos objectos é diferenciada entre a relação de encadeamento e a de acumulação e a passagem de uma à outra é associada ao processo de

complexificação social (que neste caso até será mais um processo de simplificação social do papel do objecto). Mas o que daqui interessa reter para a questão em análise é, antes de mais, a relação de encadeamento. Nela, a totalidade do objecto ou as partes podem desempenhar a mesma função simbólica, estabelecendo-se uma paridade ontológica entre parte e todo, permitindo, seja em termos de representação, seja em termos de partilha de essência, que as partes (os fragmentos) possam desempenhar o papel social de manutenção de ligações com outras pessoas (vivas ou mortas), com outros lugares ou certos acontecimentos.

Chapman sugere que quando encontramos uma estatueta sem cabeça ou metade de uma qualquer peça, não será necessariamente porque escavámos de forma pouco atenta, ou porque a tafonomia actuou, mas porque a outra parte não estava efectivamente lá e a peça foi integrada no contexto já fragmentada. E completa com a ideia de que essa fragmentação poderá ter sido intencional e que a outra parte terá ficado com uma outra pessoa como forma de manter laços, reforçar sentimentos de pertença e de identidade, ou perpetuar um acontecimento significativo em que se participou em conjunto.

Por um lado, o fragmento, distribuído e levado após um acto de fragmentação intencional ocorrido numa qualquer cerimónia, é evocativo e mantém os laços entre pessoas ou pessoas e acontecimentos (“bonded objects”). Por outro, a possibilidade de poder ser trocado/oferecido ou herdado, quer na sua integridade original de fragmento, quer sujeito a sucessivos episódios de fragmentação, gera nos fragmentos um trajecto identitário próprio, uma biografia, que lhes confere a condição de serem “uma pessoa” (Fowler, 2004), ou seja, serem e não simplesmente representarem.

Como sublinhei noutro sítio, a relação parte / todo é também um problema de natureza cognitiva, onde, em determinados esquemas mentais, funcionam princípios psicológicos de participação (Valera, 2007; 2008). Esta pode ser definida como a associação “de elementos de classes ou conceitos diferentes uns nos outros. Esta propriedade de participação está na base de representações associadas aos procedimentos mágicos, permitindo que objectos (por exemplo peças de roupa), ao participarem do conceito da essência da pessoa ou de grupos de pessoas, [possam ser utilizados para nos conectarmos com elas ou actuar sobre elas]. (...) Simultaneamente, permite que propriedades das pessoas se transfiram para os objectos e ideias ou sejam por elas participadas, dando origem a formas de animismo e a situações onde o significativo se dilui no significado e o símbolo passa a pertencer à coisa simbolizada (...)” (Valera, 2007: 572).

Neste âmbito o fragmento (a parte) ganha um papel de grande relevância na partilha e na ligação social, ao mesmo tempo que se constitui como depósito de memória. A segmentação do objecto permite que cada parte seja entregue a pessoas distintas e mantida em locais distintos, mas onde cada parte representa ou é o todo original. Este todo tanto pode ser o objecto inteiro e o seu significado,

como uma relação, como um momento (por exemplo, o contexto em que decorreu o acto de fragmentação).

Conservamos um fragmento que nos liga a uma pessoa ou conjunto de pessoas que possuíram o objecto inteiro; ou a outras pessoas que possuem outros fragmentos; ou nos liga a uma situação em que o objecto inteiro foi utilizado e surge como personificação dessa mesma situação. A posse do objecto não funciona só como memória, como evocação, mas como uma ligação física efectiva, uma vez que cada fragmento partilha da essência original. Em suma, é o princípio psicológico da Óstia, da parte que não apenas representa, mas é o todo, estabelecendo e mantendo relações.

A fragmentação intencional assim conceptualizada apresenta, pois, ângulos desafiantes da nossa percepção das relações parte / todo, as quais são conformadas pelos princípios da geometria cartesiana. Como vários autores têm vindo a sublinhar, a racionalidade moderna cartesiana estabelece dicotomias (como completo/incompleto; inteiro/fragmentado; orientado/desorientado), atribuindo sentido e intenção a um lado (ao completo, inteiro e orientado) e ausência de sentido e carácter aleatório ao outro (incompleto, fragmentado, desorientado). Acontece que estes esquemas dicotómicos de organização do mundo são históricos, isto é, relativos a um tempo e a um espaço, que é essencialmente o do mundo ocidental moderno, progressivamente globalizado. Não será, pois, a categorização mais adequada para abordar e entender outros esquemas mentais, baseados em categorias e valores distintos.

Neste sentido, a valorização acrítica do inteiro e a precipitada desvalorização do fragmento, rapidamente remetido para um “insignificante” estatuto de “lixo” ou “resíduo” sem sentido próprio relevante, actua como preconceito na interpretação contextual.

Por outro lado, tende a gerar um comportamento acrítico sobre o que se nos apresenta como “todo”, como “integral” ou como “unidade”.

Por exemplo, olhamos para um objecto inteiro e tendemos de imediato a considerá-lo uma unidade e, se nos abstrairmos das questões da composição da sua matéria, podemos considerar que, de facto e em termos físicos, se trata de uma unidade. Contudo, em função dos sentidos e relações que lhe estão associados (e, para o ser humano, qualquer materialidade tem sempre sentidos associados, mesmo logo na etapa da percepção: as coisas são sempre percebidas já como qualquer coisa, sempre reportada aos quadros de referência prévios – Vignaux, 2000; Thomas, 2004) essa unidade pode ser uma metade. É o que acontece com a situação recorrente dos “objectos gémeos” que são pensados para serem vínculos de relações: as duas alianças; os dois relógios; as duas canecas; etc.. Pares que são concebidos como unidades representantes de laços, em que cada unidade é vista e sentida como metade de um todo, onde 2 são, de facto, 1.

O problema que se levanta é, pois, o da escala do “todo” (do integral), por um lado, e o da relação entre esse “todo” e as suas “partes”, por outro. Significa que, numa dada situação (a da aliança, por exemplo), o objecto inteiro é fragmento e que, noutra situação (quando, através do fenómeno psicológico de participação, a parte é vista como representando um todo), o fragmento é objecto inteiro.

Trata-se de um processo cognitivo que remete para modos diferentes de organizar o mundo, próprios de sociedades onde a partição, a segmentação, é um processo estruturante: onde se observa a necessidade de separar elementos, de transmitir e partilhar essências, de as redistribuir como forma simultânea de perpetuação e renovação da ordem social (Fowler, 2004).

Sociedades onde o conceito de ser pessoa é profundamente relacional (existências “dividuais” por oposição a individuais – *idem*) e condição partilhada por humanos e não humanos, por vivos e inertes, a qual implica uma categorização diferente do mundo, mais fluida, permitindo o trânsito entre categorias e a partilha de essências, com os seus próprios mecanismos simbólicos de regulação desse trânsito.

Correspondem a visões do mundo profundamente antropomórficas, pois o natural e o social não estão ainda totalmente cindidos e separados por concepções e linguagem que colocam o Homem de um lado (com os seus procedimentos “artificiais”) e a Natureza do outro (com os seus procedimentos “naturais”). A natureza está ainda vivamente antropomorfizada, com os seus elementos a exibirem estatutos e comportamentos humanos, aparecendo-nos frequentemente com a propriedade de “ser pessoa”. Animais, objectos, elementos da paisagem (serras, rios, astros, árvores, etc.) surgem com paridades ontológicas relativamente aos humanos. Como entidades com biografias e que participam activamente nas relações sociais por “direito próprio” e não apenas como cultura material. Em suma, “sustentam uma indiferenciação da racionalização da natureza, promovendo uma forma de pensamento a partir “de dentro”, de uma posição em que a separação humano/natural ainda não está estabelecida” (Valera, 2007).

Nestes esquemas mentais, o vínculo relacional que se pode estabelecer entre pessoas, objectos, animais, etc. tende a gerar um paralelismo de tratamentos. Tal como o objecto, o corpo (humano ou não humano) pode ser segmentado e distribuído (é o princípio das relíquias). É cada vez mais frequente, para diferentes períodos da Pré-história Recente, a argumentação em favor da existência de tratamento e deposição semelhantes entre restos humanos e animais (Márquez Romero, 2006; Gray Jones, 2009). Trata-se de uma matriz de leitura que não se esgota no problema da fragmentação de objectos, mas que, assumindo concepções de paridade ontológica, admite e investiga formas paralelizáveis de tratamento de elementos de categorias distintas: partes de corpos, partes de ossos, podem desempenhar exactamente a mesma função de ligação ou ter um mesmo estatuto de elemento íntegro (com trajecto próprio) como um fragmento cerâmico, a metade de uma lúnula ou um segmento de uma comunidade.

Estas problemáticas são particularmente centrais na interpretação de contextos funerários que, embora frequentemente percebidos e pensados como contextos fechados, seriam essencialmente contextos abertos e relacionais: contextos em rede, onde a segmentação teria um papel fulcral na manutenção das ligações e relações.

6. Regressando às lúnulas

O padrão de fragmentação presente nas lúnulas do Sepulcro 2 dos Perdighões indicia intencionalidade, a qual pode ser interpretada com base nas propostas de Champan: os fragmentos corresponderão a vínculos, ou seja, a elementos através dos quais se mantiveram relações. Mas de que tipo?

Se interpretar este padrão como o resultado de processos intencionais de vinculação é estabelecer uma hipótese interpretativa sobre uma observação empírica, falar sobre a natureza desses vínculos será construir hipóteses sobre uma hipótese. Ou seja, o nível especulativo aumenta. Contudo, considerando o tipo de objectos, a sua situação contextual e matéria-prima em que são feitos, poderemos ainda aprofundar um pouco mais esta linha interpretativa.

Começando pelo contexto funerário, as relações de vinculação podem ser de dois tipos. Numa primeira possibilidade, o momento de fragmentação seria anterior à morte do indivíduo e o fragmento teria sido introduzido no contexto funerário como objecto já pertencente em vida ao falecido. A relação estabelecida nada teria a ver com a morte deste, mas com vínculos celebrados anteriormente.

Noutra possibilidade os vínculos seriam estabelecidos à morte, entre o falecido (cujos restos mortais são acompanhados de um fragmento) e outra ou outras pessoas vivas (que ficariam com o outro ou outros fragmentos). O vínculo manteria uma relação pré-existente. O momento de fragmentação integraria o ritual fúnebre e os fragmentos conservados pelos vivos poderiam ser evocativos de ambos: do falecido, da cerimónia fúnebre (tempo) ou mesmo da sepultura (espaço).

Neste ponto, convém observar que a lúnula tanto poderia pertencer ao indivíduo falecido como à pessoa viva. De facto, as noções de morte, na grande maioria das concepções, apresentam o carácter de transição entre estádios (ou locais) e não o de fim, e, por vezes, o seu estatuto não é particularmente distinto, por exemplo, do estado de transe³. O indivíduo, ao morrer, parte ou transita e até pode regressar. Em face de uma separação assim concebida, o desejo de vinculação será “mútuo” e pode ser conseguido a partir da segmentação e redistribuição de um objecto pertença do falecido, mas pode igualmente ser conseguido a partir de um objecto do indivíduo vivo, que entrega “uma parte si” ao “viajante”.

³ Entre os San da África do Sul, quando um xamã cai no chão em transe profundo diz-se que morreu. Esta “morte” é considerada a mesma morte que pode atingir todos os outros seres, mas ao xamã é reservada a capacidade de voltar. (Lewis-Williams e Pearce, 2005)

Esta situação traz-nos de volta à questão das pessoas que utilizavam lúnulas e às situações em que as utilizavam. A sua raridade parece sugerir que seria um objecto de uso restrito, tanto no que respeita às pessoas, como no que respeita às ocasiões. A circunstância de apenas aparecerem num dos dois sepulcros escavados na necrópole dos Perdígões, poderá ser um outro indicador nesse sentido. Mas quem as usaria?

Se aceitarmos que estes objectos são representações lunares e que de algum modo evocam os sentidos e papéis atribuídos àquele planeta, poderemos pensar em pessoas particularmente conectadas com o sagrado (feiticeiros, xamãs) ou algum outro tipo de líder (comunitário ou de grupo parental).

O objecto, quer pelo seu simbolismo, quer pela sua associação a indivíduos destacados, ganharia um estatuto prestigiante e poderia assumir um papel emblemático (insígnia de determinado estatuto e papel social), facto que reforçaria o seu potencial para estabelecer relações através da sua segmentação e redistribuição. Nesse contexto de valorização, a matéria-prima de que era feito poderia ser factor igualmente relevante.

Como já vimos, as lúnulas do Sepulcro 2 dos Perdígões são em marfim de Proboscidea. Provêm de um contexto funerário onde existem várias centenas de registos de objectos e fragmentos de objectos de marfim (que também ocorrem, embora com menos frequência, no Sepulcro 1). Trata-se de uma matéria-prima de excepção, obtida do exterior, e que é utilizada essencialmente em objectos de forte carga simbólica ou de adorno, o que revela uma valorização particular.

O estatuto de material raro e de proveniência longínqua (pelo menos na origem, já que a sua chegada aos Perdígões terá sido, muito provavelmente, por via indirecta) é, normalmente, considerado como factor suficiente para a valorização de determinado material. É o caso das propostas que integram a troca de marfim no âmbito do intercâmbio de bens de prestígio (juntamente com outros produtos, como os metais, cerâmicas ou objectos em casca de ovo de avestruz) entre a Península Ibérica e o Norte de África (Harrison e Gilman, 1977). Contudo, no contexto de um questionário orientado pelo carácter ontológico dos objectos e das relações entre diferentes entidades, poderemos adicionar à problemática outras questões relacionadas com a origem e o seu significado.

Sobre a questão da origem, e devido aos estudos de T. Schuhmacher, sabe-se hoje que existe na Península Ibérica, neste período, marfim de *Loxodonta a. africana* (elefante africano da savana), de *Elephas antiquus* (já extinto na altura, representando, assim, a utilização de marfim fóssil) e de *Elephas maximus* (elefante da Índia) (Schuhmacher e Cardoso, 2007). Contudo, as vias e mecanismos sociais de circulação desse marfim continuam difusos, assim como as condições de chegada: se sob a forma de presas, produtos brutos pré-cortados ou objectos. Para os Perdígões, só após o estudo sistemático da colecção existente poderemos ter

alguma informação no que respeita ao formato em que o marfim ali chegou e a que espécie ou espécies corresponde. Porém, a reprodução de objectos de excepção que ocorrem no Ocidente Peninsular produzidos noutras matérias-primas (como os alfinetes, báculo e, naturalmente, as lúnulas) poderá ser um indicador de produção local / regional.

Porém, a questão que aqui quero levantar não é tanto a das vias e mecanismos de troca, mas a seguinte: que conhecimento tinham as populações dos Perdígões, ou do Sudoeste Peninsular em geral, relativamente à origem deste material e em que medida esse conhecimento interferia na valorização que dele faziam? Sabiam que o marfim era proveniente de elefantes? Sabiam o que eram elefantes? Que imagem teriam do animal e que lugar lhe conferiam no seu ideário?

Por outras palavras, tratar-se-ia de simples matéria-prima, valorizada pela raridade conferida por uma proveniência distante, pelos custos de obtenção e por factores ascéticos como a sua beleza? Ou a essa valorização era reunido outro tipo de sentidos relacionados com a forma de uma presa (curiosamente também lunular), com o animal de onde provinha e com o eventual estatuto ontológico que o mesmo poderia ter nas cosmovisões da época? A dificuldade de resposta a estas questões não nos deve iludir sobre a sua pertinência e sobre a necessidade de as contemplarmos nos quadros que compomos sobre o problema da interpretação do papel social simbólico (e não simplesmente económico) desempenhado pelas “matérias-primas”, neste caso concreto o marfim. É conhecida a prática de atribuir propriedades, capacidades e intencionalidades a matérias-primas, antropomorfizando-as. Frequentemente essa atribuição está associada à origem, ao sentido conferido ao local ou à entidade de onde se extrai o material trabalhado. A Montanha de onde se extrai a pedra não é só uma montanha, mas frequentemente uma entidade personificada de cujas qualidades o fragmento de rocha, ou a água que dela escorre, participam. Por exemplo, o Monte Arci que forneceu obsidiana a tantas regiões seria sagrado; participaria a obsidiana dessa essência? Seria a distante montanha que forneceu as Blue Stones de Stonehenge sagrada e seria o cromeleque, através das suas pedras, uma representação que participaria da essência dessa montanha (como sugeriu T. Darvill – 2006)? E que dizer do animal de onde se extrai o sangue, o osso, ou o dente? A Antropologia está cheia de exemplos de personificações de elementos da natureza, cujas “qualidades” continuam activas nas “matérias-primas” deles extraídas, sendo essas mesmas qualidades factor de valorização do papel social dos objectos produzidos com elas. Apesar de estarmos a falar do final do 4º e no 3º milénio AC, olhar o marfim como simples matéria-prima, bela e valiosa, pode ser curto.

É certo que no esquema proposto por Chapman para a zona balcânica, os elementos de troca de longa distância, que se encontram relativamente marginais à organização da produção local/regional, ganham protagonismo com a afirmação das relações de acumulação, ou seja, tendem a acentuar-se no contexto de dinâmicas sociais de concentração de riqueza. A afirmação da acumulação é vista

como correlativa do enfraquecimento das relações de encadeamento e, com ele, da redução da importância social dos processos de segmentação. Esta transformação traduziria alterações sociais e a afirmação de grupos privilegiados, as quais, no quadro cosmológico, corresponderiam a um progressivo alheamento dos modelos relacionais de ver e estar no mundo.

No caso peninsular, esta leitura está, de certa forma, consubstanciada nos modelos de hierarquização ou mesmo estratificação social que o funcionalismo e o materialismo histórico têm vindo a defender ao longo do tempo para o Calcolítico. E neste contexto interpretativo, o marfim é mais um dos elementos de valor ao serviço da diferenciação e afirmação social de elites.

Todavia, tenho defendido que, independente da maior ou menor tendência de diferenciação social que pode ser lida no processo histórico do 3º milénio AC peninsular, o Calcolítico é ainda profundamente marcado pelas cosmologias neolíticas, nas quais ainda se manifestam fortes componentes de pensamento animista e níveis significativos de indiferenciação e de paridade ontológica entre o humano e o não humano (Valera, 2007 e 2008). Período em que essa dissociação parece acelerar, o Calcolítico peninsular é também o momento em que a organização ideológica neolítica das paisagens parece ser sublinhada; em que tradições arquitectónicas e de organização do espaço e das relações sociais, como são os recintos de fossos, atingem a sua máxima expressão; em que as práticas de gestão da morte de tradição megalítica continuam activas; em que o tratamento simbólico concedido aos humanos e certas categorias de animais continua a apresentar processos onde se reconhecem paridades.

Esta leitura decorre da valorização das vertentes da percepção, cognição, ideologia e cosmogonia, no desenvolvimento de uma Arqueologia interpretativa que procura evitar (na medida das nossas contingências) um certo reducionismo e presentismo incontrolado que têm caracterizado as abordagens culturalistas, tecnológicas e sócio-económicas ao passado pré-histórico.

Uma das questões fundamentais é a de que a acção humana está intimamente dependente do estatuto ontológico que o Homem atribui a si próprio e aos elementos que o rodeiam. A visão da Natureza como recurso passivo à disposição da acção dominadora de um Homem dela quase completamente destacado é uma base de partida pouco adequada e pouco recomendável para a abordagem das comunidades deste período, a quais parecem obrigar a contemplar diferentes sistemas ontológicos e as suas dinâmicas de transformação.

Neste quadro, as lúnulas em marfim dos Perdígões parecem indicar que continuam activas certas práticas sociais próprias de sociedades que mantêm fortes níveis de pensamento animista e de fluidez entre os elementos do mundo, práticas essas que se traduzem num desempenho social ainda não totalmente diferenciado entre Homem, Animais, Objectos, Elementos da Paisagem, Astros, etc. Seriam partes que

partilhariam da essência do todo, podendo esse todo ser uma multiplicidade de diferentes composições de relações entre matéria-prima, objecto, pessoas, momentos, espaços e acções, as quais temos hoje dificuldade em reconstituir. Terão sido objecto de práticas de fragmentação intencional e significativa, as quais activamente integravam comunidades elas próprias ainda fortemente marcadas pela segmentação social. Fragmentar e redistribuir um objecto; fragmentar e redistribuir uma comunidade. Duas expressões de um mesmo mecanismo de reorganização social e de manutenção de laços e identidades, onde a relação de participação psicológica entre parte e todo joga um papel central.

Assim sendo, perspectivar as lúnulas como objectos eventualmente sagrados e associados a divindades e, simultaneamente, uma riqueza ao serviço de estratégias de afirmação social utilizadas ritualmente em contextos fúnebres, não sendo destituído de sentido, será insuficiente para entender o desempenho social destes objectos e os contextos que integram.

De facto, não deixa de ser curioso que um contexto histórico que aprendeu a tratar Pessoas como objectos, revele tanta dificuldade em compreender contextos em que os objectos poderiam ser entendidos como Pessoas.

Referências Bibliográficas

- CALADO, Manuel (1997), "Cromelechs alentejanos e arte megalítica", *Brigantium*, vol.10, p.289-297.
- CALADO, Manuel (2000), "O recinto megalítico de Vale Maria do Meio (Évora, Alentejo), (Gonçalves, V. Ed.) *Muitas antas pouca gente?*, Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo, Trabalhos de Arqueologia, 16, Lisboa, p.167-182.
- CHAPMAN, J. (2000), *Fragmentation in Archaeology: people, places and broken objects in the Prehistory of South-Eastern Europe*, London, Routledge.
- CHAPMAN, J. e GAYDARSKA, G. (2007), *Parts and wholes: fragmentation in prehistoric context*, Oxbow Books.
- DARVILL, Timothy (2006), "Beyond Stonehenge: seeking the start of the bluestone trail", *Paper presented to the XV Congress of UISPP*, Lisbon.
- FOWLER, Chris (2004), *The archaeology of personhood. An anthropological approach*, London, Routledge.
- GRAY JONES, AMY (2009), "Manipulation of human and animal bodies in the Mesolithic mortuary practice", *Paper presented to the 15th Annual Meeting of the European Association of Archaeologists*, Riva del Garda.
- GOMES, Mário Varela (1997), "Estátuas-menires antropomórficas do Alto-Alentejo. Descobertas recentes e problemáticas", *Brigantium*, vol.10, p.255-279.
- JORGE, S. O., OLIVEIRA, M. L., NUNES, S. A. e GOMES, S. R. (1998-99), "Uma estrutura ritual com ossos humanos no sítio pré-histórico de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vª Nª de Foz Côa)", *Portugália*, Nova Série, vol. XIX-XX, p.29-47.
- HARRISON, R. e GILMAN, A. (1977), "Trade in the second and third millennia B.C. between the Maghreb and Iberia" (V. Markotic ed.), *Ancient Europe and the Mediterranean, Studies in honour of Hugh Hencken*, Warminster, p.90-104.
- MÁRQUEZ ROMERO, J. E. (2006), "Sobre los depósitos estructurados de animales en yacimientos de fossos del Sur de la Península Ibérica", (Weiss-Krejci, E. e Duarte, C., coord.) *Animais na Pré-História e Arqueologia da Península Ibérica*, Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Promontoria Monográfica, 3, Braga, Universidade do Algarve, p.15-25.

- LEISNER, Vera (1965), *Die megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*, Berlin.
- LEWIS-WILLIAMS, D. e PEARCE, D. (2005), *Inside the neolithic mind*, London, Thames & Hudson.
- SCHUHMACHER, T. X. e CARDOSO, J. L. (2007), "Ivory objects from the chalcolithic fortification of Leceia (Oeiras)", *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 15, p.95-118.
- SILVA, M. (1993), "Conjecturas sobre astronomia magalítica", Comunicação apresentada ao *I Simpósio Transformação e Mudança*, Cascais.
- THOMAS, Julian (2004), *Archaeology and modernity*, London, Routledge.
- VALERA, António Carlos (2007), *Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3º milénio AC (Formos de Algodres, Guarda)*, Braga, CMFA/TA.
- VALERA, António Carlos, (2008), "Mapeando o Cosmos. Uma abordagem cognitiva aos recintos da Pré-História Recente", *Era Arqueologia*, 8, Lisboa, p.112-127.
- VALERA, A.C., LAGO, M., DUARTE, C. e EVANGELISTA, L.S. (2000), "Ambientes funerários no complexo arqueológico dos Perdigões: uma análise preliminar no contexto das práticas funerárias calcolíticas no Alentejo", *ERA Aqueologia*, 2, Lisboa, ERA/Cilibri, p.84-105.
- VALERA, A. C., LAGO, M., DUARTE, C., DIAS, Mª I. e PRUDÊNCIO, Mª I. (2007), "Investigação no complexo arqueológico dos Perdigões: ponto da situação de dados e problemas", *Actas do 4º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Faro, 2004.
- VIGNAUX, Georges(2000), *O Demónio da Classificação*, Lisboa, Instituto Piaget.
- VEGAS ARAMBURU, J. I., Dir. (2007), *San Juan Ante Portam Latinam. Una inhumación colectiva prehistórica en el valle medio del Ebro*. Memoria de las excavaciones arqueológicas, 1985, 1990 y 1991, Memorias de Yacimientos Alaveses, 12, Alava.

Abstract

Ivory in the chalcolithic enclosure of Perdigões (1): "lunulae", fragmentation, and artefacts ontology

This paper presents an assemblage of ivory artefacts recovered at tomb 2 of the Perdigões enclosure necropolis (Reguengos de Monsaraz, South Portugal), where ivory has a remarkable presence.

After a characterization of the archaeological context, the paper addresses the interpretation of those particular objects as lunulae, calling into discussion the limestone lunulae of the Lisbon Peninsula and some iconographic representations of menires in Alentejo.

Then, an attempt to interpret their social role is based on the fragmentation pattern. Some theoretical bases on intentional segmentation are discussed (basically bringing into debate de proposals of J. Chapman on fragmentation in the Balkans region) in the context of societies with cosmologies of low degree of human / non human separation, where relations between elements are still fluid and where segmentation (from objects to communities) is a strategy for social stability, reorganization and identity.

In that theoretical context, it is argued that the fragmentation pattern of the Perdigões lunulae suggests that intentional segmentation occurred as means to preserve social relations between the dead and the living, and that an eventual specific meaning of ivory (related to its animal origin), other than its value of rarity and beauty, could also participate in the potential of this objects to maintain social bonds through fragmentation and redistribution processes.

A NEW RESEARCH PROJECT ON FUNERARY PRACTICES AT PERDIGÕES ENCLOSURE

Ana Maria Silva¹
António Carlos Valera²
Cláudia Costa³
Maria Isabel Dias⁴

“Death management in Recent Prehistory: funerary practices in Perdigões enclosure” is a new research project recently approved (2009) and financed by FCT (Portuguese Science and Technology Foundation).

The project is integrated in the Global Program of Archaeological Research of Perdigões, coordinated by one of the authors (ACV), and will be implemented by the Centro de Investigação em Antropologia e Saúde from Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, together with the Núcleo de Investigação Arqueológica (NIA) from ERA Arqueologia S.A. and Instituto Tecnológico e Nuclear.

Basically, the project aims to study the funerary strategies in Perdigões enclosure, dated from the Late Neolithic and Chalcolithic, developing the research line started with the excavation of tombs 1 and 2 of the necropolis between 1998 and 2006 (Valera *et al.*, 2007) and contributing to the understanding of death management in the Iberian Recent Prehistory as means of structuring social and cosmological organization, through the study of a specific, but extremely relevant archaeological context with human remains.

The archaeological / anthropological approach

The available data for the Perdigões enclosure, resulting from ten years of research (*idem*), suggests that the funerary practices that took place there must have had a central role in architectonic organization and social experience of the site, contributing for its performance in the process of social aggregation and cosmological building of the local landscape (Valera, 2008a).

Therefore, we intend to empirically test this line of approach, producing and critically analyze data of anthropological and archaeological nature, in order to question and/or reformulate, in an empirically sustain bases, the current theories on the functionality of many enclosures, on territorial aggregation processes and on the social and cosmological role of funerary practices at the time. Another important aspect is the biological characterization of the recovered human remains.

In fact, the archaeological research showed the existence of different practices, structures and areas of death management and suggested the possibility that Perdigões has been used by local people as well as peripheral populations. The same evidence was suggested by archaeometric studies developed so far in ceramic materials (Dias *et al.*, 2005, 2007, Odriozola *et al.*, 2009). Therefore, Perdigões enclosure represents an opportunity, through an interdisciplinary approach, to reveal important data about the life and death in the Late Neolithic/Chalcolithic, since the site has shown different forms of death management (the megalithic necropolis, areas of pit graves and presence of human bones in ditches).



Figure 1 – Necropolis área in the East side of Perdigões enclosure.

¹ Centro de Investigação em Antropologia e Saúde from Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.

² Coordenador do Programa Global de Investivagação Arqueológica dos Perdigões ; NIA-ERA Arqueologia S.A.;

³Estudante de doutoramento, Universidade do Algarve.

⁴Instituto Tecnológico e Nuclear

As the anthropological and archaeological study of the excavated megalithic graves will continue, the excavation of other funerary pits and ditched depositions and the anthropological study of the recovered human remains will give us new data about the funerary practices as well as biological data related to these prehistoric individuals. This new data will provide a base for comparison with the contextual information from the necropolis area and will allow the development of new perspectives of death management strategies in the site according to ritual and anthropological information. Questions such as what were the relations between the individuals buried in the pits and the ones deposited in the collective burials will be approached. One of the possible hypotheses is that the megalithic necropolis would be the final destination of some of the primary funerary depositions identified in the central area of the Perdigoes enclosure, but other interpretations have to be considered and tested. The anthropological study, including the study of the ancient DNA, has the potential to contribute to the interpretation and understanding of the funerary behaviour of those prehistoric communities.



Figure 2 – Chamber of Tomb 1 and Tomb 2.



Figure 3 – Human remains in the chamber of Tomb 1.

Portugal is rich in funerary graves dated to the end of the Neolithic and Chalcolithic. In these collective burials, explored since the end of the 19th century, the human remains are mainly exhumed from collective burial places, frequently containing a high number of fragmentary and mixed bones, with total or almost total absence of anatomical connection.

This probably explains the little interest that they aroused in the past and discouraged their study. Re-analysis of collections housed in Museums began in the 1990's but, for these collections the absence of field data limited the interpretation of funerary anthropology, demographic and the more relevant morphological and pathological aspects of these individuals (Silva, 2003; 2007).

Albeit the great number of funerary monuments from the Late Neolithic explored in Portugal, the available anthropological data about the individuals buried in these tombs is comparatively low (Silva, 2002). Moreover, the traditionally monolithic perspective of the funerary practices of this period has changed with the research performed in the last 20 years, which showed that Neolithic and Chalcolithic funerary practices were much more diversified and complex than previously thought. Until now, with few exceptions, as the Hipogeu of Monte Canelas I or the work in progress in Sobreira de Cima hypogea and Perdigoes megalithic tombs, the majority of the studied human remains of the Late Neolithic and Chalcolithic were carried out on human samples housed in local Museums, that were excavated until the middle half of the 20th century (Silva, 2002; 2003; Silva and Ferreira, 2007; Silva et al. 2006). So, the information from the field work was very limited or even inexistent, besides many doubts about the recovery of all the preserved human remains. All these circumstances prevented an interpretation of the funerary practices of these past populations and limited their anthropological characterization.

In recent years, the importance of the quality of the data obtained during fieldwork has been demonstrated in several works (Silva, 1996a,b). So, the archaeological intervention of the selected pits of the Perdigoes enclosure will be performed taking into account new methodologies. We also intend to realize a more detailed record of the anthropological data during the field work since many data can be lost between the field and laboratory due to the bad preservation of the human remains. This great investment in the field work will definitely improve the data that can be achieved in laboratory. One of the main questions in these burials is the type of inhumation, primary or secondary. So, one of the first steps will be the application of new methodologies that contribute to answer these questions, as representation of the different types of bones, proportion of different types of teeth and bone weight (Silva et al. 2008).

All these methodologies need a good set of field data that are, until now, rare and thus, the present project represents an important opportunity to apply them.

The anthropological study will include the estimation of age at death and sex, determination of several morphological parameters, as stature and non metric characters, and the documentation of the stress indicators and different pathologies. The demographic data can be also used to confirm if we are in the presence of a natural population or if they represent individuals selected in terms of age at death and/or sex. This selection, until now not detected in Portuguese Late Neolithic samples, is documented for French samples from the same prehistoric time. Health

status is another important aspect through the study of incidence of stress indicators and pathologies. Among these last ones, dental pathologies have assumed a relevant role since dental remains are generally well preserved in these tombs. The analysis of dental wear and the pattern and distribution of the oral diseases, as dental caries, periodontal disease, periapical inflammation and ante-mortem tooth loss can provide us with information about diet, oral hygiene, health, and social stratification of these past populations. With the study of ancient DNA, among the individuals of the same pit and between different pits, we hope to identify kinship organization and married pattern of these individuals.



Figure 4 – Area of pits, some of them with human burials.



Figure 5 – Detail of a pit human burial..

Faunal approaches to human funerary rituals

Apart from the strictly anthropological and archaeological approaches, other research areas will be integrated in the project for their particular interest for the funerary question. The analysis of fauna remains from funerary contexts will be carried out and compared with faunal data from other structures inside the enclosure, to characterize animal manipulation in funerary practices.

During the last decade the research done in mortuary sites dated to the IVth and IIIrd millennia (megalithic tombs, caves) have demonstrated the existence of a new ritual reality concerning the presence of ritual faunas associated, if not with the human body, at least, in the same archaeological context. Despite the association of faunal remains were already known from the earlier investigations on the mortuary practices of the Neolithic/Chalcolithic in Portugal, only a few years ago faunal remains has been analyzed as part of the ritual, mainly due to a new epistemological perspective of the funerary practices in general.

The investigation undertaken in Perdigoes during the last 10 years reflects this new theoretical background. Since the first field campaign in the necropolis that particular attention was paid to the faunal remains commingled with the unconnected human bones, and a Master thesis was already produced on the matter (Cabaço, 2009). In the recent field campaigns, the anatomical association of animal's limbs (suids) in direct association with parts of human burials in pits is other evidence of the diversity of those in the site (Valera, 2008b; Moreno-García & Cabaço, 2009).

In addition, faunal remains in Perdigoes are not exclusive of the mortuary contexts. During the last excavations in a ditch of Sector I, a large amount of faunal remains were recovered. The contextual analysis points to animal bone depositions, some of them structured, in some places additionally with archaeological artifacts. These accumulations correspond to a large list of species, but together with them there are some human remains, bringing these ditched depositions into the problem of funerary management.

In terms of method, the study of the different collections of faunal remains from each archaeological context will begin with the identification of the species of every fragment or element consulting the Portuguese vertebrate reference collection (Laboratório de Arqueozoologia do IGESPAR).

For the distinction of some species anatomically too close (like suids and ovi/caprines), we need to observe some specific morphological characters. The remains impossible to examine the precise features of one or other specie, due to bone preservation, should be integrated in a major morphological group (for example *Ovis/Capra*) or be classified to genus.

To establish the age at death of the animals, two methods are used: one observes the fusion stages of the epiphysis and the diaphysis of the long bones and, on the other hand, the examination of tooth eruption and tooth wear of the ungulates. For the other remains, such as, bone fragments, we can establish general stages of age (juvenile, adult, senile) by observing the bone tissue structure.

The biometry of the different animals presented in the sample is studied according to the methodological proposals of Von den Driesch (1976).

The general preservation of the collections is also very important to understand some particular aspects of the

deposition, namely rituals. The interpretation in field is very important, and, in this particular case, the field drawings are significant to register the space distribution of the bones related to the human bodies or with artefacts. Bone surfaces modifications, ante-mortem or post-mortem are also observed: human alterations of the bones such as cut marks, breakage, butchering, fire marks and erosion alterations caused by environmental phenomena like weathering fragmentation, root etching, transportation, abrasion, diagenesis and animal alterations as gnawing and carnivore marks. This approach is important to infer deposition and burial processes to distinguishing primary from secondary accumulations.



Figure 6 – Suine limb in a pit human burial.



Figure 7 – Deer shaft and human remains in the chamber of Tomb 2.



Figure 8 – Decorated animal phalanges from Tombs 1, 2 and 3.

Archaeometric approach to funerary management

In the same way, certain categories of material culture will be particularly addressed. It will be the case of pottery, developing a research line already initiated and that established that ceramics from funerary contexts present increased chemical heterogeneity that could reflect different provenance of burial remains. It is our intention to enlarge the sampling and perform a detailed qualitative and quantitative compositional study to all the ceramic typologies from the tombs and other areas of the enclosure, through chemical analysis by neutron activation analysis (NAA) and mineralogical analysis by X-ray diffraction (XRD), so a good geochemical fingerprinting of each archaeological context may be obtained.

In order to establish an accurate chronology and determinate the temporality of the structures and areas excavated a program of absolute dating by radiocarbon and luminescence dating of archaeological objects (ceramics and lithics) and paleosoils will also be developed.

The archaeometry research group at ITN currently known as Group of Applied Geochemistry & Luminescence on Cultural Heritage (GeoLuC) has in the last decade developed work comprising the application of Instrumental Neutron Activation Analysis (INAA) in several disciplines, including cultural heritage, archaeometry, surface geochemistry and environmental studies.

INAA is a sensitive technique useful for quantitative multi-element analysis of major, minor, and trace elements. Among these, trace elements can be particularly useful to determine provenance of the mineral components in the paste of archaeological ceramics or to distinguish different ceramic groups and better differentiating diverse raw materials. Chemical analysis, together with statistical data treatment, has been used extensively by GeoLuC research group to supplement archaeological investigations when provenance studies or socioeconomic aspects are concerned, particularly in the case of pre-historic contexts. The information obtained is used by archaeologists to investigate questions regarding the location of production areas, the identification of routes of trade and exchange of raw materials and artifacts, and the mobility patterns in ancient times, namely pre-history.



Figure 9 – Pottery from Tomb 1.

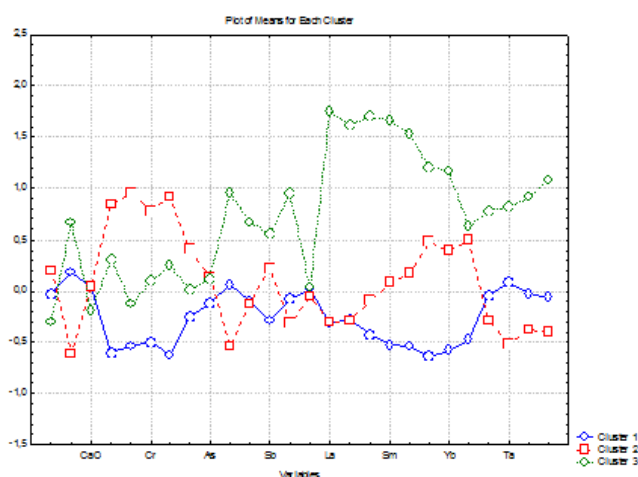


Figura 10 – Multivariate statistical approach applied to funerary pottery of Perdigões.

Regarding the chronology, a detailed luminescence profiling is proposed aiming rapidly produce a stratigraphically detailed survey of the site, providing a record of variations in luminescence and related characteristics, that can be integrated with archaeological and sedimentological interpretations. This approach will be very useful, as radiocarbon dating has been difficult so far, due to the lack of collagen in the bones, and is a very well established method in the ITN laboratory. Nevertheless, radiocarbon dating will also be attempted.

In chemical-based provenance studies of archaeological ceramics important issues must be considered. Among the materials and processes involved in making a pot, the most important is clay and its manipulation to make the vessel body. Hence a discussion of pottery must include clay and its origin, composition and properties. Therefore it is important to know how the different elements make clays, what the leftovers are in the clay-making process, and the geochemical and mineralogical fingerprints which can give one a clue to the geographic origin of the clay and temper materials found in the ceramics. For this purpose it will be done a detailed qualitative and quantitative in depth chemical analysis of the artefacts from Perdigões (settlement and necropolis) and of geological samples, using neutron activation analysis (NAA) and a mineralogical composition / semi-quantification by X-ray diffraction (XRD).

Results obtained by NAA and XRD are also helpful for the luminescence dating, by detecting the mineral proportions (particularly quartz and feldspars), as well as the content of natural radioactive elements (K, Th and U), which are important on the age calculation. Sampling collection of paleosoils (human occupation) and in situ measurements of environmental radioactivity (gamma measurements) for luminescence dating of archaeological contexts will also be performed.

Final remarks

This is a three years project, starting in 2010. During its implementation, several moments of result presentation to the scientific community are scheduled. Nevertheless, current information on research progresses will be provided in the NIA's web site, Perdigões newsletter and short notices in the electronic journal *Apontamentos de Arqueologia e Património*.

Simultaneously, the meant renewal of knowledge will established itself as a scientific discourse that will inform heritage projects ongoing for this site and their economical practicability. Those heritage projects are being developed in the context of tourism economical utilization of Alqueva dam artificial lake. In that framework, a benchmarking study has already been made and a viability study is in preparation for the Perdigões enclosure heritage management. Credibility and renewal of scientific discourse, obtained through the development of scientific research projects such as this one, are essential to this heritage dimension and to its cultural and economic impact at a regional scale.

References

- CABAÇO, N. (2009), "Restos faunísticos em contexto funerário nos Perdigueiros, Reguengos de Monsaraz (Sepulcros 1 e 2), Dissertação de mestrado apresentada no Instituto Politécnico de Tomar (Master Erasmus Mundus em Quaternário e Pré-História).
- DRIESCH, Von den A. (1976), *A guide to the measurements of animal bones from archaeological sites*, Cambridge, MA, Harvard University.
- DIAS, M.I., VALERA, A.C., LAGO, M., GOUVEIA, M.A. (2005), Composition, Technology and functional features of Chalcolithic pottery from Perdigueiros, Reguengos de Monsaraz (Portugal). *Geoarchaeological and Bioarchaeological Studies*, Vol. 3, Amsterdam, Netherlands, pp. 161-164
- DIAS, M.I., VALERA, A.C., LAGO, M., PRUDÊNCIO, M.I. (2007). Proveniência e tecnologia de produção de cerâmicas nos Perdigueiros. *Vipasca. Arqueologia e História*. N.º 2. 2ª série. 2007. p. 117-121
- MORENO-GARCIA, M. e CABAÇO, N. (2009), "Restos faunísticos em contexto funerário: fossas 7 e 11 dos Perdigueiros (Reguengos de Monsaraz)", *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 4, Lisboa, NIA-Era Arqueologia, p.11-14
- ODRIOZOLA, C.P.; HURTADO, V., DIAS, M.D. e VALERA, A.C. (2009). Bell Beaker production and consumption along the Guadiana River: an Iberian perspective. In T.K. Biro (Ed): *Vessels: inside and outside*. EMAC '07, 9th European Meeting on Ancient Ceramics, Budapest 2007, Hungarian National Museum, pp. 63-69.
- SILVA, AM. (1996a), "O Hipogeu de Monte Canelas I: contribuição da Antropologia de campo e da Paleobiologia na interpretação dos gestos funerários do IV e III milénios a.C.", Behrman, R.; Bueno, P. (eds.), *Actas do II Congresso Peninsular de Arqueologia*, Zamora, Espanha 24 - 27 de Setembro, p. 241 - 248.
- SILVA, A.M. (1996b), "Paleobiology of the population inhumated in the Hipogeu of Monte Canelas I (Alcalar-Portugal)", *Actas do XIII International Congress of Prehistoric and Protohistoric Sciences*, Vol. III. Forlì, Itália, 8 - 14 September, p. 437 - 446.
- SILVA, AM.(2000a), "Inumações colectivas: algumas considerações sobre a respectiva análise paleobiológica", *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol. IX. "Terrenos da Arqueologia da Península Ibérica". Porto, ADECAP, p. 321 - 328.
- SILVA, AM.(2000b), *Antropologia funerária e Paleobiologia das populações portuguesas (litorais) do Neolítico final/Calcolítico*, Tese de Doutoramento em Antropologia Biológica. Coimbra, Departamento de Antropologia da FCTUC.
- SILVA, AM. (2002), *Antropologia funerária e Paleobiologia das populações Portuguesas (litorais) do Neolítico Final/Calcolítico*, Tese de Doutoramento em Antropologia Biológica. Coimbra, Departamento de Antropologia, FCTUC, Policopiado.
- SILVA, AM. (2003), "Portuguese Populations of the Late Neolithic and Chalcolithic Periods exhumed from Collective burials: an overview", *Anthropologie*, XLI/1-2, p. 55 - 64.
- SILVA, AM. (2007), "Late Neolithic/Chalcolithic Portuguese populations: Example of the contribution of anthropological and molecular data to the knowledge of prehistoric populations", Santos, C.; Lima M. (eds.): *Advances in Molecular Biology and evolution and its applications to Biological Anthropology*. Kerala, Research Signpost, p. 289 - 301.
- SILVA, AM., CRUBÉZY, E.; CUNHA E. (2008). Bone weight: new reference values based on a Modern Portuguese Identified Skeletal Collection. *Int. J. Osteoarchaeology* 19(5): 628 - 641.
- SILVA, AM; FERREIRA, MT. (2007), "Os ossos humanos "esquecidos" da Praia das Maças. Análise antropológica da amostra óssea do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas", *Conimbriga*, 46, p.5 - 26.
- SILVA, AM; FERREIRA, MT; CODINHA, S. (2006), "Praia da Samarra: análise antropológica dos restos ósseos humanos depositados no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9 (2), p.157 - 170.
- VALERA, António Carlos (2008a), "Mapeando o Cosmos. Uma abordagem cognitiva aos recintos da Pré-História Recente", *ERA Arqueologia*, 8, Lisboa, Era Arqueologia / Colibri, p.112-127.
- VALERA, António Carlos (2008b), "O recinto calcolítico dos Perdigueiros: fossos e fossas do Sector I.", *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 3, Lisboa, NIA-ERA, p.19-27.
- VALERA, A.C., JORGE, P. e LAGO, M. (2008), "O complexo arqueológico dos Perdigueiros. Breve percurso de uma Arqueologia de minimização a uma Arqueologia em construção e em sociedade", *Almadan*, II série, 16, p.115-123.
- VALERA, A. C., LAGO, M., DUARTE, C., DIAS, Mª I. e PRUDÊNCIO, Mª I. (2007), "Investigação no complexo arqueológico dos Perdigueiros: ponto da situação de dados e problemas", *Actas do 4º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Faro, 2004.
- VALERA, A.C., LAGO, M., DUARTE, C. e EVANGELISTA, L.S. (2000), "Ambientes funerários no complexo arqueológico dos Perdigueiros: uma análise preliminar no contexto das práticas funerárias calcolíticas no Alentejo", *ERA Arqueologia*, 2, Lisboa, ERA/Colibri, p.84-105.

Resumo

Novo projecto de investigação sobre as práticas funerárias no recinto dos Perdigueiros

O texto apresenta a tónica do novo projecto de investigação dedicado à gestão da morte no recinto dos Perdigueiros.

As evidências arqueológicas resultantes do trabalho já desenvolvido, sugerem a existência de várias áreas de enterramento. Consequentemente, um estudo mais profundo deste recinto é necessário no sentido de compreender a multiplicidade de práticas funerárias presentes e a sua articulação, através de uma abordagem interdisciplinar. Esta incide no estudo dos locais de enterramento, e a caracterização dos indivíduos inumados, não só para compreender a gestão dos mortos destas comunidades, como caracterizar biologicamente estes indivíduos.

Da mesma forma, um estudo mais exaustivo dos restos de fauna, encontrados quer em contexto funerário quer noutras estruturas do recinto, é igualmente fundamental para perceber o papel desempenhado pela fauna nos rituais funerários e as visões do mundo e da ontologia humana que presidiam a essas práticas.

Os estudos arqueométricos até agora desenvolvidos sugerem que esta necrópole pode ter sido usada pela população do povoado, bem como pela de pequenos povoados periféricos. Os materiais cerâmicos recuperados nos contextos funerários revelam uma composição química mais heterogénea, o que reflectirá uma proveniência diversa para os vestígios. No entanto, o trabalho preliminar necessita ser alargado, através de um estudo composicional qualitativo e quantitativo aprofundado das cerâmicas dos sepulcros e povoado dos Perdigueiros através de análises químicas por activação neutrónica (AAN) e mineralógicas por difracção de raios-X (DRX), para a obtenção de um bom indicador geoquímico de cada contexto arqueológico. Tendo em vista a obtenção de uma melhor precisão cronológica propõe-se realizar de um modo sistemático e durante a escavação datação por luminescência de objectos arqueológicos (cerâmicos, líticos), paleossolos e materiais orgânicos por radiocarbono.

OUTEIRO ALTO 2 (BRINCHES, SERPA): NOTA PRELIMINAR SOBRE UM ESPAÇO FUNERÁRIO E DE SOCIALIZAÇÃO DO NEOLÍTICO FINAL À IDADE DO BRONZE

António Carlos Valera¹
Victor Filipe²

1. Introdução

No âmbito das intervenções de minimização de impactes da construção da rede de rega associada à barragem de Alqueva, promovidas pela EDIA S.A., a ERA Arqueologia tem vindo a desenvolver um alargado conjunto de intervenções na margem esquerda do Guadiana, no Bloco de Rega de Brinches, concelho de Serpa³.

Entre essas intervenções conta-se a do sítio de Outeiro Alto 2. Este sítio localiza-se num suave e alongado cabeço, na extremidade Ocidental de uma área aplanada que se estende desde a povoação de Pias, a Este. Trata-se de um interflúvio que separa a rede hidrográfica do Enxóe, a Sul, e a da Ribeira de Pias, a Norte (Figura 1). Sendo parte integrante deste interflúvio, é local de origem de várias pequenas linhas de água que lhe cortam as vertentes. A Este é delimitado por um ribeiro afluente do Barranco da Grafanes, afluente da margem Norte da Ribeira do Enxóe; a Sul a vertente é cortada por duas linhas de água igualmente subsidiárias do Grafanes; a Oeste e a Norte outras linhas nascem, estas pertencentes à rede de drenagem do Barranco das Várzeas, afluente directo do Guadiana, que corre cerca de 6,5 km a Oeste do sítio.

Como o topónimo indicia, trata-se de um sítio com uma cota relativamente elevada (187 m). Não é um sítio que se destaque particularmente no suave ondulado da paisagem intercotada por barrancos. Contudo, situa-se a uma cota suficientemente elevada para dela se ter um extenso domínio visual sobre a paisagem em todos os quadrantes. Para Sul a vista estende-se até Serpa, sendo visível, por trás desta, o enrugamento do terreno que forma a serra que recebe o nome da vila. Para norte os limites visuais são estabelecidos pela Serra de Portel (e a sua ligação à Serra Morena), “fronteira” natural que separa a península de Évora da de Beja. Para Oeste, é a própria Beja, já bem para lá do vale do Guadiana, que marca o horizonte, que para Este se estabelece nas elevações mais setentrionais da Serra Morena. A visibilidade a partir deste pequeno outeiro é, pois, extraordinária e a 360°.

Esta circunstância não deverá ser alheia à escolha do local para acolher as práticas e as construções que ali foram realizadas ao longo de cerca de 2000 anos.

Os trabalhos, realizados em várias etapas, decorreram em locais que, no âmbito do inventário do processo de minimização, receberam designações separadas (Monte do Gato de Cima 3 e Outeiro Alto 2), mas que consideramos como um mesmo sítio polinucleado, adoptando a designação global de Outeiro Alto 2 (Figura 2).

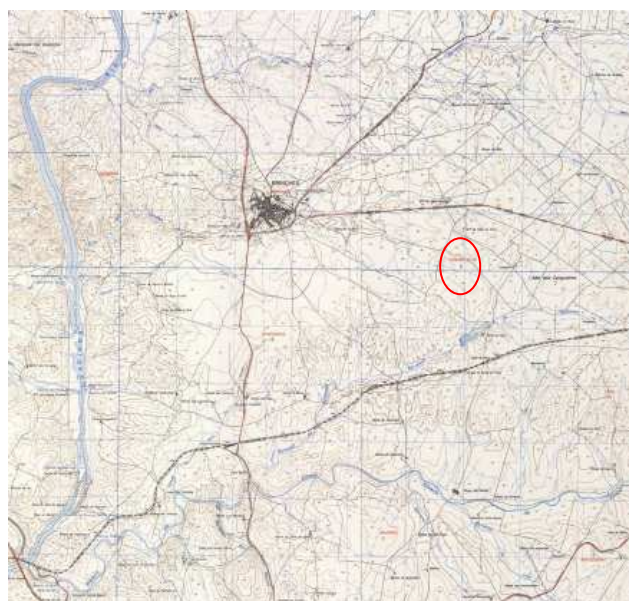


Figura 1 – Localização do Outeiro Alto 2 na Carta Militar de Portugal, 1:25000, fs. 511, 512, 522 e 523. Rio Guadiana a Oeste e Ribeira do Enxóe a Sul.

¹ Coordenador do NIA (antoniovalera@era-arqueologia.pt); ² Era Arqueologia. Responsável executivo pelos trabalhos de campo.

³ Projecto coordenado por Sandra Brazuna.

Os contextos arqueológicos detectados e intervencionados estão distribuídos por uma grande área (onde foi construído um reservatório de água de grandes dimensões e instalações anexas) e por valas de tubagens. Desta forma, algumas das realidades arqueológicas podem ser abordadas em área, enquanto outras (as que surgiram nas referidas valas) não permitem perceber o seu real desenvolvimento espacial (está nesta circunstância sobretudo a área correspondente ao Gato de Cima 3, núcleo D na Figura 2).

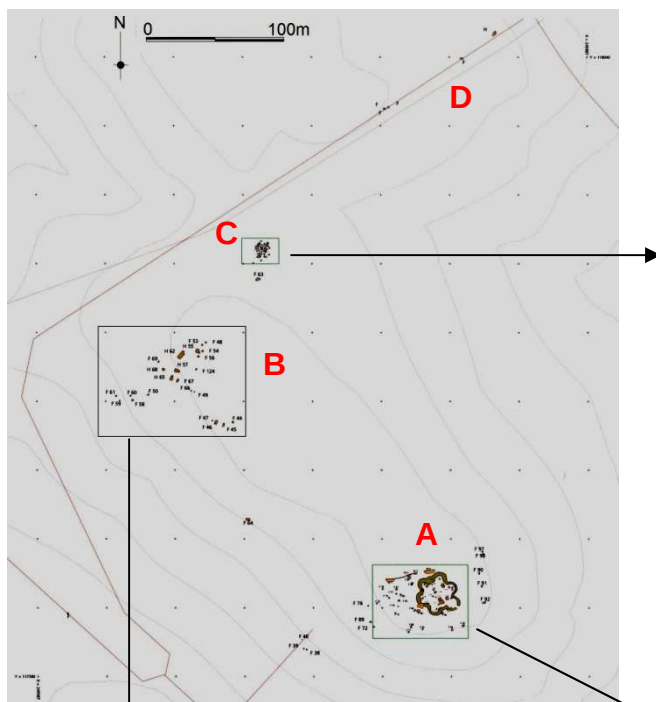


Figura 2 – Topografia do Outeiro Alto 2 com localização dos vários núcleos.

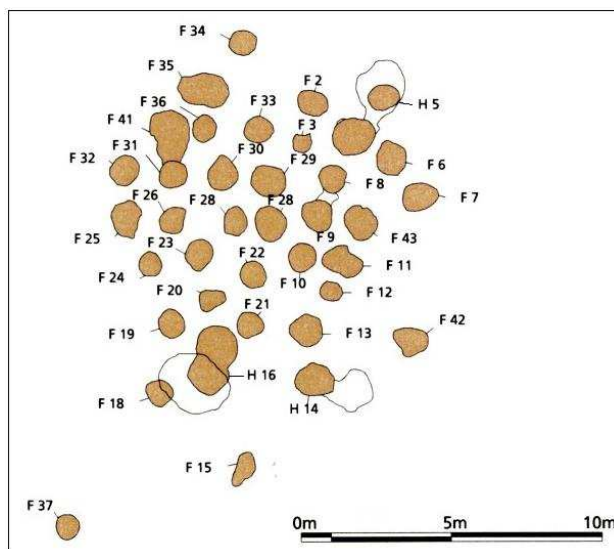


Figura 3 – Planta geral das estruturas negativas do Núcleo C. As fossas estão identificadas com F e os hipogeus com H.

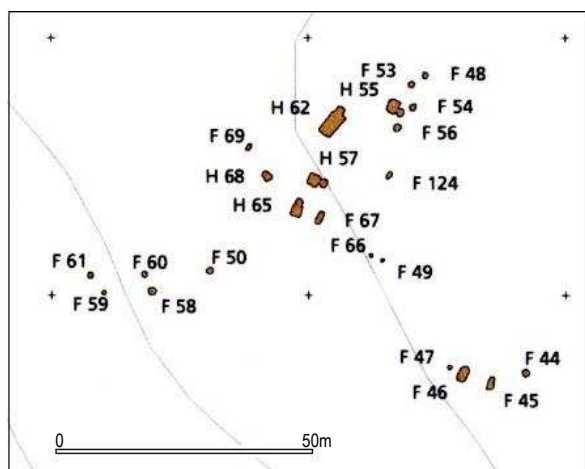


Figura 4 – Planta geral das estruturas negativas do Núcleo B. As fossas estão identificadas com F e os hipogeus com H.

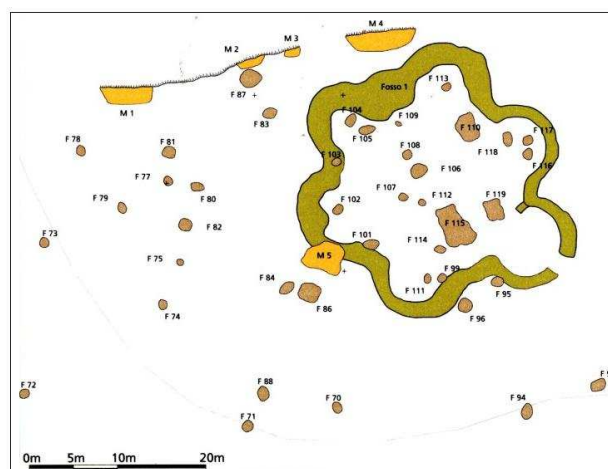


Figura 5 – Planta do recinto e das fossas do Núcleo A. A laranja são assinalas manchas (M) com materiais históricos.

2. O núcleo A

O núcleo A, localizado na extremidade SE do outeiro, é caracterizado pela presença de um recinto composto por um fosso sinuoso e um alargado conjunto de fossas, que se distribuem tanto pelo interior do recinto como pelo seu exterior (Figuras 5 e 6).

O fosso, sondado em duas áreas, apresenta uma largura à superfície variável (mas predominantemente entre os 2 a 3 metros), uma profundidade de cerca de 1,5 e um perfil trapezoidal. A planta é sinuosa, formando seis semi-círculos, com uma entrada a SE (121°), alinhada com o eixo longitudinal do outeiro. Pelo exterior, tem um diâmetro que varia entre os 30 e os 33m.

Este pequeno recinto apresenta uma planta que reproduz, de forma muito semelhante, a já conhecida para o recinto interior de Santa Vitória (Dias, 1996), em Campo Maior, o qual igualmente revela uma planta sinuosa formada por seis semi-círculos. Algumas diferenças, talvez pouco significativas, podem, contudo, ser assinaladas (Figura 6):

- O diâmetro do recinto interior de Santa Vitória é ligeiramente mais pequeno (ronda os 24 metros);
- os fossos, de dimensões equiparáveis, são em “V” e não em “U”;
- a entrada em Santa Vitória está orientada a NE e, em vez de se situar numa parte côncava do traçado do fosso (isto é, no topo de um dos semi-círculos, como acontece no Outeiro Alto), situa-se numa parte convexa (isto é, na ligação entre dois semi-círculos do fosso).
- o número de fossas no interior é bastante mais reduzido em Santa Vitória.

Apesar destas diferenças, umas eventualmente mais significativas do que outras (como, por exemplo, a orientação da entrada e o número de fossas), não escondem a inegável similaridade entre estes dois recintos, que para além da planta, partilham semelhanças na implantação topográfica (ambos em outeiros de topo aplanado e com boa visibilidade sobre a paisagem envolvente) e na cronologia (ambos atribuíveis ao Calcolítico inicial/pleno (sem evidências da presença de campaniforme).

No que que respeita à cronologia deste núcleo há que referir, porém, que algumas fossas escavadas no exterior do recinto revelaram conjuntos artefactuais que, numa primeira análise, podem ser atribuíveis ao Neolítico Final e outras ao Calcolítico. Dado que o fosso foi apenas sondado pontualmente em dois locais (que forneceram materiais atribuíveis ao Calcolítico), não é de excluir de imediato a possibilidade da sua abertura poder eventualmente remontar a um momento final do Neolítico⁴.

⁴ Para além das duas sondagens, o fosso não foi intervencionado, tal como as fossas do interior e algumas do exterior (mais próximas), o que ficou a dever-se a uma alteração ao projecto, no sentido de preservar a área do recinto, cuja investigação mais aprofundada ficará para fase ulterior e em condições a definir pelas entidades responsáveis.

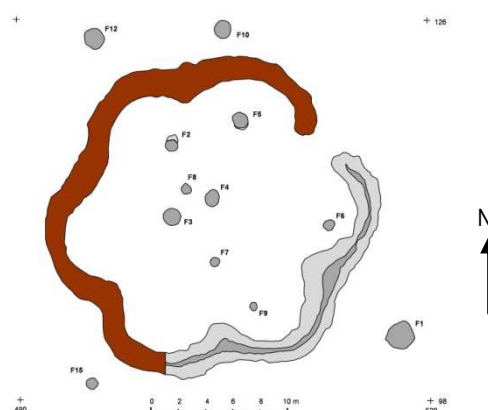
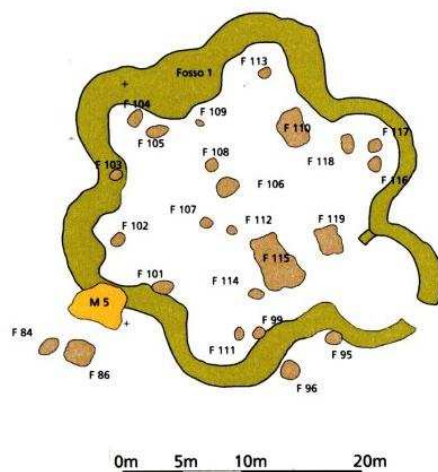


Figura 6 – Em cima: vista aérea do recinto do Outeiro Alto 2 (Foto de Paulo Marques, EDIA, S.A.); no meio: planta do recinto do Outeiro Alto 2; em baixo: planta do recinto interior de Santa Vitória, segundo Dias, 1996 adaptado.

3. O núcleo B

O núcleo B é constituído por cinco estruturas de tipo hipogeu e um conjunto de mais de uma dezena de fossas (Figura 4) e localiza-se no lado NO do Outeiro, a cerca de 200m do recinto descrito.

Os hipogeus apresentam uma antecâmara de planta rectangular ou quadrangular (por vezes com uma depressão em fossa central). Essa antecâmara dava acesso a pequenas criptas de tendência circular (estado as entradas encerradas por grandes pedras verticalizadas) onde se encontravam os restos funerários humanos (deposições primárias) e material votivo associado. Em planta, estas estruturas, sobretudo as de antecâmara rectangular, apresentam um claro antropomorfismo (Figura 7). O registo evidenciou que as criptas seriam totalmente subterrâneas, tendo o seu tecto abatido em altura indeterminada, mas momento seguramente antigo.

Dois destes hipogeus apresentam uma orientação sensivelmente NE-SO (H62 e H65 – Figura 4). O outros dois encontram-se na perpendicular relativamente àquele eixo, com uma orientação SE-NO para o H57 e para o H55 com. Pelo material associado às deposições (Figura 7), tanto cerâmico como metálico, são atribuíveis à Idade do Bronze. Apresentam enterramentos individuais, excepto num caso, em que surgem dois indivíduos. Do H68 apenas se preservou a câmara.

Próximo do núcleo C encontrava-se outra estrutura funerária da Idade do Bronze, com câmara encerrada por lajes e possível átrio, que foi mais afectada pela obra.

Estes hipogeus do núcleo B encontravam-se circundados por fossas circulares de profundidades variadas, por vezes com enterramentos primários, mas sem espólio associado (Figura 8), ou com enchimentos igualmente sem materiais arqueológicos, ou com conjuntos artefactuais neolíticos.



Figura 7 – Núcleo B. (De cima para baixo) Aspecto de um dos hipogeus “antropomórficos” na fase de identificação; dois desses hipogeus em escavação, sendo visíveis as antecâmaras ou vestibulos e as pequenas criptas encerradas por pedras em cutelo; aspecto das deposições funerárias numa das criptas; conjuntos de materiais cerâmicos e metálicos (punções e punhais e faca de rebites) provenientes destes sepulcros.



Figura 8 – Fossa circular com enterramentos múltiplos sem materiais associados no núcleo B..

Referência ainda para uma outra estrutura funerária, fossa 54, era composta por uma fossa circular com acesso a uma pequena câmara oval (pouco mais que um nicho) escavada na extremidade SE daquela. A pequena cripta encontrava-se selada com lajes colocadas verticalmente e conservava os restos osteológicos de um indivíduo jovem, cujo espólio votivo era constituído apenas por um punção de cobre ou bronze.”

4. O núcleo C

O núcleo C está localizado um pouco mais a Norte, a cerca de 50m para NE do núcleo B e a cerca de 250m do núcleo A, na zona do “ístermo” de ligação do outeiro à plataforma aplanada que se desenvolve para N/NE.

Neste núcleo foram identificados três hipogeus, compostos por criptas de pequenas dimensões e acessos em poço lateral com a entrada entre o poço e a cripta encerrada por acumulação de pedras. Num dos sepulcros, após o encerramento final deste tipo de entrada, terá sido aberto um poço no tecto da cripta, que permitiu a continuação da sua utilização funerária. Estas tipologias arquitectónicas aproximam-se das dos Sepulcros 1 e 2 da necrópole da Sobreira de Cima, situada mais a Norte, já nos contrafortes da Serra de Portel (Valera, *no prelo*).

Os hipogeus estão integrados numa área com um grande número de fossas (cerca de três dezenas), a grande maioria das quais não forneceu materiais arqueológicos ou proporcionou apenas alguns fragmentos de cerâmica manual inclassificáveis. Um dos aspectos mais interessantes deste conjunto é a forte nuclearização de todas estas fossas, que no conjunto formam uma mancha circular e a localização dos hipogeus na periferia do conjunto (Figura 3).

Relativamente a estes últimos, tratam-se de sepulcros de deposições funerárias primárias, sempre colectivas e com evidências de manipulação das ossadas durante a utilização dos sepulcros. Os conjuntos artefactuais associados indicam uma cronologia atribuível ao Neolítico Final, tal como acontece para os já datados sepulcros da Sobreira de Cima

(Valera, Soares e Coelho, 2008). Estes materiais correspondem essencialmente a pequenas lâminas, geométricos (alguns dos quais com restos da substância de fixação que, tal como na Sobreira de Cima – Dias, 2008, revelam tratar-se de pontas de projectil transversais), machados ou enxós de pedra polida e pulseiras de *glycimeris* (Figura 10). Tal como na Sobreira de Cima, a cerâmica está ausente do ritual.



Figura 9 – Aspecto do aglomerado de fossas do Núcleo C e pormenor de um dos hipogeus, com poço de entrada (primeiro plano) e cripta funerária (segundo plano).



Figura 10 – Materiais provenientes dos hipogeus do Núcleo C.

Ainda neste núcleo, numa das fossas que o integram (fossa 32), igualmente localizada na periferia do conjunto, registou-se um enterramento de um indivíduo jovem sem espólio votivo associado, sobre o qual foi depositado um nível de calhaus irregulares, incluindo dois dormentes de granito.

5. O Núcleo D

Trata-se do núcleo que se localiza mais a Norte, já na zona aplanada que se estende para N/NE (designado no âmbito da minimização por Monte do Gato de Cima 3). Ao contrário dos restantes já sumariamente descritos, e que se localizavam na área da construção de um grande depósito de água e, portanto, puderam ser percebidos em área, o núcleo D corresponde a evidências detectadas em vala de tubagem, pelo que não temos a percepção da sua real extensão e distribuição espacial.

Aqui foi identificado um outro hipogeu “antropomórfico”, composto por antecâmara de tendência rectangular (parcialmente cortada pela vala de obra) e cripta funerária circular encerrada por grandes pedras verticalizadas, em tudo idêntico aos registados no núcleo B (Figura 11). Na cripta estava apenas a deposição primária de um único indivíduo.

Foi igualmente identificado um outro enterramento primário individual em fossa circular e mais algumas fossas cuja interpretação e cronologia é, de momento, difícil de estabelecer (possivelmente Idade do Bronze).

De acordo com os materiais provenientes de ambos os contextos funerários, os mesmos são atribuíveis à Idade do Bronze Pleno (Figura 14).



Figura 11 – Hipogeu “antropomórfico” do Núcleo D parcialmente cortado por uma vala de obra.



Figura 12 – Deposição em fossa no Núcleo D.



Figura 13 – Materiais provenientes dos contextos funerários do Núcleo D.

6. Algumas (primeiras) notas sobre o Outeiro Alto 2

Apesar do carácter de notícia preliminar, de tom genérico e essencialmente descritivo, que caracteriza o presente texto, ressalta evidente a extraordinária importância deste notável contexto arqueológico. Das várias questões que o sítio levanta, e que serão desenvolvidas com o aprofundamento do seu estudo, pretendemos enunciar já algumas que nos parecem particularmente relevantes para a sua compreensão e que deverão orientar esse estudo.

a) *A temporalidade da sua ocupação.* Do que nos é dado perceber de momento, esta estende-se do final do Neolítico à Idade do Bronze, passando pelo Calcolítico. Genericamente, o sítio terá sido utilizado, ainda que intermitentemente, entre a 2ª metade do 4º milénio AC e meados do 2º milénio AC, num espaço de tempo de cerca de 2000 anos. Esta durabilidade no tempo (que se espera afinar

através de datações absolutas) coloca um conjunto de questões centrais para compreensão do sítio e para o entendimento do seu “desempenho social” ao longo desse mesmo período de tempo. A primeira e mais estruturante das questões levantadas pelo problema da temporalidade é a de como perceber essa “continuidade” de ocupação.

b) Continuidade ou reocupações descontinuidades? Esta é, como se disse, uma das questões centrais. Devemos entender o sítio como um local reocupado em diferentes períodos, com significativos tempos intermédios de abandono e sem grande conexão entre a reocupação e o que a precedeu? Ou, pelo contrário, deveremos privilegiar uma perspectiva de conexão entre os diferentes momentos, onde o prévio condiciona e intervem sobre o posterior, não só de uma maneira física (isto é, porque existe), mas também, e sobretudo, de uma maneira significativa (pelo que representa)? As respostas a estas perguntas ganharão consistência com o estudo aprofundado de cada estrutura e de cada conjunto, mas não serão independentes do posicionamento teórico e das correntes interpretativas que actualmente se degladiam relativamente a este tipo de contextos (Valera, 2006; 2008; Jiménez Jáimez, 2008). Alguns pontos podem, contudo, ser desde já enunciados.

De momento, parece que apenas no Neolítico Final e na Idade do Bronze o local foi utilizado para a construção de estruturas funerárias. Os sepulcros neolíticos são de tipo hipogeu (câmara com acesso em poço lateral), enquanto os sepulcros da Idade do Bronze, ou são hipogeus de planta “antropomórfica” ou fossa simples. Ainda no Neolítico Final, no sítio abriram-se e colmataram-se fossas em diferentes pontos do cabeço. No Calcolítico parece que apenas se ocupou a extremidade sul, onde se abriram e colmataram fossas e se construiu um pequeno recinto. Estas circunstâncias poderão ser lidas como descontinuidades funcionais concretas, ideia que também parece advir da correlação cronologia / distribuição espacial.

c) Polinuclearização aparentemente pouco interpenetrada. Pelo que já foi possível perceber, as diferentes estruturas encontram-se organizadas em núcleos espacialmente bem individualizados. Esses núcleos parecem conter elementos de diferentes períodos, sugerindo que, embora possam ter sido “reforçados” ou “densificados” em determinados momentos, a sua imagem de núcleos terá sido constituída ao longo de vários tempos de utilização do sítio. Esta observação, contudo, não esconde o facto de que as construções passíveis de serem atribuídas à Idade do Bronze quase não se aproximam dos dois grandes núcleos de construções anteriores (apenas um sepulcro próximo do núcleo C) e de que as fossas que as rodeiam e apresentam materiais mais antigos (sempre do Neolítico Final) são relativamente escassas.

Já no núcleo A, existem fossas com enchimentos atribuíveis ao Neolítico Final e outras ao Calcolítico, período a que é igualmente atribuível o enchimento do fosso (pelo menos nas áreas sondadas), enquanto que no núcleo C dos hipogeus Neolíticos, não sabemos se o conjunto de estruturas negativas, que constituem aquela densa mancha

circular, são genericamente contemporâneas e todas integráveis nesse período cronológico.

Naturalmente, à questão da interpenetração dos diferentes núcleos colocam-se ainda dois grandes obstáculos (só parcialmente superáveis no futuro): o grande número de fossas sem materiais arqueológicos associados, sobretudo no núcleo C, e o grande número de fossas que ficou por escavar no núcleo A (tanto no interior como no exterior do recinto). Estas condicionantes aconselham prudência neste estado preliminar da avaliação dos dados de campo relativamente às análises espaciais da distribuição das estruturas nos vários momentos cronológicos discerníveis. Mas parece existir uma certa individualização do espaço ocupado/utilizado, tanto no espaço sepulcral neolítico, como no Calcolítico e durante a Idade do Bronze, o que poderá deixar transparecer processos ou prescrições através das quais o antigo condiciona o novo.

d) Um espaço de socialização. De facto, e apesar da nuclearização aparentemente pouco interpenetrada em termos da cronologia dos vários momentos de utilização do cabeço, o que ressalta é a escolha do mesmo para um conjunto de construções e práticas sociais onde a carga simbólica parece ser o cimento e o catalizador de uma recorrência de utilização tão prolongada no tempo.

A ritualização funerária daquele espaço está bem patente para o Neolítico Final e para a Idade do Bronze. Para o Calcolítico temos o recinto e com ele o debate sobre se estes tipo de contextos são povoados ou locais de agregação comunitária para práticas fortemente ritualizadas de gestão e reprodução da ordem social.

Não querendo entrar aqui (dada a natureza deste texto) nos fundamentos teóricos e na crítica da informação empírica disponível (à escala regional ou europeia) que subjazem a este debate (até porque os próprios dados empíricos deste contexto estão numa fase preliminar de estudo), apenas referiremos que a natureza arquitectónica do recinto (planta e tamanho) e a sua implantação num local já sacralizado são circunstâncias que se inscrevem melhor na segunda opção. A ser assim (e a contrastação empírica da hipótese interpretativa está ainda por realizar), o Outeiro Alto 2 terá sido, ao longo de quase dois milénios, um local de forte carga simbólica, capaz de atrair diferentes práticas sociais ritualizadas ligadas à gestão da morte e da vida. A sua própria posição espacial, de grande visibilidade sobre um vasto território pode ter contribuído para a sua constituição como lugar especial relativamente ao povoamento local, de que já eram conhecidos alguns sítios (como, por exemplo, o sítio do Neolítico Final da Foz do Enxóe – Diniz, 1999). Teremos que esperar, contudo, pela divulgação de todo um manancial de informação produzido pelos trabalhos arqueológicos realizados no âmbito da rede de rega de Alqueva nesta região para podermos avaliar com mais consistência esta possibilidade que, de momento, mais não é que uma forte intuição.

e) Reforço de novas realidades arqueológicas. Mas para além da valorização do sítio em si, este contexto, juntamente

com tantos outros que têm vindo a ser intervencionados no âmbito de empreendimentos ligados a Alqueva, reforça um conjunto de novas perspectivas regionais no que à gestão da morte diz respeito e que poderemos sintetizar nos seguintes itens:

- A Serra de Portel parece constituir-se como uma “fronteira” entre uma arquitectura da morte predominantemente (mas não exclusivamente) dolménica que se desenvolve para Norte e uma arquitectura da morte predominantemente (mas também não exclusivamente) subterrânea (em fossa ou hipogeu) que se desenvolve para sul.
- A tradição desta arquitectura subterrânea atravessa toda a cronologia do Neolítico Final à Idade do Bronze.
- A diversidade arquitectónica e até ritual da gestão da morte na Idade do Bronze impôs-se a uma imagem tradicional mais normalizada em torno das necrópoles de cistas.
- A base documental antropológica está a sofrer um considerável incremento, para o qual se espera que tenhamos a capacidade de potenciar e transformar em conhecimento.
- A grande densidade de sítios com estruturas negativas (sobretudo em fossa) e a dimensão que muitos apresentam (e que noutros, atravessados por valas, se intui) e que vão construindo uma nova paisagem arqueológica da Pré e Proto História no interior alentejano.
- A consciencialização da natureza, da abundância e do potencial deste património arqueológico no Sul do país, a qual terá que ter necessariamente consequências nas estratégias de gestão do património e de minimização de impactes de grandes empreendimentos.

Finalmente, e em forma de conclusão, resta referir que este sítio, juntamente com mais uns quantos outros intervencionados no âmbito dos empreendimentos ligados à exploração da barragem de Alqueva (empreendimentos da EDIA e da REN), está integrado num projecto de investigação com candidatura apresentada à Fundação para a Ciência e Tecnologia, no qual se espera proceder ao aprofundamento do seu estudo e a um consistente tratamento das questões aqui afloradas.

Referências Bibliográficas

- DIAS, A.M.M.Carvalho (1996), *Elementos para o estudo da sequência estratigráfica e artefactual do povoado calcolítico de Stª Vitória*, Dissertação de mestrado apresentada à FLUP, Policopiado.
- DIAS, M^a Isabel (2008), “Estudo composicional da matéria envolvente aos geométricos da necrópole neolítica da Sobreira de Cima (Vidigueira)”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 1, Lisboa, NIA-ERA Arqueologia (www.nia-era.org), p.13-14.
- DINIZ, Mariana, (1999), “Povoado neolítico da Foz do Enxoe (Serpa): primeiros resultados”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 2, nº1, Lisboa, IPA, p.95-126.
- JIMÉNEZ JÁIMEZ, V. (2009), *Recintos de Fosos. Genealogía y Significado de una tradición en la Prehistoria del Suroeste de la Península Ibérica (IV - III)*, Dissertação de Doutoramento, Policopiado.

- VALERA, António Carlos (2006), “A margem esquerda do Guadiana (região de Mourão), dos finais do 4º aos inícios do 2º milénio AC.”, *Era Arqueologia*, 7, Lisboa, Era Arqueologia – Colibri, p.136-210.
- VALERA, António Carlos (2008), “Mapeando o Cosmos. Uma abordagem cognitiva aos recintos da Pré-História Recente”, *ERA Arqueologia*, 8, Lisboa, Era Arqueologia / Colibri, p.112-127.
- VALERA, António Carlos (*no prelo*), “Estratégias de identificação e recursos geológicos: o anfibolito e a necrópole da Sobreira de Cima”, Comunicação apresentada ao IV Congresso Nacional de Geomorfologia, Braga, 2008..
- VALERA, A.C., SOARES, A.M. e COELHO, M. (2008), “Preimeiras datas de radiocarbono para a necrópole de hipogeus da Sobreira de Cima (Vidigueira, Beja)”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 2, Lisboa, NIA-ERA Arqueologia (www.nia-era.org), p.27-30.

Abstract

Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa): a preliminary report on a socializing and funerary space from Late Neolithic to Bronze Age.

This paper is a preliminary presentation of Outeiro Alto 2 site, a hill top excavated in an emergency scenario, related to the construction of a reservoir of water distribution network of Alqueva dam, in South Portugal. The site presents a diachronic occupation from Late Neolithic, Chalcolithic and Bronze Age, and is organized in 4 concentrations of negative structures, excavated in the bedrock.

Concentration A, situated in the SE extremity of the hill, presents some pits from Late Neolithic and a curly enclosure and other pits from Chalcolithic.

Concentration B is located in the NW part of the hill and, apart from one Late Neolithic pit and other pits with no artefacts, is dominated by funerary contexts dating from the Bronze Age: 5 hypogea of “anthropomorphic” shape. There is also a collective burial in a circular pit, but with no archaeological materials associated (so the chronological context can only be established after absolute dating).

Concentration C, in the North extremity of the hill, has 3 hypogea (small chambers with a lateral pit access) dating from Late Neolithic, and around 30 pits, practically empty of archaeological material. All structures are very concentrated in a small area of circular shape.

Concentration D, less perceptible because it was only affected by a water conduct, has some pits, a burial in a pit and another hypogea of “anthropomorphic shape”, all dating from Bronze Age.

This context is seen, in a preliminary approach, as a special local of strong symbolic meaning, concerning death management and social aggregation and reproduction. That symbolic role of the hill, constructed through that long period of time, is regarded as the link that establishes the relations of the different periods of occupation.

The site also represents an example of the profound empirical revolution that is in course in Alentejo’s Archaeology, resulting from Alqueva dam associated projects. A prehistoric landscape full of negative structures, dated from Neolithic to Bronze Age, including enclosures and funerary structures, the later in contrast with the predominant megalithic solutions of North Alentejo region and the traditional cist graveyards from Bronze Age.

A research project was developed for this site (and some others in the area) and presented for funding to the Portuguese Science and Technology Foundation.

GESTÃO DA MORTE NO 3º MILÉNIO AC NO PORTO TORRÃO (FERREIRA DO ALENTEJO): UM PRIMEIRO CONTRIBUTO PARA A SUA ESPACIALIDADE

António Carlos Valera¹

1. Introdução

No âmbito da implementação da rede de rega de Alqueva, a EDIA S.A. encontra-se a desenvolver um extenso programa de mitigação de impactes sobre o património arqueológico. Uma das zonas de particular sensibilidade é a área de implantação do complexo de recintos neolíticos e calcolíticos do Porto Torrão, em Ferreira do Alentejo.

Conhecido desde há muito, o Porto Torrão foi já sujeito a várias intervenções arqueológicas (Arnaud, 1982, 1984-88 e 1993; Valera e Filipe, 2004). Estes trabalhos permitiram tomar consciência da grande importância científica e patrimonial deste sítio arqueológico, o qual, contudo, continua hoje com os seus reais limites por estabelecer e com a sua complexidade espacial e temporal intuída, mas ainda longe de plenamente entendida.

Assim, os trabalhos agora em curso, a cargo de várias empresas de arqueologia, poderão funcionar como uma janela de oportunidade para o aprofundamento do conhecimento deste contexto. De facto, e apesar das circunstâncias negativas que sempre acompanham a arqueologia de salvamento e os esforços de compatibilização de interesses legítimos, mas conflitantes, a implementação das medidas mitigadoras tem estado a revolucionar os nossos conhecimentos sobre a Pré-história Recente e Proto-história do Sudoeste Peninsular. Nesse âmbito, os trabalhos que hoje decorrem no Porto Torrão trarão seguramente um contributo de significativa relevância.

A ERA Arqueologia S.A. está a participar neste gigantesco empreendimento de minimização, com blocos de actuação na margem esquerda do Guadiana (Bloco de Rega de Brinches) e na área de Ferreira do Alentejo (Bloco de Rega de Ferreira, Figueirinha e Valbom), trabalhos sob coordenação de Sandra Brazuna.

Assim, na sequência de várias ocorrências recentes, detectadas em acompanhamento arqueológico (da responsabilidade da empresa Omniknos Lda.), a ERA tem estado a proceder à escavação de uma série de contextos funerários, os quais permitem começar a abordar a problemática das práticas de gestão da morte durante o 3º milénio AC pelas populações que ocuparam o vale da Ribeira de Vale do Ouro na zona de implantação do Porto Torrão.

Estando os trabalhos de escavação destes contextos ainda em curso (nalguns casos apenas a iniciar-se), serve o presente texto essencialmente para dar notícia dos mesmos e enunciar um conjunto de problemáticas que, com eles, parecem começar a delinear-se e que permitem reintroduzir o Porto Torrão no debate mais amplo relativo aos grandes recintos de fossos do Sul peninsular, mas agora com uma base empírica mais alargada.

2. Os contextos

Os contextos de que aqui damos notícia correspondem a quatro sítios ou núcleos que se distribuem em torno aos limites aproximados do Porto Torrão propostos no início da década de 80 do século passado por José Arnaud com base nas evidências de superfície (Figura 1).

Dois desses núcleos situam-se muito próximos desse limite. São eles o Monte do Cardim 6, a Sul, e Horta do João da Moura 1, a Este. Os outros dois locais, Monte do Carrascal 2 e Monte do Pombal 1, situam-se um pouco mais para Este respectivamente a cerca de 900 e 1900 m, ao longo do vale da Ribeira de Vale do Ouro, que atravessa sensivelmente a meio o complexo de recintos do Porto Torrão.

¹ ERA Arqueologia S.A.;

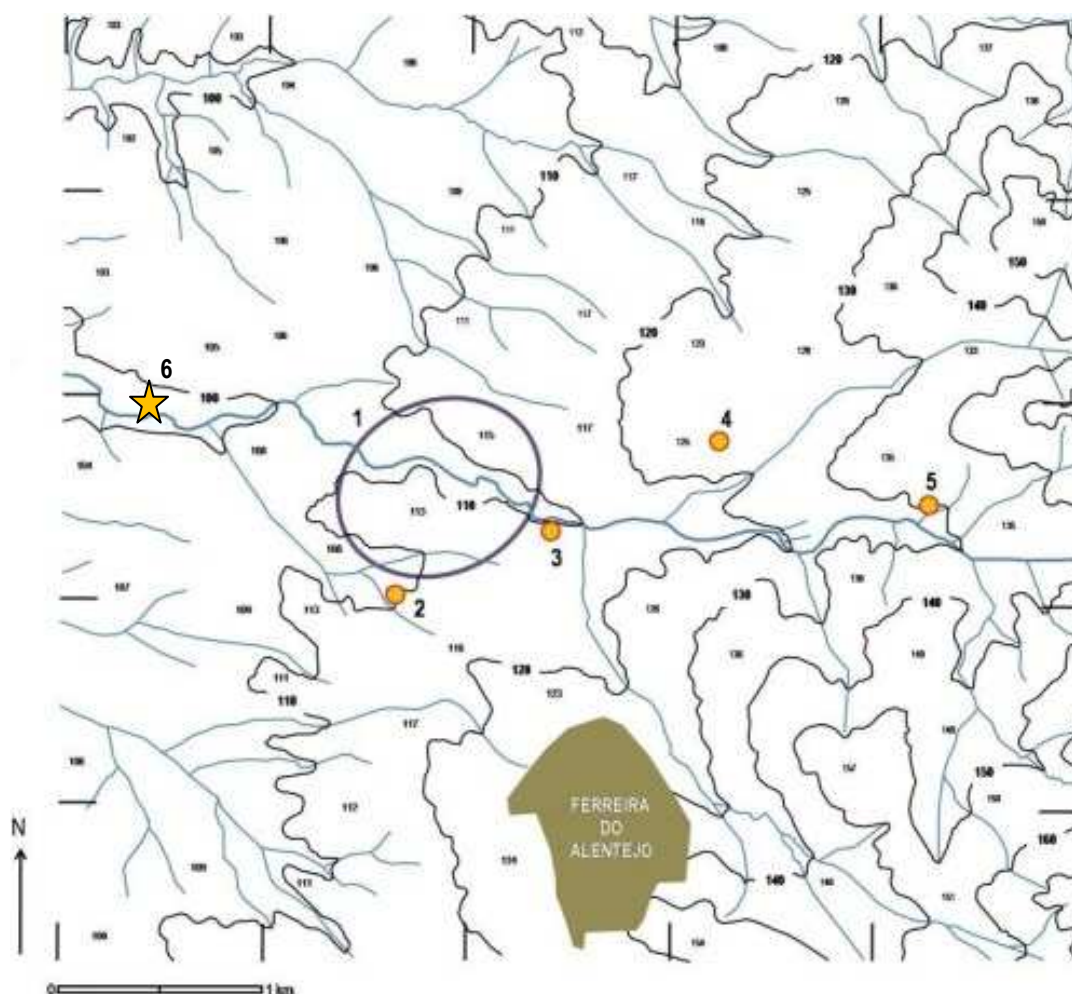


Figura 1 – Localização dos contextos referidos no texto: 1- Limites aproximados do complexo de recintos do Porto Torrão (segundo Arnaud, 1982); 2 – Monte do Cardim 6; 3 – Horta do João da Moura 1; 4 – Monte do Carrascal 2; 5 – Monte do Pombal 1; 6 – Localização aproximada do idolo oculado.

2.1. Monte do Cardim 6²

Corresponde a pelo menos um monumento de tipo *tholos*, cuja câmara e parte do corredor já foram integralmente escavados. O corredor contacta com um outro espaço subcircular (um átrio ou outro monumento) ainda não escavado, junto ao qual ocorre uma fossa com restos osteológicos humanos, também não escavada.

A câmara apresenta-se parcialmente escavada no substrato rochoso, apresentando um buraco central (possível poste de sustentação da cobertura). As paredes eram constituídas por fiadas de pedra que arrancavam desde a base da câmara, encostando ao corte do geológico, sendo perceptível a inclinação para formação de uma falsa cúpula. O corredor apresentava-se igualmente escavado na rocha e revelou um pavimento de argila.



Figura 2 – Vista da câmara e corredor do tholos do Monte do Cardim 6.

² Escavação da ERA Arqueologia S.A., sob responsabilidade de Margarida Figueiredo.

O sepulcro foi muito afectado em período romano, muito provavelmente para obtenção de lajes de xisto que foram utilizadas numa necrópole daquele período que se situa nas imediações do *tholos*.

Apesar da afectação, foi possível registar um conjunto alargado de materiais e restos humanos relativos à utilização calcolítica do monumento (onde se destacam recipientes de calcário, inúmeras pontas de seta, recipientes cerâmicos lisos e alguma cerâmica campaniforme de estilo Internacional e Pontilhado Geométrico), assim como a deposição de um animal quase inteiro. Foi igualmente identificada uma reutilização mais recente, a qual integrava um enterramento, o qual, pelos materiais associados, datará da Idade do Bronze.

2.2. Horta do João da Moura 1³

Junto à Ribeira de Vale do Ouro, e muito próximo dos limites aproximados propostos para o Porto Torrão, foram detectados e estão em início de escavação dois sepulcros tipo *tholos*, com uma estruturação arquitectónica das câmaras semelhante à do sepulcro do Monte do Cardim 6: parcialmente escavada no substrato e com paredes em fiadas de pedras que arrancam desde a base. Junto a estes dois sepulcros detectaram-se outras estruturas em negativo, de configuração ainda indeterminada, uma das quais com um enterramento no topo.

O Sepulcro 2 apresenta uma câmara mais pequena, com cerca de 2 metros de diâmetro e um corredor/átrio alargado, enquanto a câmara do Sepulcro 1 apresenta um diâmetro de cerca 4 metros e um corredor aparentemente curto.



Figura 3 – Sepulcro 1 da Horta do João da Moura 1.

³ Escavação da ERA Arqueologia S.A., sob responsabilidade de Tiago do Pereiro.

⁴ Escavação da ERA Arqueologia S.A., sob responsabilidade de Helena Santos



Figura 4 – Sepulcro 2 da Horta do João da Moura 1 durante a fase de escavação.

2.3. Monte do Carrascal 2⁴

Fica implantado numa zona aplanada, mas ligeiramente sobranceira ao vale da Ribeira de Vale do Ouro e à própria área de implantação do Porto Torrão (Figura 3).

Trata-se de um núcleo de sepulcros cuja dimensão e estruturação não é totalmente perceptível, uma vez que parece estender-se bastante para fora dos limites abrangidos pela vala de implantação das tubagens.

De momento estão identificados dois sepulcros de tipo hipogeu, cujas utilizações, em função dos dados até ao momento obtidos, datam do Calcolítico. Ainda durante esse mesmo período foi aberta uma grande vala ou fosso, a qual cortou parte do poço/corredor de acesso ao Hipogeu 1 e destruiu parte da câmara do outro, deixando intacta o que parece ser a zona de entrada (esta última interpretação, contudo, é ainda uma interpretação preliminar, sujeita a possível revisão em função do evoluir dos trabalhos).

A alguns metros do eventual fosso foi aberta uma pequena vala que lhe é paralela e a cerca de um metro desta, e com uma orientação igualmente paralela, existe uma outra estrutura escavada no geológico que poderá corresponder ao corredor de um sepulcro que se desenvolve para o exterior da área afectada. A sua estruturação é muito semelhante à do corredor do *tholos* do Monte de Cardim 6, podendo corresponder a um outro monumento funerário.

A um pouco mais à frente ocorre uma outra aglomeração de ossos humanos, aparentemente desarticulados, sem que se tenha ainda detectado qualquer tipo de estrutura (poderemos estar perante o topo de uma estrutura negativa ainda não convenientemente definida). Note-se que esta acumulação de ossos é rodeada por uma área com depósitos que fornecem material lítico que indicia uma ocupação mais antiga deste local, claramente Neolítica (eventualmente de momentos iniciais do período), onde se detectou uma acumulação de restos de fauna.



Figura 5 – Aspecto do Hipogeu 1 em escavação, com entrada ainda obstruída pela estrutura de pedras de encerramento.



Figura 6 – Aspecto da escavação da câmara do Hipogeu 1 (Foto de Helena Santos).

De momento, a escavação da câmara do Hipogeu 1, monumento que se encontra melhor preservado, tem revelado um conjunto abundante de ossos humanos desarticulados, mas também algumas conexões anatómicas. A intervenção incide sobre as últimas utilizações da câmara funerária, as quais foram já feitas através de uma abertura no tecto (de tipo coelheira alargada), uma vez que se situam num plano acima da entrada lateral, a qual se encontra encerrada por uma aglomeração de pedras de médias e grandes dimensões.

2.4. Monte do Pombal 1⁵

O sítio do Monte do Pombal 1 situa-se a cerca de 1900 metros a Este dos limites aproximados do Porto Torrão, junto à Ribeira de Vale do Ouro. Aqui foi igualmente identificada uma estrutura funerária, cujas evidências sugerem tratar-se de um outro sepulcro tipo *tholos* (onde se registam, na área da câmara, cerâmicas fragmentadas e ossos humanos). A escavação evidenciou a preservação de apenas uma parte da câmara circular, com pavimento lajeado a xisto e paredes de fiadas de pedra que arrancam da base ligeiramente escavada no substrato geológico.



Figura 7 – Aspecto da câmara do eventual tholos do Monte do Pombal 1.

3. Uma organização espacial em perspectiva

Como é natural, a informação de momento disponível sobre cada um destes contextos em concreto é ainda muito parcelar e preliminar, na medida em que todos eles se encontram em fases diferenciadas das respectivas medidas de minimização arqueológica.

A apresentação desta pequena notícias justifica-se, no entanto, pela importância de que se reveste o conhecimento da sua ocorrência para a investigação em curso na região, mas também pelo que permitem perspectivar em termos da organização espacial e extensão territorial que o Porto Torrão poderá assumir.

Há muito que o Porto Torrão é encarado como um dos grandes recintos (povoados, na terminologia mais comumente utilizada, sobretudo quando não se pretende questionar a natureza e a pluralidade de papéis que este tipo de contextos terá desempenhado na organização social das comunidades neolíticas e calcolíticas) do Sudoeste Peninsular, a par de outros grandes complexos, como são os de Alcalar, Perdigões, San Blás, Pijotilla, Valenciana de la Concepción ou Papa Uvas (Nocete, 2001, Valera e Filipe, 2004; Valera, 2006; Jiménez Jaimez, 2009; Hurtado, 2008; Morán, 2008).

As funções que lhe vão sendo atribuídas, mais que decorrentes de um conhecimento aprofundado dos contextos que encerra (e que, como se disse acima, é ainda escasso e que será seguramente impulsionado com os trabalhos agora em curso promovidos pelos empreendimentos da EDIA), derivam da extensão que desde o início lhe foi reconhecida e dos modelos e enquadramentos teóricos de partida de cada autor.

⁵ Escavação da ERA Arqueologia S.A., sob responsabilidade de Susana Gomes Dias e Margarida Figueiredo.

Assim, de um lado temos as macro-aldeias e centros de poder a partir dos quais o grupo dominante de uma estrutura social hierarquizada (ou mesmo, segundo alguns, classista) exerceria e expandiria o seu poder sobre um território, também ele organizado sob laços de dependência económica e política (isto apesar dos renovados conselhos à cautela relativamente à utilização do critério tamanho como indicador de diferenciações hierárquicas e económicas – Diaz-del-Rio, 2008). Do outro, temos a sua interpretação como espaços de agregação social onde, mais do que habitar, se praticam cerimónias recorrentes de negociação e reprodução da ordem social e das identidades (também aqui apesar de se sublinhar a inadequação de uma nova uniformização interpretativa aplicável à generalidade dos recintos europeus, agora de sinal teórico contrário, independentemente dos seus evidentes particularismos diferenciadores – Diaz-del-Rio, 2008; Valera, *et al*, 2007; 2006).

Não vamos, nesta curta notícia, discutir os fundamentos teóricos e empíricos deste debate, mas tão só salientar algumas das implicações que estes novos contextos poderão trazer às perspectivas que se têm vindo a desenvolver para o Porto Torrão, nomeadamente no que concerne à sua espacialidade

A imagem que a Figura 1 nos proporciona funciona, antes de mais, como um alerta para a necessidade de entender o Porto Torrão na estreita relação que se estabelece entre o sítio, na sua multiplicidade contextual, e a paisagem da Ribeira de Vale do Ouro. Neste sentido, e apesar de toda a precariedade dos dados ainda disponíveis, algumas questões podem ser colocadas para orientar a pesquisa (porque, mesmo em salvamento, a Arqueologia deve ser orientada por problemas e questionários).

A distribuição espacial dos núcleos funerários referenciados apresenta algumas circunstâncias sugestivas. A primeira é a de que, independentemente da existência de contextos funerários no interior dos recintos (facto comum em quase todos os sítios deste género: Perdígões, Valencina, San Blás, Pijotilla, Alcalar, etc.), os núcleos de Morte do Cardim 6 e Horta do João da Moura 1 podem indicar a existência de uma faixa periférica e polinucleada de espaços funerários, à imagem do que pode ser reconhecido, por exemplo, em Alcalar ou em Valencina. Por outro lado, o Monte do Carrascal 2 e o Monte do Pombal 1 revelam que a distância de alguns núcleos relativamente à área nuclear deste “quadro local” pode ser significativa.

De facto, podemos ser tentados a questionar uma associação ao Porto Torrão das estruturas de Monte do Pombal 1 ou Monte do Carrascal 2, respectivamente a cerca de 1900 e 900 metros de distância dos limites aproximados propostos para aquele sítio. Contudo, ainda não conhecemos os limites reais do complexo de recintos do Porto Torrão, não sendo sequer seguro que, por exemplo, o núcleo da Horta do João da Moura 1 seja efectivamente exterior. Esta distância estimada poderá ser, na realidade, mais reduzida. Por outro lado, distâncias na ordem dos 800 a 1000 metros entre as áreas dos recintos e alguns dos

respectivos sepulcros periféricos são igualmente conhecidas noutros sítios do género, por exemplo, em Valencina ou Alcalar, o mesmo acontecendo com os sepulcros mais distantes da muralha exterior de Los Millares. O que se vai evidenciando nestes grandes complexos arqueológicos é precisamente a sua grande abrangência territorial, nem sempre contínua e homogénea, por vezes polinucleada, e que obriga a que os abordemos a escalas mais alargadas e integradoras (independentemente da necessidade de compreendermos essa abrangência nas diversas vicissitudes da sua temporalidade).

Note-se, ainda, a descoberta à superfície de um ídolo oculado (Arnaud, 1984-88), junto à Ribeira de Vale do Ouro, a cerca de 1 Km a Oeste do Porto Torrão (Figura 1), situação que pode indiciar a existência de outros sepulcros no local, reforçando a ideia, não só da envolvimento do complexo de recintos por vários núcleos de cariz funerário/sagrado, como também o papel do espaço que a ribeira parece assumir.

De facto, uma outra situação sugerida pela distribuição espacial dos contextos referidos é a sua distribuição ao longo do vale da Ribeira de Vale do Ouro (Figura 1), particularmente do lado Este do complexo de recintos do Porto Torrão. Esta circunstância poderá resultar de uma imagem distorcida por insuficiência de informação relativamente à globalidade de sepulcros ou grupos de sepulcros na periferia dos recintos. Mas poderá igualmente resultar de uma organização específica do espaço em função das leituras que aquelas comunidades faziam da paisagem local e dos sentidos que a estas se encontravam associados.

Neste âmbito, foi recentemente sublinhado o papel estruturante na organização simbólica do espaço que determinados elementos naturais podem assumir, devido às composições dicotómicas que permitem, como acontece com os cursos de água (Valera, 2007 e 2008). Neste caso, a organização bipolar pode ser dupla, uma vez que para além do eixo estabelecido entre as duas margens da linha de água, existe ainda o eixo estabelecido pela direcção da corrente (montante / jusante).

No caso do Porto Torrão verifica-se precisamente que a Ribeira de Vale do Ouro parece atravessar o complexo de recintos sensivelmente a meio, demarcando claramente uma metade direita e outra esquerda, neste caso uma divisão entre Norte e Sul, que poderá ter tido significados específicos na organização simbólica (leia-se, de sentidos) do espaço interno (Valera, 2008), situação que pode igualmente ser observada na Pijotilla. Por outro lado, com a identificação dos núcleos funerários referidos, o papel axial desempenhado pela ribeira na organização deste espaço local parece sair reforçado, mormente se pensarmos que o seu traçado geral e a direcção da corrente têm uma orientação Este – Oeste, idêntica, portanto, ao percurso solar, factor que parece ser estruturante na organização espacial e arquitectónica de muitos recintos europeus (entre os quais se conta, por exemplo, o complexo dos Perdígões – *idem*).

Assim, e para além de todas as problemáticas associadas às temporalidades, funcionalidades e sentidos das diferentes estruturas e espaços que compõem o Porto Torrão, ou mais concretamente, das questões associadas à gestão da morte (arquitecturas, rituais, espacialidades), e que seguramente serão aprofundadas com a conclusão dos trabalhos em curso no âmbito dos empreendimentos da EDIA, a simples identificação deste conjunto de sepulcros reforça a percepção que já anteriormente se tinha relativamente ao Porto Torrão: a de que se tratava de um grande complexo arqueológico, composto por recintos e espaço sepulcrais associados, cuja abrangência espacial é de grande escala e profundamente articulada com a construção de paisagens locais, reforçando a sua importância no contexto do debate sobre os recintos de fossos e sobre a organização social das comunidades que os foram construindo e usando.

E se esta percepção de larga escala e de relacionamento com a paisagem é fundamental para a interpretação do próprio sítio na sua dinâmica de vida, não é o menos para a sua salvaguarda, agora que novos empreendimentos se anunciam para os próximos tempos e que, em face desta abrangência, vão ficando cada vez mais perto.

Referências Bibliográficas

- ARNAUD, José Morais (1982), "O povoado calcolítico de Ferreira do Alentejo no contexto da bacia do Sado e do Sudoeste Peninsular", *Arqueologia*, nº 06, Porto, GEAP, p.48-64.
- ARANAUD, José Morais (1984-1988) "Nota sobre os ídolos oculados do Vale d'Ouro (Ferreira do Alentejo)", *Arqueologia e História*, série X, I/II, Lisboa, AAP, p.45-54.
- ARNAUD, José Morais (1993), "O povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): síntese das investigações realizadas", *Vipasca*, nº2, Aljustrel, C.M.A., p.41-61.
- DIÁZ-DEL-RIO, Pedro (2008), "El context social de las agregaciones de población durante el Calcolítico Peninsular", *ERA Arqueologia*, 8, Lisboa, Era-Arqueologia / Colibri, p.128-137.
- HURTADO, Vítor (2008), "Los recintos con fosos de la Cuenca Media del Guadiana", *ERA Arqueologia*, 8, Lisboa, Era Arqueologia / Colibri, p.182-197.
- JIMÉNEZ JÁIMEZ, v. (2009), *Recintos de Fosos. Genealogía y Significado de una tradición en la Prehistoria del Suroeste de la Península Ibérica (IV - III)*, Dissertação de Doutoramento, Policopiado.
- MORÁN, M. Elena (2008), "Organização espacial do Povoado Calcolítico de Alcalar (Algarve, Portugal)", *ERA Arqueologia*, 8, Lisboa, Era Arqueologia / Colibri, p.138-147.
- NOCETE, Francisco (2001), *Tercer milenio antes de nuestra era. Relaciones y contradicciones centro/periferia en el Valle del Guadalquivir*, Barcelona, Ediciones Bellaterra
- VALERA, António Carlos (2006), "A margem esquerda do Guadiana (região de Mourão), dos finais do 4º aos inícios do 2º milénio AC.", *Era Arqueologia*, 7, Lisboa, Era Arqueologia – Colibri, p.136-210.
- VALERA, António Carlos (2007), *Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3º milénio AC (Fornos de Algodres, Guarda)*, Braga, CMFA/TA.
- VALERA, António Carlos (2008), "Mapeando o Cosmos. Uma abordagem cognitiva aos recintos da Pré-História Recente", *ERA Arqueologia*, 8, Lisboa, Era Arqueologia / Colibri, p.112-127.
- VALERA, António Carlos e FILIPE, Iola (2004), "O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): novos dados e novas problemáticas no contexto da calcolitização do Sudoeste peninsular", *Era Arqueologia*, 6, Lisboa, ERA Arqueologia/Colibri, p.28-61.

VALERA, António Carlos, LAGO, M., DUARTE, C., DIAS, Mª I. e PRUDÊNCIO, Mª I. (2007), "Investigação no complexo arqueológico dos Perdigões: ponto da situação de dados e problemas", *Actas do 4º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Faro, 2004.

Abstract

Death management at Porto Torrão (Ferreira do Alentejo) during the 3rd millennium BC: a contribution to its spatiality.

In this short notice we publish a preliminary presentation of recently discovered chalcolithic funerary contexts related to Porto Torrão enclosure (in Ferreira do Alentejo, Portugal).

The paper stresses the importance of these findings to the understanding of the site's spatiality and of the connection to local landscape meanings and organization, in the context of large scale sites in the late 3rd millennium Southern Iberia.

It is argued that any archaeological approach to the site has to consider the aptitude of the territory, extended by the recent findings, and the potencial symbolic role that the Vale do Ouro stream might have played in the local landscape organization.

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS REALIZADOS NO PARQUE DA CIDADE: NOVOS CONTRIBUTOS PARA A HISTÓRIA DE LAGOS EM ÉPOCA MODERNA

Iola Filipe¹
Inês Simão¹
Ri cardo Godinho¹
Sandra Brazuna¹

No âmbito da minimização de impactes da obra a realizar no Parque da Cidade, Lagos, realizaram-se trabalhos de diagnóstico (17 sondagens) e acompanhamento arqueológico, que permitiram a identificação de contextos arqueológicos preservados, representando uma continuidade das realidades registadas e intervencionadas nos trabalhos realizados pelos arqueólogos Nuno Ferreira e Márcia Diogo, Empresa Palimpsesto Lda. (Ferreira *et al*: 2008). Durante a fase das sondagens de diagnóstico identificaram-se depósitos interpretados como pertencentes a uma lixeira, cronologicamente enquadrável nos séculos XVI-XVII e contextos funerários associados. Na sequência do acompanhamento foi possível registar, não só a continuidade dos contextos observados na fase anterior, como estruturas em alvenaria que fazem parte do edifício da Gafaria.

1. Enquadramento Geográfico

A área intervencionada localiza-se na zona exterior, mas contígua à muralha, encontrando-se ainda abrangida pela ZEP deste monumento. Administrativamente o Parque da Cidade situa-se na freguesia de Santa Maria, concelho de Lagos, distrito de Faro.

Do ponto de vista geológico a área de Lagos situa-se na “extensa plataforma litoral, com tendência para sedimentação carbonatada e forte influência terrígena (Formação de Lagos-Portimão)”, que se instalou no Algarve Ocidental no início do Miocénico. “Fenómenos eustáticos e tectónicos no início do Miocénico médio provocaram erosão da Formação de Lagos-Portimão.” No entanto, na zona de Lagos a sedimentação com tendência carbonatada continuou, estando esta formação presente na área da cidade. “A partir do Pliocénico o mar retirou-se do actual território algarvio”, assistindo-se no Plio-Plistocénico à formação de depósitos de areias e cascalheiras de Faro-Quarteira, também presentes na área de Lagos.

Já no Holocénico (Quaternário Superior) acumulam-se as areias de praia na linha de costa, ao longo do curso dos rios e ribeiras formam-se aluviões e sapais e níveis de cascalheira e terraços, estando estas formações igualmente presentes na área da cidade de Lagos. (Nota explicativa Carta Geológica da Região do Algarve, esc. 1:100 000).



Figura 1 – Localização da área intervencionada na Carta Militar de Portugal, 1:25000, folha 602.

2. Contextos arqueológicos preservados

Das dezassete sondagens para compreensão do potencial arqueológico do Parque da Cidade, apenas se registaram contextos arqueológicos preservados em cinco (2, 3, 7, 8 e 11), tendo-se observado nas restantes depósitos que se reportam a níveis de aterro/ nivelamento, utilizados para a formação da actual superfície de circulação, ou níveis de formação natural.

¹ ERA Arqueologia S.A.



Figura 2 – Plano Final (esq.) e Perfil Este (dir.) da Sondagem 2.

Na sondagem 2, com uma área total de 9m², definiram-se seis fases, numa estratigrafia vertical com 3,60m de profundidade, correspondendo a mais antiga a contextos preservados de uma área de lixeira. A componente artefactual e fauna (avifauna, mamalógica, malacológica e ictiológica) recolhidas são bastante significativas em termos quantitativos, destacando-se a presença de um esqueleto de peixe em conexão anatómica parcial.

Na Sondagem 3 (4m²) atingiu-se uma profundidade de 2,40m, no entanto, por razões de segurança não foi possível chegar ao substrato geológico, facto que condiciona a interpretação desta área. Registou-se uma sucessão de depósitos, interpretados como pertencendo a duas fases diferenciadas, correspondendo a mais antiga à zona de lixeira, onde se destaca a presença de um esqueleto de animal em conexão anatómica².

Nas Sondagens 7 e 8 identificaram-se igualmente depósitos pertencentes à lixeira, destacando-se apenas a elevada percentagem de componente artefactual recolhida.

Na Sondagem 11 registaram-se igualmente depósitos interpretados como lixeira, contexto sobre o qual foram inumados os enterramentos, considerados em termos cronológicos como pertencendo a uma fase diferenciada. Identificaram-se 4/5 esqueletos, destacando-se o facto de não existir um ritual funerário padronizado. Verificou-se alguma variedade de orientações nas inumações e, num dos casos, a deposição do corpo foi efectuada em posição lateral direito/ventral, ao contrário das restantes, depositadas em decúbito dorsal. Em todos os esqueletos identificados observaram-se perturbações pós-deposicionais.

A percepção do espaço intervencionado divide-se pois em duas realidades diferenciadas, caracterizando-se, de uma forma genérica, a metade Este pela presença de uma lixeira, que uma análise preliminar da componente artefactual permite datar dos séculos XVI-XVII, e a metade Oeste pela ausência de contextos arqueológicos preservados.

No que concerne à lixeira, importa destacar a presença de enterramentos, sem que, contudo, se perceba se estamos perante um espaço funerário deliberado (cemitério) ou se a sua utilização se reveste de uma carácter diferenciado. Para além da presença dos quatro/ cinco indivíduos na sondagem 11, que aponta para uma concentração de contextos funerários preservados nesta área, assinala-se ainda a presença de ossos humanos descontextualizados nas sondagens 2 e 8, o que sugere que poderão existir contextos funerários preservados noutras áreas. Acresce o facto de ter sido identificado e exumado um esqueleto numa intervenção recente numa área imediatamente adjacente (Ferreira *et al*: 2008).



Figura 3 – Animal em conexão anatómica (Sondagem 3)

² A fase mais recente reporta-se às camadas de nivelamento do terreno.

3. Acompanhamento

No seguimento dos trabalhos de diagnóstico arqueológico, com a identificação dos contextos arqueológicos acima referidos, os trabalhos no local do futuro Parque da Cidade prosseguiram com acompanhamento arqueológico.

Num primeiro momento, de acordo com as medidas de minimização apontadas após a realização das sondagens arqueológicas, foi efectuada a remoção mecânica dos depósitos de aterro/nivelamento da actual superfície de circulação, de forma a permitir uma melhor delimitação dos contextos arqueológicos preservados, nomeadamente da área de implantação da zona de lixeira e possível necrópole.

Durante a remoção dos níveis contemporâneos de actual circulação do parque, de zona ajardinada, e de aterro/nivelamento do terreno, identificaram-se algumas infra-estruturas de subsolo, associadas ao sistema de rega e iluminação do antigo parque de estacionamento e jardim.

Esta decapagem permitiu identificar e delimitar um depósito argilo-arenoso, de tom castanho-escuro a negro, com inclusões frequentes de materiais arqueológicos (cerâmica e faunas) correspondente ao nível de topo da lixeira, já identificado em algumas das sondagens diagnóstico (2, 3, 7, 8 e 11). Após uma limpeza deste espaço foi então possível compreender a grande área de implantação desta mesma lixeira, utilizada durante os séculos XVI e XVII.



Figura 4 – Vista geral da área de lixeira e estruturas associadas à gafaria de Lagos.

Quanto à área da necrópole, permaneceu por definir a sua extensão, uma vez que os contextos funerários foram identificados tanto na zona de lixeira como em níveis arenosos nas imediações da mesma.

Num segundo momento, foram acompanhados os trabalhos de escavação mecânica, no âmbito da obra a decorrer, nas áreas onde não haviam sido identificados contextos arqueológicos até ao momento, nomeadamente na zona Oeste e Sul.

Durante estes trabalhos foi possível registar novos dados, designadamente um conjunto de estruturas positivas, provavelmente associadas às identificadas anteriormente, junto à muralha, e interpretadas como o antigo edifício da gafaria de Lagos (Ferreira et alii: 2008). Trata-se de um conjunto de muros de alvenaria, associados a um possível pavimento, ou à sua preparação, em argamassa que aparentam formar um ou dois edifícios com diferentes compartimentações. No âmbito do acompanhamento arqueológico procedeu-se somente à identificação destes contextos, facto que condiciona a caracterização destas realidades e consequentemente a sua interpretação sustentada.

4. Antropologia

Os contextos osteológicos humanos identificados na presente escavação são constituídos por indivíduos em conexão anatómica e por ossos descontextualizados. Os primeiros foram exumados da sondagem 11 e os segundos das sondagens 2 e 8. Os dados apresentados reportam-se à sondagem 11 e aos indivíduos em conexão anatómica.

Na sondagem 11 foram identificadas 5 conexões anatómicas que deverão corresponder a 4 indivíduos (para mais detalhes ver: Filipe e Godinho, 2008). Em termos funerários destaca-se a aparente ausência de um padrão, sublinhando-se que: a orientação dos indivíduos varia entre norte – sul, nordeste – sudoeste, oeste – este e este – oeste; a posição de deposição varia entre decúbito dorsal e decúbito lateral/ventral. Embora exista alguma variabilidade em necrópoles contemporâneas à apresentada neste texto, estas não apresentam uma heterogeneidade tão elevada quanto à encontrada neste caso. Emergem, assim, algumas questões, que são condicionadas pela reduzida dimensão da amostra: porque não apresentam estes indivíduos uma padronização na sua orientação?; em que contexto cultural se inserirão?; farão parte de um grupo mais alargado em que os restantes apresentam um padrão?; será um grupo de indivíduos isolado?; terá existido alguma pressão que tenha resultado na deposição aparentemente acriteriosa destes indivíduos?; terão estes indivíduos estatutos sociais que lhes imputaram um tratamento funerário aparentemente atípico?

Em termos paleodemográficos constatou-se a presença de um sub-adulto com 8 a 9,5 anos de idade à morte de sexo indeterminado; um indivíduo de sexo indeterminado com 16 a 20 anos caso seja homem e 13,5 a 17 anos caso seja mulher; um indivíduo com mais de 25 anos de idade à morte

em que não foi possível inferir o seu sexo inequivocamente; uma mulher com mais de 25 anos de idade à morte.

Em termos paleopatológicos registou-se a presença de diversos indícios patológicos em todos os indivíduos exumados. No esqueleto [1103] identificou-se presença de patologia infecciosa não específica (periostite) remodelada; patologia degenerativa articular (osteoartrose) ligeira em ambos os pés; patologia degenerativa não articular (entesopatias) na inserção do tendão de Aquiles de ambos os calcâneos; patologia congénita no esqueleto axial, constituída pela sacralização da última vértebra do segmento lombar. No esqueleto [1104] registou-se a presença de patologia degenerativa não articular (entesopatia) ligeira na inserção do deltóide da clavícula esquerda. O esqueleto [1105] evidencia a presença generalizada de patologia degenerativa não articular (osteoartrose) ligeira e de patologia infecciosa (periostite) remodelada. Por fim, foi registada a presença de um indicador de *stress* fisiológico no esqueleto [1108], nomeadamente: *cribra orbitalia* numa órbita de lateralidade indeterminada.

Em síntese, as conclusões passíveis de serem retiradas são limitadas devido à reduzida dimensão da amostra. Em termos culturais destaca-se, novamente, a ausência de um aparente padrão funerário indicativo de um cânone ritual específico. Em termos paleodemográficos não é possível inferir qual o tipo de população. Em termos paleopatológicos os dados apresentados não fornecem informações populacionais, uma vez que os esqueletos não foram analisados sistematicamente. Acresce que a reduzida dimensão da amostra impossibilita qualquer análise paleoepidemiológica.

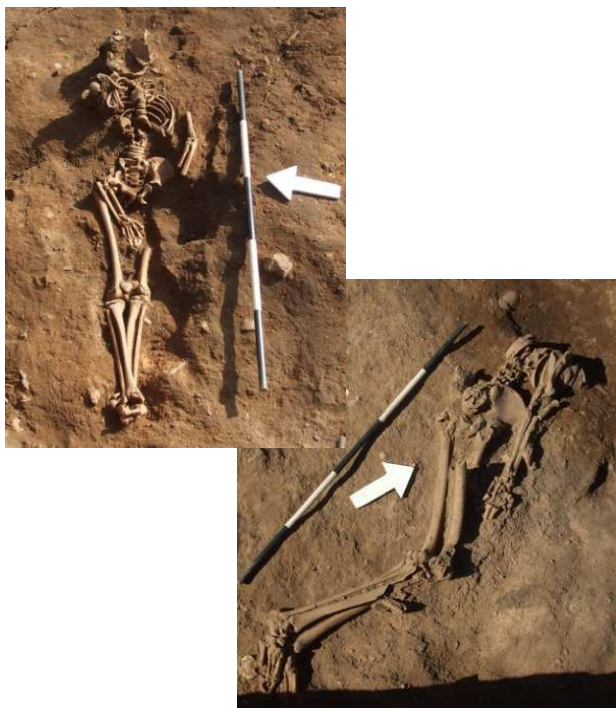


Figura 5 – Esqueleto [1108], em cima, e esqueleto [1103], exumados do Parque da Cidade de Lagos

Destaca-se, novamente, que os presentes dados devem ser contextualizados na, já referida, intervenção arqueológica que ocorreu previamente. Nesta foi exumado um indivíduo que apresentava mutilação da dentição e indícios patológicos patognômicos de, possivelmente, lepra (Ferreira *et al.*, 2008). Há, para além disso, documentos que indicam que nesta área terá existido uma gafaria (Ferreira *et al.*, 2008; Filipe e Godinho, 2008), sendo estes corroborados pelos dados provenientes do acompanhamento arqueológico (ver no presente artigo: Acompanhamento arqueológico). Atendendo a estes dados a aparente atipicidade das inumações registadas pode tornar-se mais compreensível. De facto, a presença de mutilações dentárias foi já identificada no contexto português e correlacionada com, entre outros, escravatura (Filipe e Figueiredo, 2005; Godinho, 2008; Filipe e Figueiredo, 2008). Devido ao seu estatuto sócio-cultural é possível que os escravos possam ter tido um tratamento funerário atípico. A este respeito importa destacar a intervenção realizada pela empresa Dryas, Lda., onde surgiram dados que corroboram a hipótese apresentada e que acrescentam importantes informações para a compreensão deste espaço, tendo estas sido apresentadas no VII encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 2009).

5. Componente artefactual

Os materiais recolhidos no presente trabalho reportam-se maioritariamente a depósitos interpretados como pertencendo à lixeira cronologicamente enquadrável nos séculos XVI-XVII. A datação dos contextos é realizada a partir da faiança, o que se justifica pelo facto deste tipo cerâmico se encontrar melhor sistematizado e estudado. No entanto, um estudo detalhado da cerâmica comum e vidrada será igualmente importante, tanto para a atribuição de cronologias como para a caracterização destes tipos cerâmicos, já que, em contextos fechados, poderão ser datados a partir das faianças existentes.

A caracterização da faiança recolhida nos depósitos pertencentes à lixeira é igual em todas as sondagens onde estes contextos foram identificados. Regista-se o predomínio da "louça malegueira", registando-se em menor percentagem faiança sem decoração, com decoração a azul, azul e manganês e verde (neste caso recolheu-se apenas um fragmento). Registou-se a presença de fragmentos de majólica, policroma e azul, ainda que pouco significativa no conjunto total.

Em termos tipológicos, na "louça malegueira", destacam-se as taças carenadas, com pé em anel ou fundo em ônfalo e os pratos com fundo em ônfalo. Recolheram-se ainda taças com pegas em orelhas, forma que cronologicamente pode recuar ao século XV. Os fragmentos de majólica apresentam dimensões mais reduzidas, inviabilizando a sua reconstrução formal.

A análise preliminar da cerâmica comum proveniente dos contextos de lixeira permite, mais do que apontar cronologias, aspecto que necessitaria de um estudo aprofundado, com recurso a paralelos regionais, estabelecer

uma caracterização sumária dos utensílios utilizados por uma determinada população, podendo constatar-se o predomínio de determinadas formas.

O repertório formal da cerâmica comum e vidrada é homogéneo, verificando-se em todas as sondagens um predomínio das formas de cozinha, nomeadamente os alguidares (com vidrado verde escuro), panelas, púcaros e caçoilas (estes últimos em cerâmica comum). Assinala-se ainda a presença de frigideiras de asa triangular, provenientes, na sua maioria, da sondagem 8.

Em número menos significativo recolheram-se fragmentos de bilhas e candeias, algumas das quais inteiras (sondagens 3 e 8).

No que concerne à loiça de mesa, as taças e tigelas representam as formas predominantes, na sua maioria vidradas, destacando-se na paleta cromática os amarelos e os laranja, com diferentes tonalidades.

Sublinha-se ainda a presença de fragmentos de pasta bege, essencialmente na sondagem 3, que, pelas características da própria pasta, assim como do repertório formal apresentado, permitem colocar a hipótese de corresponderem a materiais de época romana.



Figura 6 – Amostra de cerâmica comum recolhida na sondagem 2 (em cima.) e na sondagem 3 (em baixo).

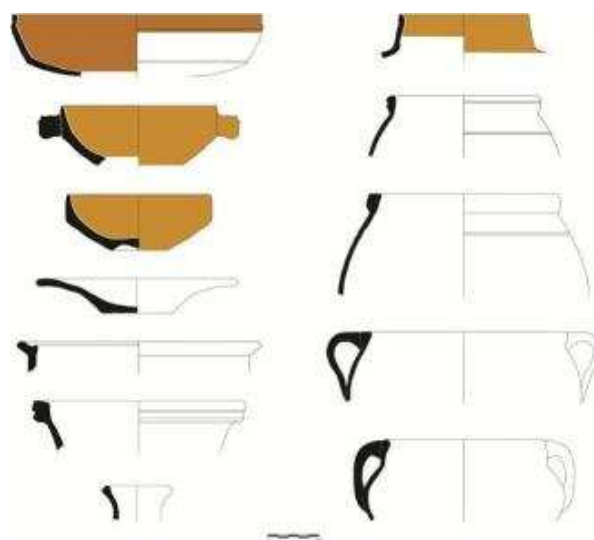


Figura 7 – Algumas formas representadas na Lixeira



Figura 8 – Amostra da cerâmica vidrada recolhida na sondagem 7, [704] e candeia recolhida na sondagem 3



Figura 9 – Amostra de faiança recolhida na sondagem 2 (esquerda) e na sondagem 11 (direita).

6. Considerações finais

Os trabalhos arqueológicos realizados no Parque da Cidade, Lagos, permitiram apresentar dados que indicam a importância histórico-arqueológica deste espaço. A presença de enterramentos inumados num espaço de lixeira representa um elemento atípico na concepção religiosa de Época Moderna, contudo, a presente intervenção, condicionada pelas suas próprias características, não forneceu dados que permitam uma explicação sustentada para esta realidade.

Um outro elemento significativo consiste na componente artefactual e orgânica recolhida na lixeira, cujo estudo permitirá delinear um esboço de uma parte da população de Lagos dos séculos XVI-XVII cujos hábitos e vivências não são contemplados pelas fontes escritas. Que utensílios utilizavam, o que comiam, de que maleitas sofriam em vida, que actividades praticavam e possivelmente de que ou como morreram. Falamos de uma parte da população cujos hábitos quotidianos não são abordados nas fontes históricas

e para o conhecimento dos quais a arqueologia é a única fonte.

Porém, apesar do potencial arqueológico revelado por este espaço, a sua caracterização e compreensão dependem da escavação integral dos contextos arqueológicos preservados. Os trabalhos aqui apresentados reportam-se a sondagens arqueológicas e acompanhamento, cujos objectivos consistiam na avaliação do potencial arqueológico (1ª fase) e posteriormente na delimitação da área da lixeira e dos espaços funerários (2ª fase). A escavação integral do sítio não foi da responsabilidade da Era, Arqueologia S.A., não sendo por isso possível apresentar neste artigo os dados integrais relativos a este espaço, remetendo-se para a leitura do relatório final desses trabalhos, da responsabilidade da empresa Dryas.

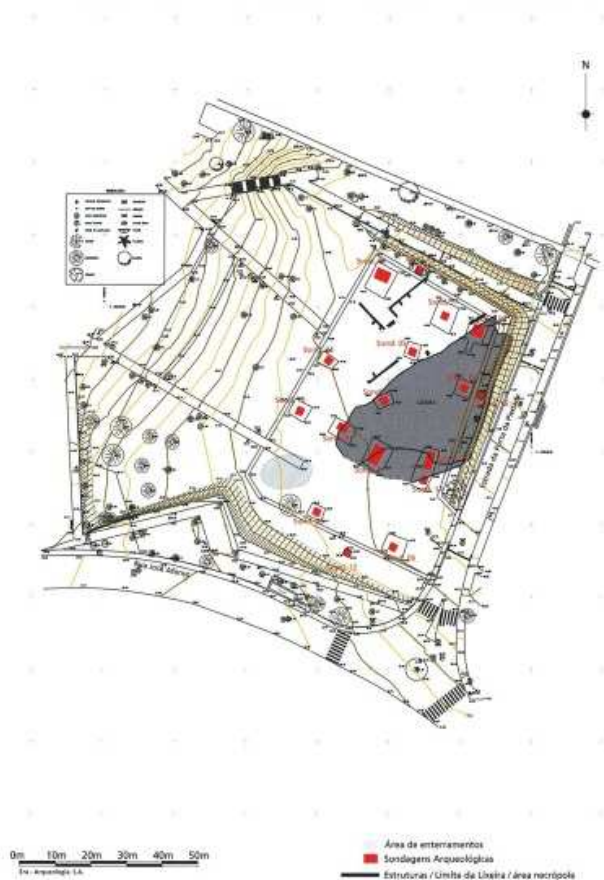


Figura 10 – Localização das sondagens.

Bibliografia Geral

- DUQUE, L. MORÁN, E., FILIPE, I., ALMEIDA, P., COSTA, C. (2006), "Um caso de estudo: Necrópole tardo-romana no Centro Histórico de Lagos", *Actas do 3º Encontro de Arqueologia do Algarve* (Silves, 20, 21 e 22 de Outubro de 2005), Museu Municipal de Arqueologia, Câmara Municipal de Silves, Silves, p. 27-40.
- FERREIRA, N. M., DIOGO, M., Costa, C., FARIA, F., Fernandes, T. M. (2008), "Um edifício, uma planta, um enterramento, as fontes...uma gafaria em Lagos?", *XELB*, 8, Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 25 a 27 de Outubro de 2007), Vol. I. Comunicações, Museu Municipal de Arqueologia, Câmara Municipal de Silves, Silves, p. 431-449.
- FILIPE, I., e FIGUEIREDO, Á. (2005), "Rua do Instituto Bacteriológico - Necrópole do Colégio de Santo Antão-o-Novo", comunicação apresentada no colóquio Era Arqueologia, Lisboa.
- FILIPE, I. e FIGUEIREDO, Á. (2008), "Necrópole do Colégio de Santo Antão-o-Novo: Síntese preliminar dos resultados arqueológicos e antropológicos", *Era Arqueologia*, 8, Lisboa, Era Arqueologia, p. 70-91.
- FILIPE I. e GODINHO, RM. (2008), "Escavação arqueológica do Parque da cidade de Lagos", Comunicação apresentada ao colóquio Era Arqueologia, Lisboa.
- GODINHO, R. (2008), *Vestígios de um Império Passado: a necrópole do Colégio de Santo Antão-o-Novo e a Lisboa dos séc. XVI - XVIII*. Tese de mestrado, Universidade de Coimbra, Coimbra.

Cartografia

- Carta Geológica da Região do Algarve 1:100 000, folha ocidental
- Carta Militar de Portugal, esc.1:25 000, fl.602.
- MANUPPELA, G. (coord.) (1992) - Nota explicativa da Carta Geológica da Região do Algarve, esc. 1:100 000, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.

Abstract

Archaeological work at the Parque da Cidade: new contributions to the Modern Lagos history.

Archaeological interventions were carried out at the city of Lagos which aimed the impact minimization of the construction works of Parque da Cidade. These interventions consisted in 17 archaeological surveys and later archaeological monitoring that allowed the identification of preserved archaeological contexts. These are part of the same archaeological site earlier excavated by Nuno Ferreira and Márcia Diogo, Palimpsesto Ltd company (Ferreira *et al*: 2008). During the archaeological surveys several deposits of a laystall, chronologically framed at XVI-XVII centuries, and funerary contexts were identified. During the archaeological monitoring several structures were identified as well probably belonging to an ancient leprosarium.

ARQUEOLOGIA DE SALVAMENTO NA IRLANDA: UMA PERSPECTIVA PORTUGUESA NO TERRENO.

Luís Lobato de Faria¹

Eunice Alfaite Gomes²

Das muitas conversas e discussões mantidas na Internet ao longo dos anos, principalmente no site do NIA (Núcleo de Investigação Arqueológica da ERA Arqueologia), surgiu o convite do Dr. António Valera para este artigo sobre a nossa experiência na arqueologia de salvamento irlandesa. Depois de uma década de arqueologia de salvamento em Portugal decidimos navegar rumo a novos portos. Partimos com a nossa mala de cartão em busca de maior estabilidade monetária e para conhecer novas maneiras de fazer a ciência arqueológica. Aqui estamos há dois anos na República da Irlanda em terras de *leprechauns* e *shamrocks*. Não pretendemos comparar a arqueologia irlandesa com a portuguesa porque as realidades são muito diferentes. Digamos que aqui não temos o problema da sombra nas fotos uma vez que está sempre a chover. De qualquer modo não conhecemos todo o processo de um projecto arqueológico porque nunca dirigimos uma escavação. Pretendemos apenas contar a nossa história mostrando uma outra realidade que pode servir de inspiração.



Figura 1 – Trabalhos.

Antes de mais parece importante referir a nossa experiência na arqueologia de salvamento portuguesa. Deste modo ficarão a saber quem somos e o que fizemos por terras lusas. Tendo feito o curso de História, ramo de Património Cultural na Universidade de Évora, a saída profissional que encontrámos foi a arqueologia. Nos nossos primeiros trabalhos arqueológicos estivemos sob direcção do Dr. Jorge Oliveira a quem muito devemos. Trabalhámos com o MAEDS (Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal), sob as direcções de Dr. Carlos Tavares da Silva, Dr. Joaquina Soares e Dr. Antónia Coelho Soares. Foi uma segunda universidade. Escavámos também para a Câmara Municipal de Cascais e Câmara Municipal de Sines. Passámos por algumas empresas de Arqueologia como a Antrópica, Ocrimira, terminando a nossa carreira na Era Arqueologia com excelentes escavações e interessantes formações.

Durante mais de 10 anos corremos o país de norte a sul e realizámos o mais variado tipo de projectos: levantamento patrimonial, prospecção, acompanhamento, escavação, tratamento de materiais e realização de relatórios. Uma verdadeira máquina do tempo, trabalhámos em Paleolítico, Mesolítico, Neolítico, Romano, Islâmico e muito, muito Moderno. Trabalhámos como técnicos de arqueologia e arqueólogos sendo por vezes responsáveis pela equipa no terreno, sem no entanto ter dirigido os trabalhos como já referimos.

Apesar de termos trabalho regularmente e com bastante interessante com a Era Arqueologia, decidimos tentar a sorte lá fora, antes que a idade e os compromissos pessoais não o permitissem. Depois de uma pesquisa na Internet encontrámos o site do BARJ (*British Archaeological Jobs and Resources* - www.bajr.org). Neste site descobrimos um projecto de 8 meses na República da Irlanda, com a empresa *Headland Archaeology*, na arqueologia de salvamento das estradas irlandesas. Portanto, em vez de atrasarmos a construção de estradas em Portugal fomos fazê-lo para a Irlanda. A Internet foi uma ferramenta essencial, aqui encontrámos toda a informação e realizámos todos os contactos. Temos que frisar que a arqueologia

¹ Técnico Superior de Património e Arqueologia.

² Técnica Superior de Património e Arqueologia, Mestre em História Local e Regional.

irlandesa usa e abusa da Internet. Não só é o primeiro meio de oferta de emprego, como nesta oferta temos toda a informação necessária para tomar as devidas decisões. É uma importante via de divulgação do conhecimento para publicidade das empresas e arqueólogos, concursos, etc. A Internet foi também uma ferramenta essencial para resolver todos os problemas logísticos e burocráticos.



Figura 2 – Frio e segurança.

As empresas irlandesas publicitam as ofertas de emprego nos respectivos sites. O site de procura de emprego do *BARJ* é excelente, constantemente actualizado, oferece inúmeras oportunidades de trabalho no Reino Unido e na República da Irlanda. As empresas de arqueologia destes dois países utilizam o *BARJ* na formação de equipas para os grandes projectos. Nestas ofertas de emprego toda a informação é disponibilizada à partida: a localização e duração do projecto, os cargos disponíveis e respectivos ordenados. Esta informação parece-me vital quando temos que decidir um caminho a seguir e quanto mais completa melhor. Os projectos raramente fogem aos prazos previstos, não existem interrupções, não temos fins antecipados ou prolongamentos. Os ordenados seguem a tabela do *BARJ*, sendo mais elevados na República da Irlanda e os impostos mais baixos. A título de referência, um Supervisor Júnior ganha 500 euros por semana e daqui tiramos 30 euros para todas as obrigações fiscais. Sem comentários no que toca a impostos e recibos verdes aqui não existem. As horas extraordinárias são mais bem pagas, com os domingos a atingirem o dobro do pagamento normal. Temos um contrato de trabalho, seguro de trabalho, férias e feriados pagos, algumas empresas fornecem o vestuário e o transporte, o alojamento fica por nossa conta. São várias posições oferecidas: *Director*, *Supervisor*, *Site Assistant*, etc, existindo ainda diversos graus dentro das posições. O mais importante, independentemente das qualificações académicas, todos começam por baixo como *Site Assistant grade 3* (portanto o nosso Técnico de Arqueologia em início de carreira). Só depois de mostrar o que se sabe fazer é que se sobe para o degrau seguinte. Mais rápido ou mais devagar, consoante a experiência, trabalho e destreza nas

actividades. Uma nota: nenhuma posição é intocável, se não estiveres à altura do desafio podes ser despromovido ou mesmo despedido. Esta última situação aconteceu a um dos nossos *Project Managers* (o nosso coordenador de projecto), que teve atitudes menos correctas para com a equipa, que reclamou, foi avisado pela empresa e acabou por se demitir. No mínimo um interessante caso de estudo. Para o cargo de *Excavation Director* (o Director de Escavação, aqui não era necessária a tradução, mas para ser coerente) só é necessário o *BA (Bachelor Degree)* e muita experiência. Reunidos estes requisitos o arqueólogo pode então pedir a licença para dirigir escavações, tendo que realizar um teste escrito, oral e prático. Neste tem que mostrar que domina as técnicas, a literatura, os materiais, etc, a grupo de examinadores. Estes examinadores são arqueólogos com carreira comprovada no universo público e privado. Ninguém acaba o curso e vai dirigir um projecto, é necessário dominar as várias metodologias e situações que surgem, o que implica anos de terreno.

Graças à legislação europeia a arqueologia passou a fazer parte obrigatória dos projectos de construção e afins. Nos últimos anos os diversos Estados têm aplicado a legislação nas suas grandes obras. Em Portugal o mega projecto do Alqueva foi exemplo de boa organização e salvamento da nossa identidade cultural, que nos tornou mais ricos como nação. Tudo isto levou a um grande desenvolvimento da Arqueologia empresarial por toda a Europa. Multiplicaram-se as empresas de arqueologia, dedicando-se estas fundamentalmente à arqueologia de salvamento. A República da Irlanda não foi excepção com o surgimento de algumas dezenas de empresas.



Figura 3 – Fossos.

Entre os grandes projectos nacionais de construção irlandeses destaca-se a renovação da rede viária a cargo do *NRA (National Roads Authority - www.nra.org)*. Em 2002 surgiu o *Code of Practice* entre a *NRA* e o *Minister for Arts, Heritage, Gaeltacht and the Islands*, documento que ajudou a criar posições para arqueólogos dentro da *NRA* e assegurou que a arqueologia se tornasse uma parte integral no processo de planeamento das estradas. Portanto a arqueologia irlandesa está incluída no projecto à partida,

com prazos e orçamentos, antes da obra começar. Na realização do EIA (*Environmental Impact Assessment* ou Estudo de Impacto Ambiental pelas nossas terras), os arqueólogos investigam todos os sítios arqueológicos que possam ser afectados pelo trajecto da estrada, fazem a pesquisa histórica, fotografia aérea, quando necessário prospecções geofísicas e prospecções no terreno. Temos que destacar que a prospecção no terreno passa pela realização mecânica de uma vala no centro e ao longo de toda a via projectada. Nas áreas de possíveis sítios arqueológicos esta vala é complementada com outras valas perpendiculares de 20 em 20 metros. A partir daqui são calculados os prazos e recursos a investir nos sítios afectados. Este trabalho é de louvar e representa um investimento monumental. Todos os sítios arqueológicos afectados pela via são escavados integralmente, toda a largura da via é intervencionada. Temos então áreas de escavação que podem atingir os milhares de m², portanto os 30m de largura da estrada a multiplicar por 200m de comprimento (foi esta a dimensão de uma aldeia medieval escavada por nós). Assim, apesar de termos vários cursos de arqueologia nas diversas universidades irlandesas, e até uma escola que se dedica exclusivamente a cursos de arqueologia prática, surgiu a necessidade de recrutar centenas de arqueólogos de todo o mundo. Surgiu também a nossa oportunidade de trabalhar além-mar.



Figura 4 – Remoção mecânica.

Ao longo dos últimos dois anos temos trabalhado na arqueologia de salvamento da Irlanda do Norte e da República da Irlanda. Em empresas de arqueologia familiares ou em grandes multinacionais (principalmente inglesas), nos projectos locais de reduzidas dimensões, em obras municipais de média escala (muito semelhantes aos nossos POLIS), mas principalmente nos grandes projectos de construção de auto-estradas da NRA na República da Irlanda. Aqui começamos como *Site Assistant* e fomos subindo até atingirmos a posição de *Supervisor*. Este tem a responsabilidade de transmitir as instruções do Director da escavação para a restante equipa, orientar os trabalhos, resolver as situações diárias que vão surgindo e organizar o registo na preparação para o relatório. A nosso ver o cargo mais ingrato num projecto arqueológico, no entanto um interessante desafio. Esta posição parece-nos essencial numa escavação e alivia consideravelmente a carga de

trabalho do Director, resolvendo inúmeras situações do dia-a-dia arqueológico. Os sítios arqueológicos a serem intervencionados possuem uma estrutura logística com instalações temporárias divididas em diversas áreas: WC, cantina, vestiários, arrumações de ferramentas, escritório, área de tratamento de materiais e amostras. O clima chuvoso irlandês, a dimensão dos projectos e a própria lei de trabalho irlandesa (no que toca à segurança e higiene no trabalho) exigem uma poderosa máquina logística.

Trabalhamos com centenas de arqueólogos de vários pontos do globo sendo o inglês a língua universal. Para destacar alguns países e pormenores interessantes do seu mundo arqueológico, a Polónia, representa 80% do número total de estrangeiros a trabalhar na arqueologia irlandesa. Interessante saber que os arqueólogos polacos estão, com o respectivo exército, a fazer o levantamento dos sítios arqueológicos no Iraque ou que este país tem uma missão no Egipto, apesar do estado da sua economia. A Suécia está presente com um grande número de profissionais. E este país é famoso pelas suas ferramentas e vestuário arqueológico especializado, principalmente as calças. Outros países com grandes contingentes de arqueólogos na Irlanda são a Espanha (principalmente galegos) e o Reino Unido. Os portugueses encontram-se mal representados com apenas uma mão cheia de profissionais. Ainda a propósito de ferramentas temos que destacar o colherim húngaro em forma de foice e largo o que o torna bastante estranho mas funcional. O nosso pico Ibérico, sendo bastante prático, fez furor, levando mesmo a equacionarmos a sua importação em massa de modo a fazer negócio (enfim sempre portugueses).



Figura 5 – Inumação da Idade do Bronze.

O modo de operar na arqueologia irlandesa é em tudo semelhante ao inglês, baseando-se nos manuais deste país. A nosso ver, a arqueologia do Reino Unido está muito bem organizada e oferece uma boa base de trabalho. Apresentamos uma descrição básica e sumária do modo de escavar na República da Irlanda. Os trabalhos têm início com a remoção mecânica do *top soil* (a camada superficial afectada pela agricultura) com o *monotoring* (acompanhamento) de um arqueólogo. Depois entra a equipa que procede à limpeza manual e identificação das unidades, as *layers* e *features* com *fills* e *cuts* (camadas e estruturas com enchimentos e cortes). Efectua-se o registo do *plan* (plano inicial) e começa a escavação propriamente dita. O método mais usado é a escavação em corte das estruturas (sendo a maior parte estruturas negativas devido à intensidade da agricultura). Depois de identificados os limites das mesmas escava-se a primeira metade por camadas, tirando uma *sample* (amostra) de cada com respectiva *context sheet* (folha de contexto), a *section* (corte) é desenhada e a segunda metade da estrutura removida. O plano final é desenhado, tudo é fotografado e numerado no *log* (registo de campo). Simultaneamente as amostras e *finds* (achados) são tratados por parte da equipa. O *spoil* (terras removidas durante a escavação) é ainda verificado com um detector de metais (esperemos que os nossos amigos detectoristas não leiam este texto). O trabalho de campo é complementado com o *post-escavation*, portanto todos os trabalhos necessários para a realização do relatório, geralmente realizados por uma equipa mais reduzida nos escritórios centrais das empresas de arqueologia. As universidades e respectivos especialistas são consultados durante todo o processo. Os trabalhos arqueológicos em projectos mais pequenos seguem o mesmo molde, mas decorrem em simultâneo com a obra. A NRA têm várias publicações arqueológicas, desde monografias científicas, uma revista para um público em geral, folhetos para divulgação local. Promove palestras locais com os directores de escavação e reuniões científicas.



Figura 6 – Kiln medieval.

Os concursos públicos seguem os moldes europeus. Nas grandes obras da NRA o trajecto da estrada é dividido em secções que vão a concurso separadamente, sendo toda a Arqueologia paga pela NRA e fiscalizada pelos técnicos desta instituição com visitas regulares dos arqueólogos do

County Council (a nossa Câmara Municipal). Nos projectos locais o *County Council* paga e fiscaliza os trabalhos arqueológicos. Não conhecemos a realidade das obras privadas. Na Irlanda do Norte a empresa que ganha o concurso das obras paga parte da Arqueologia, os trabalhos são realizados já com a construção em curso e a fiscalização é realizada por várias instituições estatais e até outras empresas de arqueologia contratadas pela construtora. A situação é mais confusa levando a alguns contratempos no decurso dos trabalhos.



Figura 7 – Dimensão dos trabalhos.

As licenças de escavação são emitidas pelo *Department of the Environment Heritage and local Government* (que é responsável pela base de dados *Dúchas*) e pelo *National Museum of Ireland* (que é responsável pelo Museu Nacional de Arqueologia) que recebem materiais e relatórios. Outras instituições com um papel no Património Cultural são o *OPW* (*Office of Public Works* que tem a seu cargo a exploração dos Monumentos Nacionais) que inclui *National Monuments Advisory Council* e o *Heritage Council*. O *OPW* é também responsável pelo *Urban Archaeological Survey* e pelo *National Heritage Inventory*. Uma instituição privada com um papel relevante é o *An Taische*.

O que encontramos de positivo na arqueologia de salvamento irlandesa? Definitivamente o ordenado e as condições gerais de trabalho. A maneira como o estado encara a arqueologia nos seus projectos, principalmente na NRA, é excelente. De um modo geral os métodos de prospecção são muito bons, as amostragens das unidades são muito completas, tudo com um nível organizativo elevado e valorizando a experiência. A posição de *Supervisor* parece uma excelente ideia assim como o teste para conseguir a licença de *Excavation Director*. A publicação de artigos sobre estruturas, que são tratadas individualmente, é muito interessante.

A relação da arqueologia com o público em geral é muito próxima, seja pelo número de publicações numa linguagem mais acessível, quer pelo papel dinâmico das associações. De destacar a *Kilkenny Archaeological Society* (associação da cidade onde vivemos e da qual fazemos parte). Esta tem sede num edifício medieval na rua principal que vem recuperando há anos. Realiza inúmeras actividades de

divulgação patrimonial (cursos, palestras, visitas, etc), publica periodicamente o seu *Journal*, é sede de uma empresa de arqueologia, tem várias exposições culturais (incluindo uma exposição de arqueologia). Possui uma biblioteca pública especializada na história local, serve-se de vários tipos de voluntariados, participa activamente nos inúmeros festivais da cidade, proporciona vários cursos de formação estatais, servindo ainda de base para várias associações. Sendo *Kilkenny* uma cidade turística, esta associação, com visitas guiadas, espectáculos, encenações de épocas, vendas na loja, etc, consegue reunir bastante dinheiro. Na Irlanda existe ainda a revista quadrimestral *Archaeology Ireland* para o público geral. Uma achega final o *National Museum of Ireland* tem entrada gratuita.



Figura 8 – Trabalhos.

O que encontramos de negativo na arqueologia de salvamento irlandesa?

O facto de a maior parte das estruturas encontradas serem negativas leva a que as escavações em área não sejam habituais. O processo de limpeza, depois da remoção mecânica, é por vezes excessivo, sendo a causa a procura das estruturas negativas. A constante chuva leva a que algumas estruturas e artefactos sejam mal escavados por razões óbvias. Apesar da chuva, nem sempre temos tendas a proteger a área a escavar, pois devido às dimensões destas áreas por vezes é impraticável

Esta nossa experiência na arqueologia de salvamento irlandesa permitiu uma maior estabilidade económica, uma visão em perspectiva da arqueologia de salvamento portuguesa, a troca de conhecimento com profissionais de todo o mundo dentro de uma organização com metodologias que se revelaram bastante eficazes. A Irlanda não tem Sol, a comida não é nada de especial, mas o Turismo ocupa um lugar de destaque e têm no Património Cultural o seu principal chamariz (com os *Pubs*, claro). Portugal tem um Património Cultural muito mais vasto e variado, um clima excelente e uma comida deliciosa, estamos à espera de quê? Uma coisa temos em comum com os irlandeses, a simpatia.

Abstract

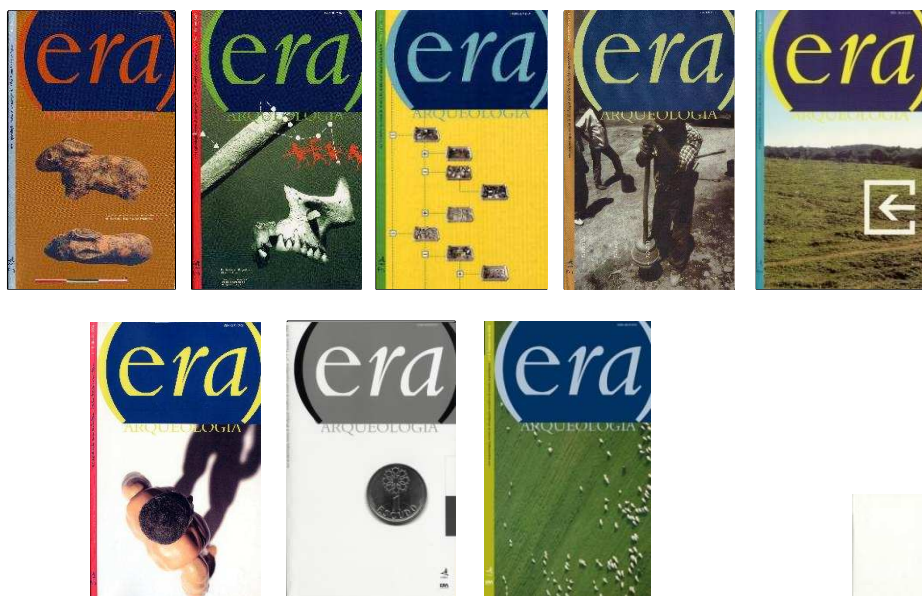
Rescue archaeology in Ireland: a Portuguese perspective in the field

After ten years in the portuguese rescue Archaeology the text authors emigrate to Ireland. In the last two year they lived in Northern Ireland and in the Republic of Ireland working in the rescue Archaeology of this country, mainly working in the big road project and most of the time in field work. The text focus on the work conditions and on the process of excavation in Ireland. We don't try to compare the different archaeological realities, we want only to share how thing are done in Ireland.

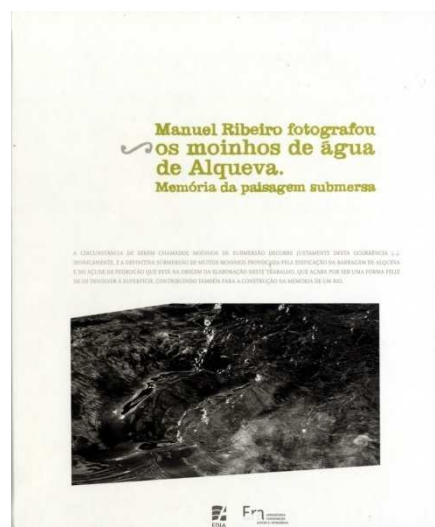
OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA

Série ERA Arqueologia

Oito volumes publicados entre 2000 e 2008



Livro de fotografias de Manuel Ribeiro sobre os moinhos de água de Alqueva



"Holocénico [o blog]" de
António Valera

Textos sobre produção de
conhecimento, património,
arqueologia e o seu ensino e
profissão.

ERA Arqueologia S.A.
Calçada de Santa Catarina, 9C
1495-705 Cruz Quebrada
- Dafundo

www.era-arqueologia.pt
geral@era-arqueologia.pt
nia@era-arqueologia.pt